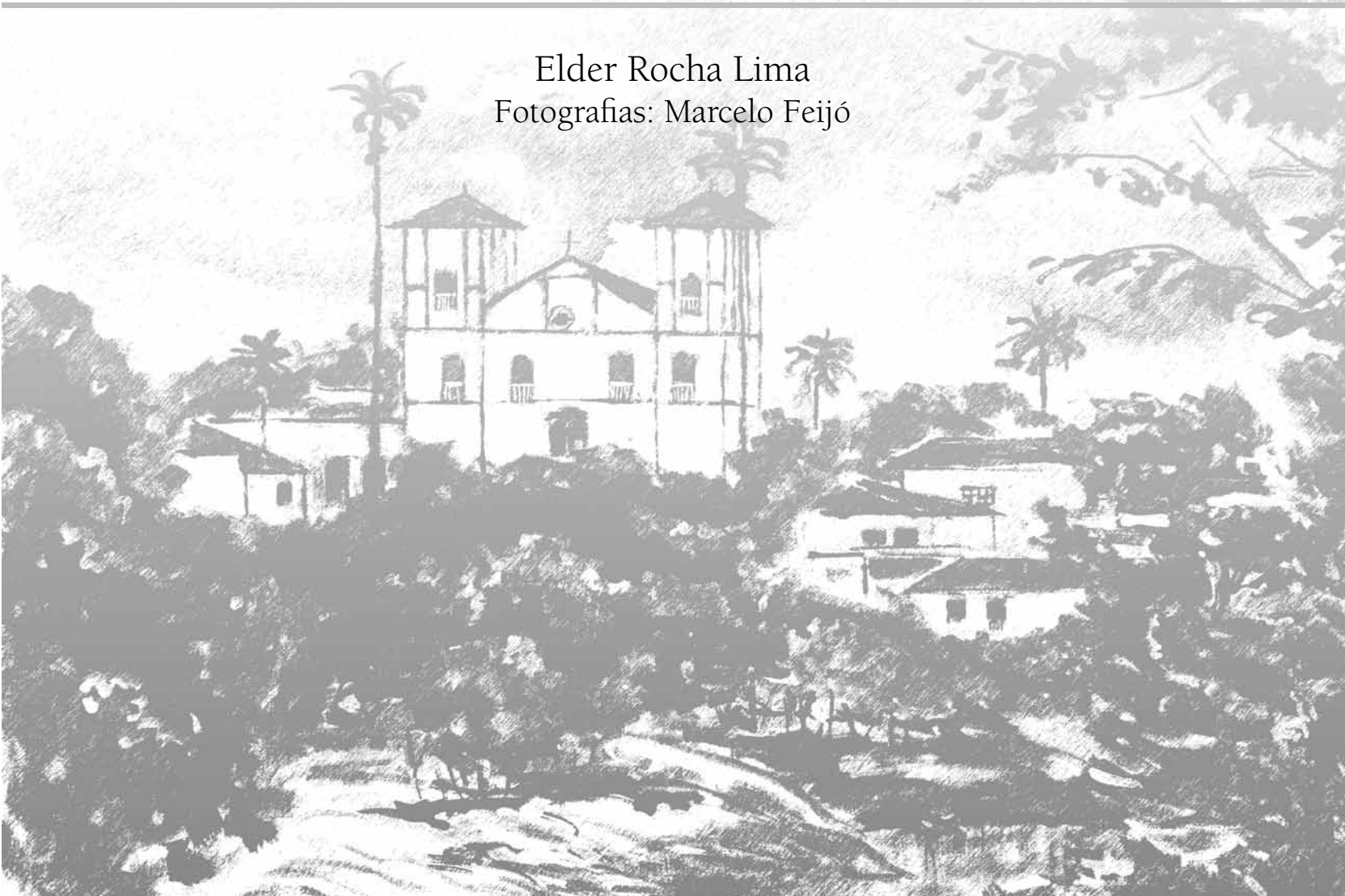
Guia Sentimental da Cidade de Pirenópolis

Elder Rocha Lima
Fotografias: Marcelo Feijó



PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Luiz Inácio Lula da Silva

MINISTRO DA CULTURA
Juca Ferreira

PRESIDENTE DO IPHAN
Luiz Fernando de Almeida

CHEFE DE GABINETE
Fernanda Pereira

PROCURADORA-CHEFE FEDERAL
Lúcia Sampaio Alho

DIRETORA DE PATRIMÔNIO IMATERIAL
Marcia Sant'Anna

DIRETOR DE PATRIMÔNIO MATERIAL E FISCALIZAÇÃO
Dalmo Vieira Filho

DIRETOR DE MUSEUS E CENTROS CULTURAIS
José do Nascimento Junior

DIRETORA DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO
Maria Emília Nascimento Santos

COORDENADORA-GERAL DE PESQUISA, DOCUMENTAÇÃO E REFERÊNCIA
Lia Motta

COORDENADOR-GERAL DE PROMOÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL
Luiz Philippe Peres Torelly

SUPERINTENDENTE REGIONAL DO IPHAN EM GOIÁS//TOCANTINS/MATO GROSSO
Salma Saddi Waress de Paiva

Guia Sentimental da Cidade de Pirenópolis

Elder Rocha Lima
Fotografias: Marcelo Feijó

1ª Edição
Goiânia

IPHAN Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Ministério da Cultura
GOVERNO FEDERAL

2010

© Elder Rocha Lima. Brasília, 2010

Proibida a reprodução total ou parcial deste livro sem autorização do editor
(sanções previstas na Lei n. 9.610, de 20 de junho de 1998).

Elder Rocha Lima
Texto e desenhos

Marcelo Feijó
Fotografias

Bia Feijó
Revisão de texto

Genilda Alexandria
Projeto gráfico

Marcus Lisita Rotoli
Diagramação

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA ALOÍSIO MAGALHÃES

LYYYg Lima, Elder Rocha.
Guia sentimental da cidade de Pirenópolis / Elder Rocha Lima. __ Goiânia, GO : IPHAN / 14ª Superintendência Regional, 2010.

144 p. : il. ; 22 cm.

ISBN : XXXXXXXXX-X

1. Goiás - História. 2. Goiás – Arquitetura. 3. Goiás – Cultura. I. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. II. Título.

CDD YYY.YY

Este livro é dedicado aos meus netos
Julia, Renato, Gustavo, Ivo, Luiza, Pedro
e João que adoçam minha vida.

Introdução

Este Guia não é um guia turístico. Mas acredito que possa interessar a um turista com certa curiosidade intelectual, mas não, é claro, àqueles que só vão apreciar o passeio pela Cidade após a observação das suas fotografias...

Tento aqui uma perspectiva a vol d'oiseau da Cidade em toda a sua complexidade física e espiritual. O escopo do trabalho não permite aprofundamento, mas sim abrangência, ainda que um pouco limitada. Admito uma certa visão impressionista e pessoal e, em função disto, talvez se tenha avultado certas coisas ou apequenado outras. Como o livrinho não tem pretensões acadêmicas, isto se torna, creio, perdoável.

Tomei como modelo meu trabalho Guia Afetivo da Cidade de Goiás, também editado pelo Iphan. Isso é compreensível por várias razões – são Cidades irmãs, tiveram a mesma origem, isto é, o ciclo histórico do ouro e quando cessada essa exploração, consolidaram-se de mesma maneira, isto é, com base na economia agropecuária. Por outro lado, o intercâmbio político e cultural entre as duas cidades sempre foi intenso. Também a movimentação populacional, inclusive as grandes famílias tradicionais, importantes ou não, daqui têm ramificações lá. O próprio autor do trabalho é descendente de famílias de Pirenópolis e da Cidade de Goiás e tem bastante vivência com as duas Cidades. Daí o "à-vontade" que se sentiu para fazer os dois trabalhos.

Queria fazer, inicialmente, alguns comentários, em tom de advertência: à semelhança da Cidade de Goiás, não espere o visitante encontrar uma Cidade repleta de monumentos e obras de arte conspícuas. Ao contrário, é simples e humilde, pequena e singela, pobre e despretensiosa. Mas aí é que reside seu grande valor, sua singularidade e sua importância em nossa história: ela é, em si e por si, uma obra de arte naïf, ingênua, às vezes tosca e mal acabada, mas de um conteúdo estético evidente porque brotou do fundo de sensibilidades virgens.

O isolamento a que a Província de Goiás foi submetida em virtude das lonjuras com relação à nossa histórica civilização litorânea nos obrigou a (re)criar, a improvisar e a (re)inventar nossa maneira de fazer e viver. Às vezes o insucesso acontecia, mas eram lições para bons aprendizes.

Para construir esta Meia-Ponte ou a Vila Boa de Goiás não foram convocados artistas, arquitetos, urbanistas e outras figuras importantes (e, às vezes, arrogantes), para planejar, desenhar e definir esses espaços construídos. Ao contrário, foi o povo que fez a Cidade sem planejadores e sem máquinas e com poucos instrumentos. Foi feita à mão por pretos, mulatos, caboclos, brancos, travestidos de mestres-de-obras, pedreiros, carapinas, entalhadores, ferreiros, pintores, e tantos outros necessários para levantar as nossas moradas, nos abrigar das intempéries, criar meios de preparar nossa comida, propiciar nosso re-

pouso, acolher nossa vivência amorosa e criar nossos filhos. Os instrumentos utilizados foram aqueles absolutamente simples - o que foi possível obter na época e que, na realidade, eram simples prolongamentos das mãos.

Este livro se compõe de texto e alguns desenhos a bico-de-pena produzidos pelo autor. Procurei ser, o mais possível, fiel aos modelos. Também foram incluídas fotos de Marcelo Feijó abordando temas que, no meu entendimento, ficariam melhor que desenhos.

As liberdades interpretativas, tomadas nos desenhos e fotos, são resultantes de uma conduta normal em quem lida, hoje, com as duas formas de produção artística: é necessário certa criatividade e relativa liberdade para que se consiga atingir bons resultados.

Cabe aqui uma observação: os nomes das ruas, praças, logradouros de maneira geral, adotados no livro, são aqueles que a população usa, por tradição, e não os nomes oficiais com que se pretende homenagear alguém, geralmente algum político em evidência que, quando cai em desgraça, é substituído por outro.

Esse trabalho só foi possível porque inúmeras pessoas contribuíram com ele – informando, relatando e recordando fatos da Cidade e sua história. Impossível relacionar todos, mas sou-lhes grato.

Consultamos muitas obras e documentos, todos de alto nível, e que no decorrer do texto estão explicitados, direta ou indiretamente. As imperfeições aqui contidas correm por nossa conta.

O impulso inicial e contínuo recebido para produzir este trabalho, deve-se, particularmente, a duas pessoas – o Prefeito Nivaldo Melo e a Superintendente do Iphan em Goiás, Salma Saddi – dois amigos incontestáveis de Pirenópolis.

O autor

Sumário

11 História da cidade
27 Espaço geográfico
65 Arquitetura
91 Arquitetura religiosa
105 Edifícios institucionais
113 Expressão intelectual e artística
125 Pirenópolis turístico
129 Festas populares
139 Costumes alimentares



1 História da cidade

O atual município de Pirenópolis ocupa uma área de 2.300 quilômetros quadrados e abriga uma população de cerca de 20.000 habitantes.

A formação histórica da Cidade de Pirenópolis é espelho da formação da Cidade de Goiás. Ambas foram motivadas por dois impulsos econômicos que lhes deram semelhanças formais. Para aumentar essas semelhanças, o sítio geográfico em que estão inseridos tem o mesmo *facies*. Todas as duas Cidades situam-se nas faldas da ondulação geológica que em Vila Boa se chama de Serra Dourada e em Pirenópolis, Serra dos Pireneus.

Em 1731 o companheiro do Anhanguera, Manuel Rodrigues Tomar descobre ricas jazidas de ouro nos contrafortes da Serra dos Pireneus, junto ao Rio das Almas. Assim, surgiu o arraial de Meia Ponte, que mais tarde teria seu nome mudado para Pirenópolis.

Em abono a essa afirmação quanto ao nome do fundador desta Cidade, passa-se a palavra ao historiador local, o renomado Jarbas Jayme:

> Quanto à fundação do arraial de Meia Ponte, estamos de acordo com os historiadores e a tradição, contestes em nos assegurarem que tal iniciativa partiu de Manuel Rodrigues Tomar que, verificando serem aquelas paragens ricas do precioso e cobiçado metal, ali se estabeleceu, com grande número de aventureiros, e deu início à mineração e à lendária cidade.

Sabemos que dois motivos básicos faziam mover para cá o bando de bandeirantes, oriundos principalmente de São Paulo: a busca obsedante do ouro e a preação dos índios para serem vendidos como escravos nos mercados do litoral brasileiro que, diga-se de passagem, não eram objetivos muito nobres. Os elogios que cabem aos bandeirantes poderão ser limitados à coragem física que ostentavam e que os fazia mover, com muitas dificuldades, pelo sertão inóspito do Brasil Central.

Outra coisa: não havia "descoberta" alguma, como se habituam a afirmar os livros oficiais de história quando tratam do assunto da chegada desses brancos, por estas paragens. Nossos índios, comprovadamente, já habitavam esses cerrados há mais de dez mil anos!... Na realidade, houve uma invasão que se revestiu de atitudes, frequentemente, de uma crueldade sem par. Os índios, verdadeiros donos da terra, quando não aceitavam a escravidão eram dizimados a fio de espada ou tiros de arcabuzes. Isso aconteceu numa grande e impressionante escala na região dos, hoje, estados de Goiás e Tocantins. Mas, particularmente aqui, na região do arraial de Meia Ponte, ou não existiam indígenas, ou eles já tinham, ajuizadamente, adentrado os sertões para fugirem das "benesses" da civilização européia que lhes trouxe maus hábitos além de doenças desconhecidas.

Os negros que trabalhavam nas minas, ou melhor, nos garimpos, provinham do Mercado de Escravos do Rio de Janeiro e eram da raça bantú, vindos de Angola. Outros eram originários da Bahia e oriundos da Costa do Ouro, muitos deles maometanos e homens livres em suas terras.

A mortalidade entre os negros escravos era enorme – morriam aos magotes, vítimas dos maus tratos, do trabalho pesado e insalubre dentro da água péssima alimentação, higiene precária, maus tratos

físicos e, ainda, contaminados por doenças de brancos. Isso é facilmente verificável nos livros de óbitos da Cidade.

Apesar de tudo, houve miscigenação, inclusive porque as experiências sexuais dos "sinhozinhos" se faziam com as mucamas, isto é, escravas domésticas. Nessa hipótese, a população da nossa Cidade formou-se com a contribuição do sangue europeu e africano e pouco do sangue indígena, pelo menos na Cidade.

A Cidade de Pirenópolis, além de um melhor clima com relação à Cidade de Goiás, principalmente no que diz respeito à temperatura média, situava-se na confluência dos grandes caminhos em demanda de São Paulo, Minas, Rio de Janeiro, Bahia, Mato Grosso. Assim, nos seus primórdios, Meia Ponte rivalizou-se em importância econômica com a Vila Boa, capital da Província. Chegou mesmo a ser cogitada como condição de capital, mas a inércia da administração colonial não possibilitou isso.

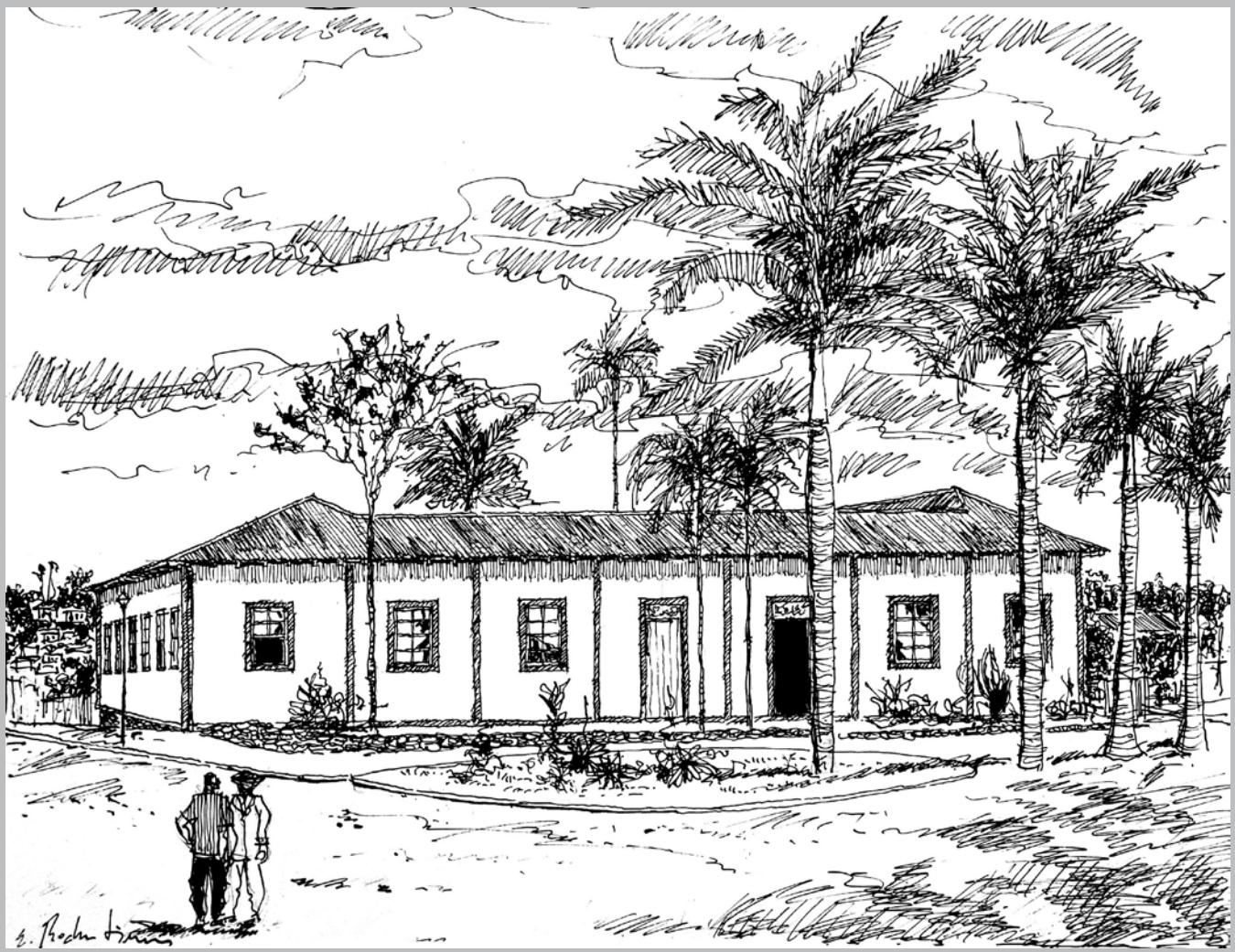
O ouro das margens do Rio das Almas, à semelhança do ouro das margens do Rio Vermelho na Cidade de Goiás, atraiu os aventureiros de todos os perfis, muitos, como soe acontecer nesses casos, totalmente inescrupulosos.

O império português, a cada descoberta de ouro aqui no Planalto Central, enchia-se de entusiasmo – mais dinheiro para Portugal, mais recursos para a manutenção de uma classe ociosa dos fidalgos e, mais tarde, a partir de 1755, financiamento para a reconstrução de Lisboa, sob as ordens do déspota lúcido Marquês de Pombal. Isso se fez em tal magnitude que se pode considerar que o belo centro de Lisboa de hoje, foi edificado, em parte, sobre os ombros curvados e doloridos dos pobres escravos, bateando nos barrancos do Rio Vermelho e do Rio das Almas. Ou melhor, foi edificada sobre os ossos dos negros que não resistiam à fome, às doenças e aos maus tratos que lhes impuseram. As glórias do vaidoso Marquês estão apoiadas nos cadáveres desses filhos de Deus...

Para evitar a dispersão de esforços na busca do ouro, do qual o império português retinha para si a quinta parte, proibia-se na Cidade qualquer outra atividade que não fosse o comércio rotineiro e a garimpagem. É fácil imaginar que se tinha, então, uma sociedade baseada numa colossal diferença de renda – alguns poucos, muito poucos, detentores de grande riqueza e a ampla maioria mergulhada na pobreza e na extrema miséria.

Um dos grandes representantes, por exemplo, dessa estrutura social, no lado dos privilegiados, era o Sargento-mor Antonio Rodrigues Frota, de origem lusitana. Morava num grande sobrado na margem direita do Rio das Almas, no sopé do morro que lhe tomou o nome e onde, hoje, estão instaladas as antenas de televisão. O botânico Willian John Burchell representou-o num belo desenho a lápis quando passou por Meia-Ponte, em 1827 e cujas ruínas (alicerces) ainda existiam na primeira metade do século passado. O grande sobrado desapareceu após a morte da última filha do Sargento-mor. Essa residência era um verdadeiro palácio onde imperava um luxo de nababo. Relata a lenda que, quando as filhas do Frota dirigiam-se à missa, trajando-se luxuosamente e precedidas, em procissão, por mucamas e pajens, todos aspergiam ouro em pó nas em arrumadas cabeleiras para bem enfeitá-las. A lenda também relata, aliás, vingando tanta soberba, que as filhas do Sargento-mor Frota morreram na miséria, chegando ao nível de pedintes de esmolas.

O Sargento-mor Frota faleceu em 1774, deixando doze filhos, sendo sete mulheres. Todas morreram em Pirenópolis, sem descendentes, e estão enterradas, como os pais, na Capela de Nossa Senhora do Monte do Carmo, construída a expensas do refe-



rido Sargento-mor para melhor atender ao conforto de sua família. Esta capela é o atual Museu de Arte Sacra.

Mas o ouro aluvionar, tecnicamente mal explorado, nas margens do Rio das Almas, como não podia deixar de ser, esgotou-se e a miséria e a decadência tomaram conta da Cidade, assim como na antiga Vila Boa de Goiás. Isso começou a ocorrer aí por volta de 1770. Como a economia da Cidade estava toda voltada para a produção do ouro, foi extremamente difícil voltar-se para outro segmento econômico que seria, naturalmente, a agropecuária. Essa adaptação foi dolorosa e o braço escravo teve, então, que ser encaminhado para a produção rural e isso não foi fácil, em vista do desconhecimento que se tinha do assunto, tanto dos proprietários quanto dos trabalhadores braçais.

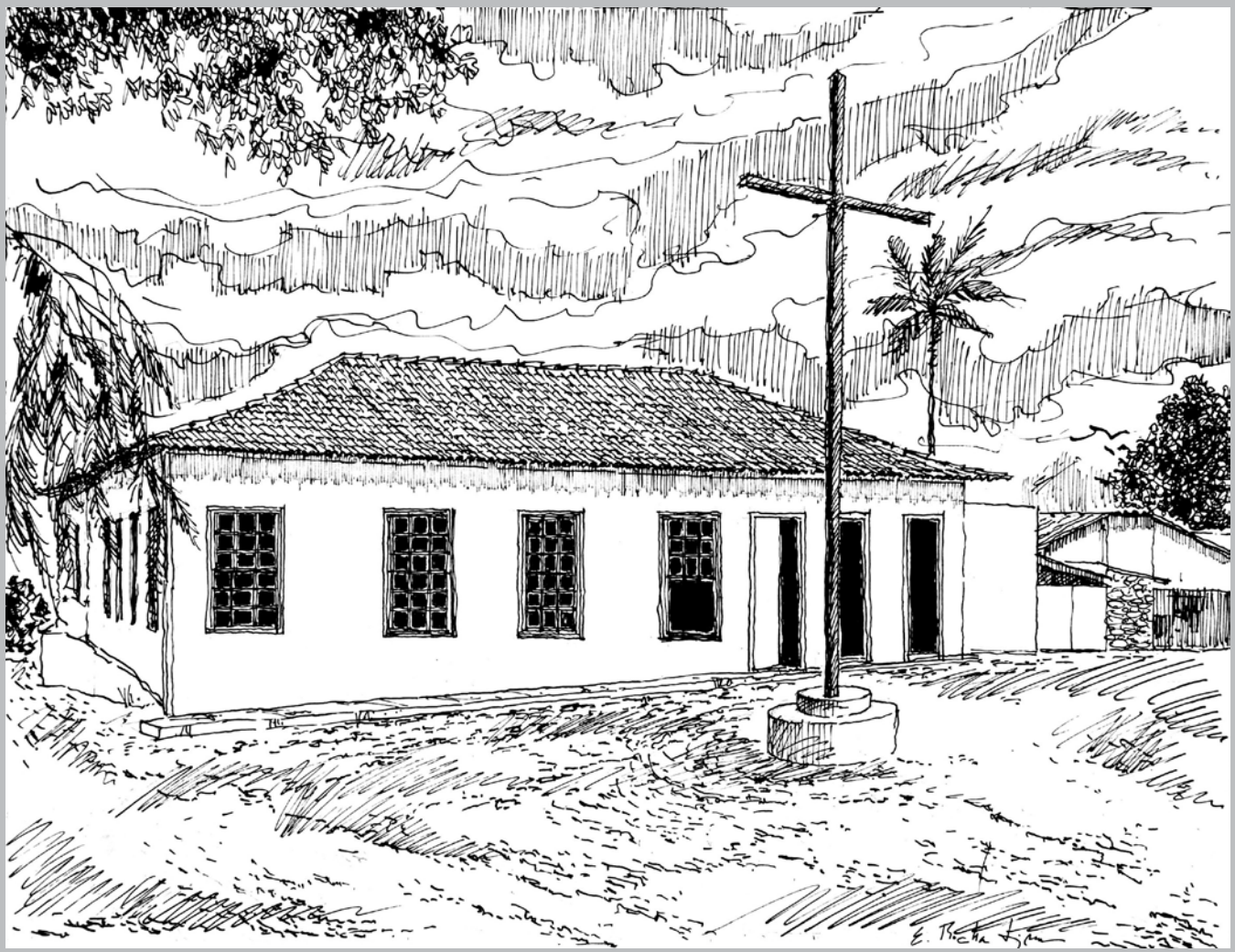
> O ouro brasileiro é na maior parte de aluvião, e se encontra sobretudo no leito dos cursos d'água e na suas margens mais próximas. Ele resulta de um processo geológico milenar em que a água, tendo atacado as rochas matrizes onde antes se concentrava o metal, o espalhou por uma área superficial extensa. Daí a pequena concentração em que foi encontrado e o esgotamento rápido dos depósitos, mesmo os mais importantes. O que sobra é de um teor aurífero tão baixo que não paga trabalhos de vulto, e dá apenas para o sustento individual de modestos faiscadores isolados, Esta situação se prolonga aliás até hoje. Em toda a região do Brasil Central (compreendendo os Estados de Minas Gerais, Goiás, boa parte de Mato Grosso e Bahia) ainda se encontra ouro em quase todos os rios e margens adjacentes. Mas numa percentagem tão baixa que sua exploração se torna antieconômica. A ela se dedicam apenas uns pobres faiscadores que mal conseguem apurar o seu sustento diário.
> (Caio Prado Junior – *História Econômica do Brasil*).

Mas a verdade é que essa adaptação a novas formas de sobrevivência trouxe consigo uma série de conseqüências positivas como a diversidade produtiva, a estabilidade social, a estratificação de uma sociedade anárquica do garimpo, a criação de categorias profissionais e um incremento nos padrões culturais.

Isso tudo e outras coisas conduziram a Cidade a assumir um perfil de aglomeração civilizada. Com o abandono da atividade de mineração e seus sonhos de riqueza fácil, os moradores passaram a considerar aquela Cidade como local de morada, com todas as implicações que isso representa. Sob ponto de vista urbano a Cidade tomou formas definidas com suas ruas delineadas, assim como praças, igrejas, edifícios públicos, etc. A vida social também tomou forma, especialmente com a vida cultural – surgiram as orquestras, as escolas, os vagidos literários, o teatro, as técnicas de representação pictórica, as festas religiosas ou profanas etc. Intensificou-se também o intercâmbio comercial e, com isso, as viagens, em que se pôde observar o que existia fora das fronteiras da pequena Cidade. Os que demandavam as paragens daqui já não eram aventureiros, destituídos de escrúpulos, mas pessoas que procuram um local para viver, criar sua família e participar das vantagens da vida urbana.

Outro acontecimento, este curioso e emblemático, ligado à produção do ouro, é representado pela destruição da mina do Abade (o nome advém de um tal Ignácio do Abade, negro velho e garimpeiro, que a descobriu na margens de um afluente do Rio das Almas).

Essa mina ficava a 18 quilômetros da Cidade de Corumbá de Goiás e foi explorada por uma companhia de mineração, a Companhia Prado, sediada no Rio de Janeiro e que estava introduzindo métodos mais modernos para extração do metal, ao invés dos métodos empíricos dos faiscadores, de baixo rendimento. Tratava-se de uma evolução tecnológica.



O gerente que operava a mina era um tal Alfredo Arena, cujo verdadeiro nome era Bernard Ambalard. D'Arena, curioso personagem que merece um retrato mais detalhado. Era, aparentemente, francês e homem culto, formado em Odontologia e ainda com conhecimentos técnicos variados. Portava estatura mediana, louro e com olhos azuis. Falava várias línguas e era muito polido. Além disso, trajava-se com impecável elegância – trajes brancos, chapéu chileno, botas, um largo poncho e sempre armado com revolver e cartucheira. Andava a cavalo, acompanhado por dois robustos seguranças negros, armados de poderosas garruchas e três enormes cães de fila cabeçudos. Sua casa em Corumbá de Goiás era de um luxo e comodidades impressionantes – possuía água encanada, mobílias finamente trabalhadas e vindas da Corte, tapeçarias e cortinas de veludo. Tinha na casa uma sala de armas com espingardas, clavinotes, revólveres, espadas, garruchas, etc. Seus banquetes eram famosos na Cidade e como bebidas corriam o ***champagne*** e ***cognac*** franceses. Apesar de polido, era, quando queria, desaforado, irônico e sarcástico.

Seguem-se trechos de uma crônica do Sr. Luiz Reginaldo Fleury Curado, reproduzida pelo historiador Jarbas Jayme em seu Esboço Histórico de Pirenópolis:

> ...instalou-se Arena no Abade, num dia perdido do ano de 1885. Contratou trabalhadores na vizinha Corumbá e fez construir rego d'água, todo calçado, que conduzia o líquido a duas calhas de madeira pixada, no fim das quais havia um aparelho hidráulico que impelia a água, com força, para dentro de uma tubulação de ferro, através da qual era atirada ao barranco. Na ponta dessa tubulação uma peça que regulava o esguicho, controlando a maior ou menor força com que a água era atirada. Um homem, de uma escada, segurava a mangueira, orientando o seu jato para os lugares determinados no barranco. O curso d'água canalizado era um dos afluentes do rio das Almas, que servia de abastecimento da cidade de Meia Ponte.

Mais adiante no texto, diz o cronista:

> A água usada na lavagem do ouro ia cair no rio das Almas, dia sim dia não, isso porque um dia era destinado à derrubada do cascalho, e o seguinte para sua lavagem.O rio ficava reduzido a um curso d'água barrenta que descia pelo leito afora, debaixo da indignação dos moradores de Meia Ponte. Nos dias de lavagem do cascalho a corrente de lama era tal que impedia a passagem pelo rio, atolando os cavalos e privando d'água a cidade.

A população de Pirenópolis protestava, as autoridades, timidamente às vezes, protestavam, inclusive o governo estadual, e essas manifestações de desagrado quanto a atitude de Arena chegaram até ao conhecimento do Imperador Pedro II que nada fez. Mas as respostas do gerente da mina às interpelações da autoridade eram tergiversadoras e, frequentemente, irônicas ou sarcásticas. Fazia, por outro lado, uma política no sentido de agradar o comércio e população de Corumbá, estimulando um sentimento de rivalidade nas populações das duas Cidades, Corumbá e Pirenópolis, cujos resquícios permanecem até hoje.

Arena preparou-se para enfrentar alguma invasão das minas – sabia que era odiado - construiu casa de pólvora e chegou a colocar um canhão e morteiros em um ponto estratégico, para sua defesa, das minas e da pequena Cidade que tinha construído em volta dela.

Mas, ao que parece, o francês sentiu que sua posição começava a ficar insustentável e, mais ainda, ao que parece, as minas estavam se exaurindo. De forma oportuna, Arenas viajou para o Rio de Janeiro, sob o pretexto de visitar a família.

Nesse momento, com ânimos exacerbados, e em vista da inércia dos poderes constituídos, um

grupo de vinte e quatro cavaleiros, armados, com as caras pintadas de preto e embuçados, invadiu as minas e destruiu as suas instalações, isso ocorreu em 22 de março de 1887. Três dias depois, voltaram e destruíram o que ainda sobrara. O grupo que empreendeu essa razia foi comandado por um jovem herói de 17 anos, Sisenando Gonzaga Jayme de tradicional família meiapontense.

Não resta dúvida que essa atitude foi uma manifestação pioneira de defesa do meio ambiente!

Arena, por esse tempo, estava no Rio de Janeiro, mas assim mesmo tentou processar os pretensos autores do atentado. A justiça se moveu e depois de muitas peripécias os "caras-pretas" foram absolvidos.

Alfredo Ambalard d'Arena nunca mais voltou a Goiás e morreu, nos princípios do século passado, em Araguari, Minas Gerais, onde se tornara fazendeiro.

Igualmente, um dos personagens mais sedutores da história de Pirenópolis, foi o Comendador Joaquim Alves de Oliveira. Sua importância social, política e econômica para a Cidade foi de tal ordem que se pode, sem exagero, considera-lo como uma instituição, ao invés de um simples cidadão particular.

Esse homem empreendedor foi quem evitou que a Cidade entrasse em decadência, em virtude da falência das atividades de extração do ouro, pois provocou, com suas iniciativas pessoais e com grande êxito, um deslocamento da economia rumo ao eixo da agropecuária.

Joaquim Alves de Oliveira nasceu em 1770 no Arraial de Pilar de Goiás, outra Cidade de Goiás erigida em função da mineração aurífera. Ficou órfão muito cedo e foi criado e educado por um padre. Em 1792 foi para o Rio de Janeiro para se ordenar como sacerdote, mas lá foi despertado para as atividades comerciais, onde teve sucesso. Voltou para Goiás e estabeleceu-se em Pirenópolis e, com uma pequena fortuna nas mãos, voltou-se, principalmente para atividades de produtor rural, mas com um dimensionamento de caráter industrial.

Em 1802 iniciou a construção do Engenho São Joaquim (atual Fazenda Babilônia) - uma iniciativa extremamente ousada, pois foi um dos maiores engenhos de açúcar do Brasil na época.

Casou-se em 1803 e teve vários filhos, que morreram, só lhe restando uma filha que se casou com um seu braço-direito nas suas atividades industriais e comerciais. O Comendador era um homem bastante religioso e com preocupações intelectuais muito acentuadas, tanto que criou, a suas expensas, a primeira biblioteca pública da Cidade.

O biografado também importou uma tipografia completa do Rio de Janeiro (fabricada fora do Brasil) e publicou, durante muitos anos, um jornal denominado Matutina Meyapontese que foi o primeiro jornal editado em Goiás. Esse fato demonstra sua visão progressista. Curioso é que o Comendador não importou o tipógrafo, e a tipografia da época, ainda à maneira de Guttemberg, utilizava-se dos tipos móveis, de chumbo, que eram arranjados à mão e às avessas – tarefa que exigia muita habilidade, além de certa cultura. A técnica era compor palavra por palavra, linha por linha, coluna por coluna, tudo isso dentro de uma certa lógica e elegância visual, inclusive com o uso de vinhetas.

Mas o Comendador era um homem ousado: sabia que residia na Cidade um certo Mariano Teixeira dos Santos, habilidoso sapateiro, homem letrado e sério. O fundador do jornal não teve dúvidas, mandou chamá-lo e disse-lhe, segundo Jarbas Jayme:

> Mandei chamá-lo, Seu Mariano, porque necessito de sua pessoa. Comprei u'a máquina para fazer aqui um jornal e lembrei-me que o senhor, habilidoso como é, poderá encarregar-se desse serviço.



Paisagem da Fazenda Babilônia, antigo Engenho São Joaquim



Altar da capela da Fazenda Babilônia



Sinos da Fazenda Babilônia



Cozinha da Fazenda Babilônia

> Sei que o senhor não entende da arte, mas os padres Gonzaga e Manuel Amâncio têm instruções a respeito e lhe darão as necessárias explicações. Deixa sua tenda e venha, que terá melhor resultado.

Esse pedido do Comendador, homem poderoso, não era para deixar de ser atendido e o pobre sapateiro, mesmo em pânico, aceitou a incumbência.

Os conhecimentos dos padres eram teóricos e vagos, mas assim mesmo conseguiram transmitir ao sapateiro alguma coisa além dos sapatos.

De uma maneira ou de outra, em 5 de março de 1830, veio à luz o primeiro número do Jornal, a partir daí com duas edições semanais e, logo depois, três edições. O jornal era, na realidade, uma espécie de Diário Oficial, publicando coisas de interesse dos governos estaduais e municipais de Goiás e Mato Grosso, com raras notícias jornalísticas, como as conhecemos hoje.

O jornal circulou até 1834. Após seu fechamento as máquinas e o tipógrafo foram para a Cidade de Goiás para constituir o Diário Oficial.

O Engenho São Joaquim foi grande produtor de algodão para exportação. Açúcar, farinha de mandioca, rapaduras, algodão, fumo e outros produtos eram enviados ao Rio de Janeiro por uma tropa de 300 muares (levavam três meses em viagem).

O brilhante naturalista austríaco Johann Emmanuel Pohl, que esteve viajando pelo Brasil entre 1817 e 1821, esteve em Goiás e visitou o Engenho São Joaquim e em seu livro ***Viajem ao Interior do Brasil***, assim se refere a ele:

> ...chegamos a um dos maiores engenhos de açúcar do Brasil, o Engenho do Coronel Joaquim Alves, ... Este engenho é magnificamente instalado e cercado de muros. O edifício compreende muitas divisões, pátios etc. A residência do dono é ligada com as habitações dos escravos solteiros. Uma divisão única forma o engenho propriamente dito, com quartos e residência para hóspedes. Uma terceira divisão é a morada dos escravos casados. Os pátios, igualmente cercados de muro, servem para o gado. Existe ainda uma horta, onde há marmeleiros, um pequeno moinho e uma fiação de algodão. Todos esses edifícios são térreos e daí a grande extensão do conjunto. As pedras da casa são unidas com barro. São dignas de louvor a ordem e a decência que reinam nessa propriedade. O principal produto do estabelecimento, depois do açúcar, é o algodão, que o dono envia anualmente ao Rio de Janeiro, no valor de 20.000 cruzados. As provisões para uso doméstico, milho, feijão, arroz etc., apesar de consideráveis em vista do número de escravos e pela largueza com que são tratados, produzem-na os próprios negros Usam-se para o serviço divino duas capelas com belos altares e bem providos de alfaias de prata.

Também o extraordinário naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire esteve em Meiaponte e no seu livro clássico ***Viajem à Província de Goiás***, muito crítico às nossas coisas, não economizou elogios ao Comendador.

Em 1833 ocorreu uma tragédia em sua família - sua mulher foi assassinada. A verdadeira estória do fato está envolta por um manto de dúvidas, informações incorretas, interpretações oficiais contraditórias, lendas, etc. Daí para diante, os entusiasmos do similar regional do Barão de Mauá perderam seus ímpetos. Em 1851, com 81 anos, morreu o Comendador e seu corpo foi sepultado na Igreja Matriz da Cidade. Com sua morte encerrou-se um ciclo econômico onde esse grande homem representou um papel decisivo.

Um clima de decadência apossou-se da Cidade após a morte do Comendador e o esfacelamento do seu império econômico. Colaborou com isso a nova Cidade surgida próxima a ela - Santana das An-

tas, mais tarde, Anápolis, que lhe sugou inúmeras atividades econômicas.

Mas, posteriormente, com a construção de Goiânia e, mais tarde, Brasília, houve um aumento expressivo nas atividades econômicas de Pirenópolis principalmente em função do turismo e da exportação do quartzito – a conhecida pedra de Pirenópolis (excelente para revestimentos de piso) que ainda hoje tem papel importante na sua economia.

Em 1989 a Cidade foi lembrada, pelas autoridades no assunto, como um dos mais expressivos exemplos da arquitetura e urbanismo do passado colonial e foi parcialmente tombada pelo Iphan (Instituto do Patrimônio e Histórico Nacional) que cuida de sua preservação com bastante competência e, infelizmente, poucos recursos. Com isso as atividades turísticas tiveram um novo alento e a Cidade vivificou-se ainda mais.

À volta de Pirenópolis situam-se vários povoados como, por exemplo, Praca, Caxambu, Lagolândia e Capela. São de reduzida população, mas todos têm sua história e principalmente suas festas anuais, simultaneamente religiosas e profanas, que atraem centenas de "festeiros".

Desses, o principal deles é Lagolândia – pequena Cidade que se situa a 34 quilômetros da sede do município. Sua fundação prende-se a exploração do ouro que se encontrava em aluviões nos cascalhos dos ribeirões e rios da região, principalmente no Rio do Peixe que fazia jus ao seu nome em razão de sua alta piscosidade.

Sobre esta Cidade paira uma sombra de misticismo que se traduz em uma série de festividades religiosas: Festa de São Sebastião, Folia de Santos Reis, Folia e Festa de São João Batista, Festa do Divino Pai Eterno, Festa de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário e Festa de Nossa Senhora da Conceição. Essa marca mística tem um forte componente religioso-popular, com uma visão particular do catolicismo, muitas vezes em confronto com a ortodoxia da Igreja Católica.

Mas, antes de tudo, Lagolândia foi e é marcada pela presença da taumaturga conhecida como Santa Dica. Embora falecida em 1970, sua projeção messiânica ainda se debruça sobre a Cidade e há, por parte de sua população, o orgulho e respeito por ter sido o berço e a morada de Benedita Cipriano Gomes; Santa Dica dos Anjos, nascida em 1905. Desde a mais tenra idade Benedita Cipriano acusou dotes excepcionais, no entendimento de sua família. Cresceu e tornou-se uma moça frágil, mas ostentando uma beleza incomum, algo surpreendente principalmente entre a gente sofrida e mal tratada de nossos sertões. Desde mocinha a nossa Dica começou a praticar curas milagrosas com a simples imposição de mãos. Entrava também em transe, permanecendo em sono hipnótico, e afirmava que os anjos falavam com ela e lhe davam orientações para seu procedimento.

A notícia das curas milagrosas da já agora apelidada Santa Dica espalhou-se pelas cercanias de Lagolândia e depois irradiou-se para regiões mais longínquas. Em torno de sua figura, começou a se reunir um grupo de pessoas absolutamente convencidas de seus dotes extra-sensoriais e que lhe tinham uma obediência e uma admiração sem restrições. Lagolândia principiou a se tornar uma Meca para doentes e pessoas ávidas para penetrar no seu mundo mágico. Não se pode ignorar que essas pessoas, sertanejos na sua maior parte, tinham a tal receptividade às pregações da messias sertaneja como aqueles que se reuniram em torno do Antônio Conselheiro, no interior da Bahia em passado não muito remoto e condições sociais parecidas. O pano de fundo não era muito diferente: as terríveis dificuldades de sobrevivência do sertanejo numa região onde a posse da terra era de poucos e onde faltava-lhes tudo,

principalmente educação, saúde e moradia. E, ainda, seu trabalho duro na terra, como empregado, meeiro ou arrendatário era pessimamente remunerado e ausente de quaisquer direitos trabalhistas. Santa Dica dava-lhes esperança e constituía uma liderança que talvez transformasse suas vidas miseráveis e, inclusive, chegava a reclamar, num tom revolucionário e inquietante para a classe dominante, da falta de terras para seus apaniguados.

Examinando os acontecimentos de Lagolândia, a primeira coisa a observar seria que Benedita Cipriano, embora analfabeta, tinha qualidades de liderança que se pode remeter a um enorme carisma. Suas arengas, como as do Conselheiro, eram ouvidas com fervor e respondiam a anseios íntimos das almas simples e sequiosas de justiça que a cercavam.

Sua fama ultrapassou as fronteiras do Estado, a imprensa do Rio de Janeiro, São Paulo e outros grandes centros, começou a publicar notícias do movimento messiânico que medrava em Goiás. A figura de Santa Dica ajudava a criar lendas em torno do assunto – mulher frágil, analfabeta e de certa beleza - provocava um interesse quase sensacionalista, contrapondo-se à imagem de um messias feio, esquálido e repelente que era mais fácil de se admitir, particularmente em vista da figura muito divulgada do Conselheiro.

O Governo do Estado começou a preocupar-se, e, por essa época, dominava o clã dos Caiados, latifundiários e autoritários. Tentaram, a poder de armas, desmanchar a multidão dos seguidores de Santa Dica – transformaram-na, sem que ela pretendesse, numa guerrilheira. Com essas atitudes belicosas, apoiadas pela Igreja oficial, o movimento messiânico cresceu ainda mais e o discurso e a conduta da líder religiosa e/ou política se encaminharam para o terreno político.

Faltava aos dirigentes políticos e da Igreja da época um mínimo de compreensão antropológica e humana do movimento de Lagolândia e somente viam a ameaça a seus poderes absolutos e ao próprio sistema econômico vigente. Nessas tentativas de exterminar a sedição aconteceram muitas mortes de gente absolutamente inocente, de ambos os lados. Mais tarde as coisas se acalmaram, o quadro político mudou, mas o prestígio da Santa Dica pouco se alterou, tomou novas formas.

Nessa época, o tom messiânico de Benedita Cipriano foi temperado com uma dose de desejo de mando político – parece que a mosca azul a mordeu. O prestígio dela foi utilizado eleitoralmente por vários políticos, inclusive por Juscelino Kubistchek, nas suas campanhas eleitorais.

No auge da sua fama milagreira, um jornal da Capital da República mandou um repórter cobrir os acontecimentos. O jornalista Mario Mendes que se ligou tanto à Santa Dica que acabou se casando, oportunisticamente, com ela, fez uma carreira política, por intermédio da esposa, tendo sido, inclusive, prefeito da Cidade de Pirenópolis.

Santa Dica casou-se duas vezes – a primeira com Mario Mendes que certas pessoas afirmam ter vendido sua esposa para um seu apaixonado, Francisco Teixeira, que viveu com ela até sua morte, em Goiânia, em 1970. Mesmo depois de ter redimensionado sua vida, abandonando a chefia de grupos de seguidores, continuou sua missão de curar enfermos e acolher desvalidos em sua casa, em Goiânia.

A trajetória de vida de Santa Dica já foi objeto de inúmeros estudos acadêmicos, filmes e documentários.

Benedita Cipriano Gomes e seu marido Francisco Teixeira estão sepultados na praça principal de Lagolândia, praça, aliás, muito bem cuidada pelas senhoras da Cidade.

O túmulo de Santa Dica é bastante visitado e ainda hoje recebe pedidos dos que ainda crêem na sua santidade e poder de cura.

Na época do auge do poder messiânico de Santa Dica o ilustre poeta católico Jorge de Lima, nome destacado das letras nacionais, de características modernistas, lá do Rio de Janeiro, escreveu um longo poema dedicado a ela e do qual reproduzimos algumas estrofes:

Santa Dica

Quando ela era pequena
Não sofreu bicho de pé...
Quando ela ficou moça,
A cama dela era estreitinha,
As mãos juntas para o céu,
Pernas juntas para o mundo. (...)
Quando ela ficou moça
Ficou santa,
Fez milagres,
Curou gente,
Curou moléstias-do-mundo,
Curou mais
Que Padre Cícero Romão (...)
O Rio do Peixe (...)
– Rio Jordão (...)
O rio santo do sertão (...)
Rio do Peixe de Santa Dica,
Rio do Peixe?
– não
Rio do Cão.
SantaDica do Rio do Peixe,
Santa Dica de Goiás,
Santa Dica do Sertão?
– não
Santa Dica do Rio de Janeiro,
Santa Dica de São Paulo,
Santa Dica do Brasil!
Santa Dica, ora por mim!



2 Espaço geográfico

O Cerrado Mais Uma Vez

Cai o risco no chão
e certa flora,
desenhada por um gnomo,
louco,
expele a última experiência,
descontrolada,
com a geometria dos fractais.

Florescem os campos gerais.
Na trégua entre iguais e desiguais.

Vives como eu. E torto
e arqueado, com o velho esforço
de sobreviver do árido no cerrado.

(Paulo Bertran – *Sertão do Campo Aberto*)

A Cidade de Pirenópolis tem a mesma estrutura e fisionomia geográfica que tem a Cidade de Goiás. Elas, as duas Cidades, se parecem em muita coisa, inclusive nisso – ambas foram aninhadas ao sopé de uma serra de características geológicas e botânicas muito similares – a Serra Dourada em Vila Boa e a Serra dos Pireneus em Meia Ponte.

A topografia tumultuada do sítio da Cidade possibilitou, inclusive, a ocorrência de inúmeras cachoeiras que constituem um dos atrativos da Cidade.

A nossa Cidade localiza-se no centro do Brasil, distante 150 quilômetros de Brasília, 120 de Goiânia e 1300 do litoral. Está em plena região dos Cerrados que ocupa, ou melhor, ocupava, antes de sua exploração descontrolada pela agricultura e pecuária, cerca de 30% do território nacional. Em termos de regiões brasileiras está, a antiga Meia Ponte, no chamado Centro-Oeste, especificamente Planalto Central do Brasil.

Visualmente o Cerrado se caracteriza por uma vegetação de arbustos, geralmente retorcidos, folhas coriáceas, cascas rugosas e raízes muito profundas (alguém já afirmou, com muita propriedade, que o cerrado é uma floresta às avessas). O chão é revestido de uma vegetação típica de capins e plantas rasteiras de variadas formas. O cerrado, com seu aspecto característico, é, às vezes, interrompido por matas ciliares, ou mesmo matas ralas. Árvores maiores comparecem nessas matas e representam um local de repouso para os viajantes, homens ou animais.

Nos meses de julho e agosto, período da estação das secas, o cerrado assume cor monótona, pardo-acinzentado, e apenas se orna de poucas flores e raros frutos. Nesse momento acontecem as queimadas, prática idiota e criminosa que, sob o pretexto de limpeza e renovação, mata espécies botânicas e animais, além de perturbar a atmosfera com emissão de monóxido de carbono, nosso grande inimigo. Felizmente, mas não justificando essa prática indecente, o cerrado tem certa capacidade de recuperação – aqueles campos pretos, aparentemente mortos, logo depois das primeiras chuvas, renascem e se vê ressurgir a vida e acontecem os campos floridos e verdejantes.

Quem tem uma capacidade de observação mais acurada pode divisar no cerrado uma variedade de formas, desenho e cores, através de suas folhas, sementes, frutos, texturas de troncos, inflexão de galhos, etc. Tudo isso se apresentando com uma variedade formal surpreendente. Ao lado desse visual contrapõem-se os sons emitidos pelos seus habitantes, centenas de insetos e pássaros enchem o ar com sua música que vão do grave ao agudo metálico.

Quem, repito, tem olhos para ver, ouvidos para ouvir, nariz para cheirar, enfim, uma alma um pouco poética, tem no cerrado um repertório prazeroso e encantador e, seguramente, se apaixonará por ele.

O historiador e poeta Paulo Bertran e outros atribuíram tanta importância a esse ecossistema que enfatizaram a expressão ***Homo cerratensis*** para nós daqui destas bandas, projetando-nos no passado ancestral, com psiquismo e cultura particulares que ele, o cerrado, imprimiu na alma de seus habitantes, antes mesmo dos europeus chegarem.

Os frutos do cerrado formam um capítulo a parte – nos oferece a pitanga, o abiu, o araçá, o barú, a guapeva, o ingá, o jaracatiá, a mangaba, os cajus (do arbusto ao rasteiro), a curriola, o araticum, o murici, a marmelada de cachorro, a cagaita, o veludo, a mama-cadela, a gabiroba, os coquinhos variados (macaúba, catarro, e outros mais). Isso só para falar em alguns comestíveis para nós, pois existem outros que só os animais apreciam. Reinando absoluto nesse mar de arbustos, sub-arbustos e plantas rasteiras, alteia-se o pequizeiro que pela sua majestade merece ser citado aqui pelo expressivo nome técnico – ***Caryocar brasiliense***. Trata-se de uma espécie extraordinária quando bem adulto, de belo porte e sombra amiga na soalheira do sertão. E, para nosso gáudio, ostenta uma flor belíssima, antecedendo o fruto que é a paixão culinária do goiano.

Contrapondo-se à secura do cerrado, o oásis acontece vez por outra, um resfriado, um brejo (onde se pode beber água de cacimba, cavada por algum viajor) e que, quase sempre ostenta a elegância do buriti, com seu fuste de coluna arquitetônica, apresentando na copa um conjunto de folhas em leques, contidas numa forma esférica, verde-escuro. No buriti a geometria se regozija: tronco, folhas, frutos obedecendo a um rigor de geometria euclideana, antítese da liberdade caótica da vegetação adusta que envolve seu ***habitat*** – geometria fractica do cerrado.

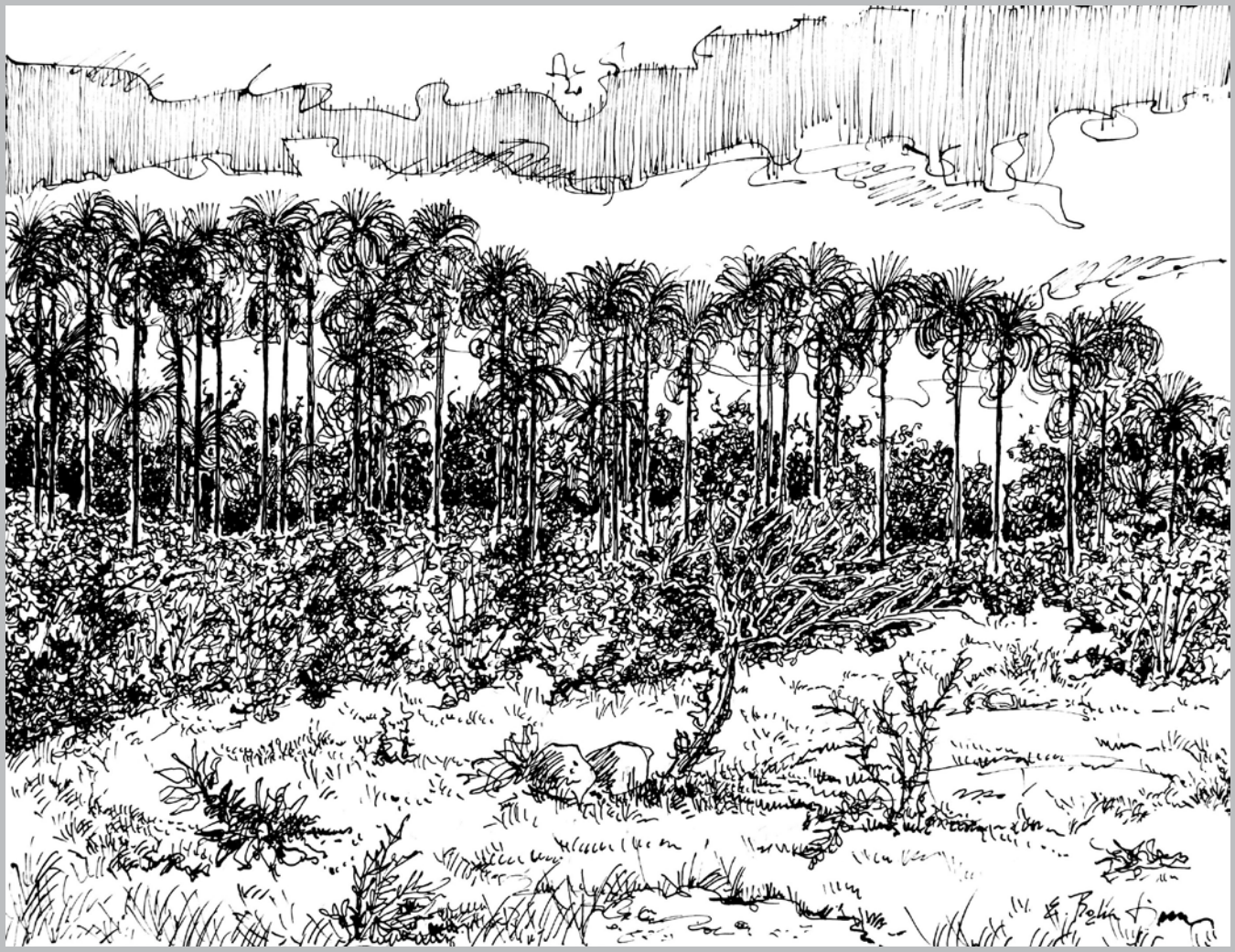
Em elogio ao buriti lembremos um trecho do escritor regionalista mineiro Afonso Arinos de Melo Franco:

> No meio da campina verde, de um verde esmaecido e merencório, onde tremeluzem, às vezes, as florinhas douradas do alecrim do campo, tu te ergues altaneira, levantando ao céu as palmas tesas – velho guerreiro petrificado no meio da peleja!

Mas o cerrado não é só botânica: o que dizer de seus habitantes, inclusive os alados? Quem comunga com as belezas do cerrado não se esquece dos contrapontos sonoros dos inumeráveis pássaros que revoluteiam por galhos e planam nos céus, a rolinha fogo-pagou, com seu vôo musical, o João-de-barro, esse nosso construtor, sempre atarefado e de canto escandaloso, a seriema com sua estranha risada, o quero-quero agressivo, os periquitos que cantam de pura alegria de viver o dia todo, os povís delicadíssimos, a juriti nos assustando pelo vôo repentino, os passos-pretos executando seus dobrados, e, à tardinha, a saracura cantando três potes, além das jaós melancólicas cantando as dores de suas penas. Isso para não encompridar o assunto. Quanto aos animais de pelos, hoje raridades, tem-se, ou melhor, tinha-se, o veado-campeiro, a suçuarana, o lobo-guará, o tatu, a raposa arisca, o tamanduá, o guariba cujo urro assusta os medrosos, e na outra extremidade, de diminuto tamanho, os macaquinhos sonhins alegres e buliçosos.

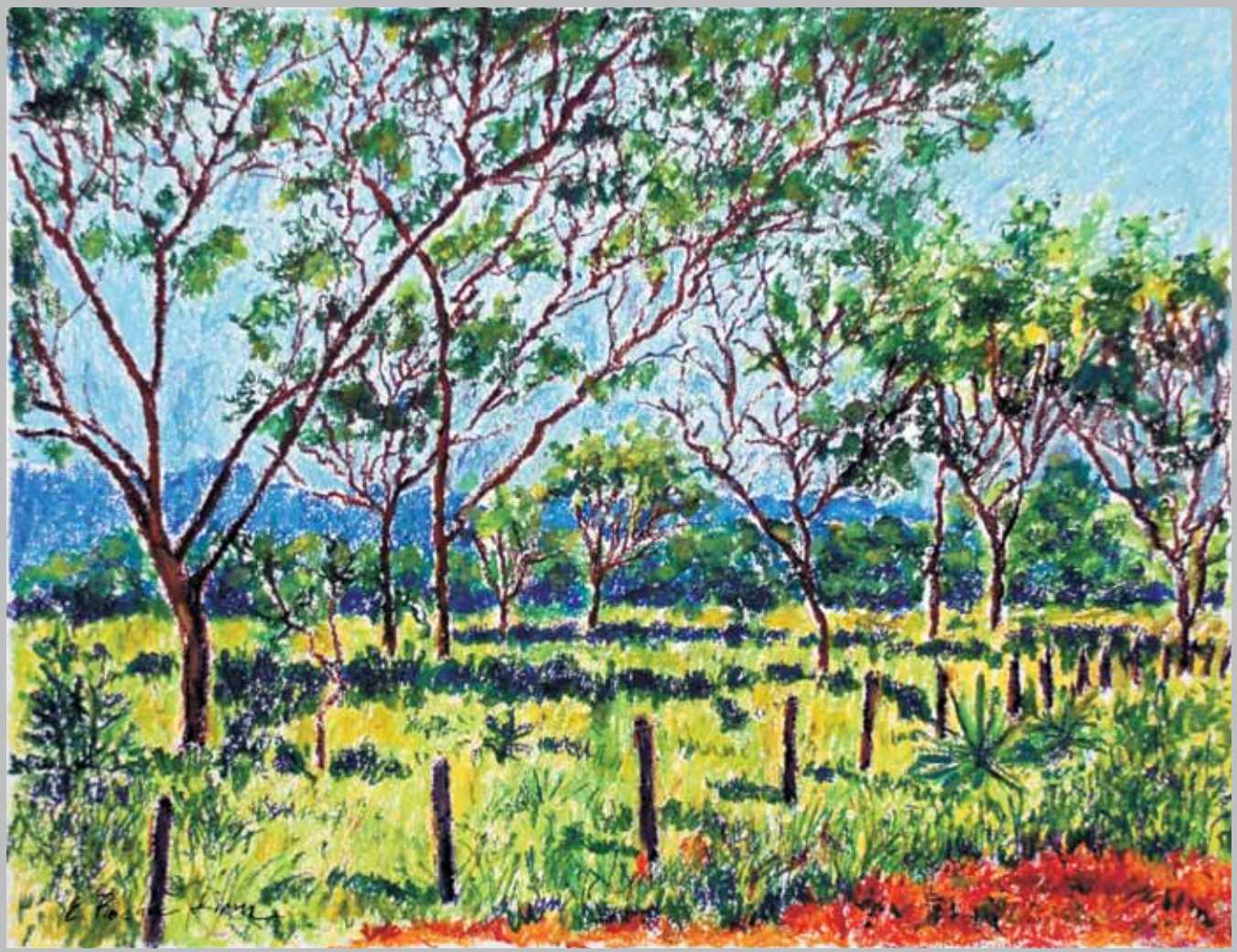
Seria uma injustiça esquecer-se de citar outros entes que habitam estas plagas, principalmente o curupira, proto-ambientalista, que, coitado, está sendo derrotado na sua missão histórica de proteger as árvores e os bichos. Se as coisas continuarem como estão indo terá que requerer aposentadoria e na condição de aleijado, pois tem os pés para trás, como todos os geralistas sabem.

Mas voltando a outros habitantes de nosso cerrado: os insetos, grilos, cigarras, zumbis etc.











fornecendo os sons agudos necessários à polifonia agreste. Mas, por falar em insetos não nos esqueçamos das borboletas, essas flores aladas:

> Porque nos Gerais, a mesma raça de borboletas, que em outras partes é trivial regular – cá cresce, muito maior; e com mais brilho, se sabe; acho que é do seco do ar, do limpo, desta luz enorme.
> (Guimarães Rosa - *Grande Sertão, Veredas*)

E, finalmente, para não dizer que não se falou de flores, avultando na policromia do cerrado lembremos a caraíba (um tipo de ipê) que uma vez por ano se engalana com suas flores amarelas, mas tão amarelas que fariam os girassóis de Van Gogh morrerem de inveja. Mesmo durante o resto do ano o cerrado se paramenta de dezenas de florzinhas anônimas azuis, roxas, amarelas, vermelhas, brancas, para satisfação dos beija-flores e abelhas que fazem com denodo seu trabalho de amorosa fertilização.

Embora Pirenópolis situe-se na região chamada de Planalto Central do Brasil, de dominância visual horizontal, bem característica, em vista de pretéritos acidentes geológicos, a Cidade encravou-se numa micro-região de topografia bastante tumultuada. Está como que envolvida e abraçada pela serra dos Pireneus. Esta serra tem uma paisagem digna de ser desfrutada, como se fora ruínas de uma Cidade de ignota civilização, além de sua botânica, às vezes extravagante. Aliás, a serra é um ambiente cheio de surpresas, tanto na sua formação rochosa quanto na vegetação ali existente. Existe por lá um ecossistema particular, com formas novas e insuspeitas. Ainda está pedindo estudos mais completos.

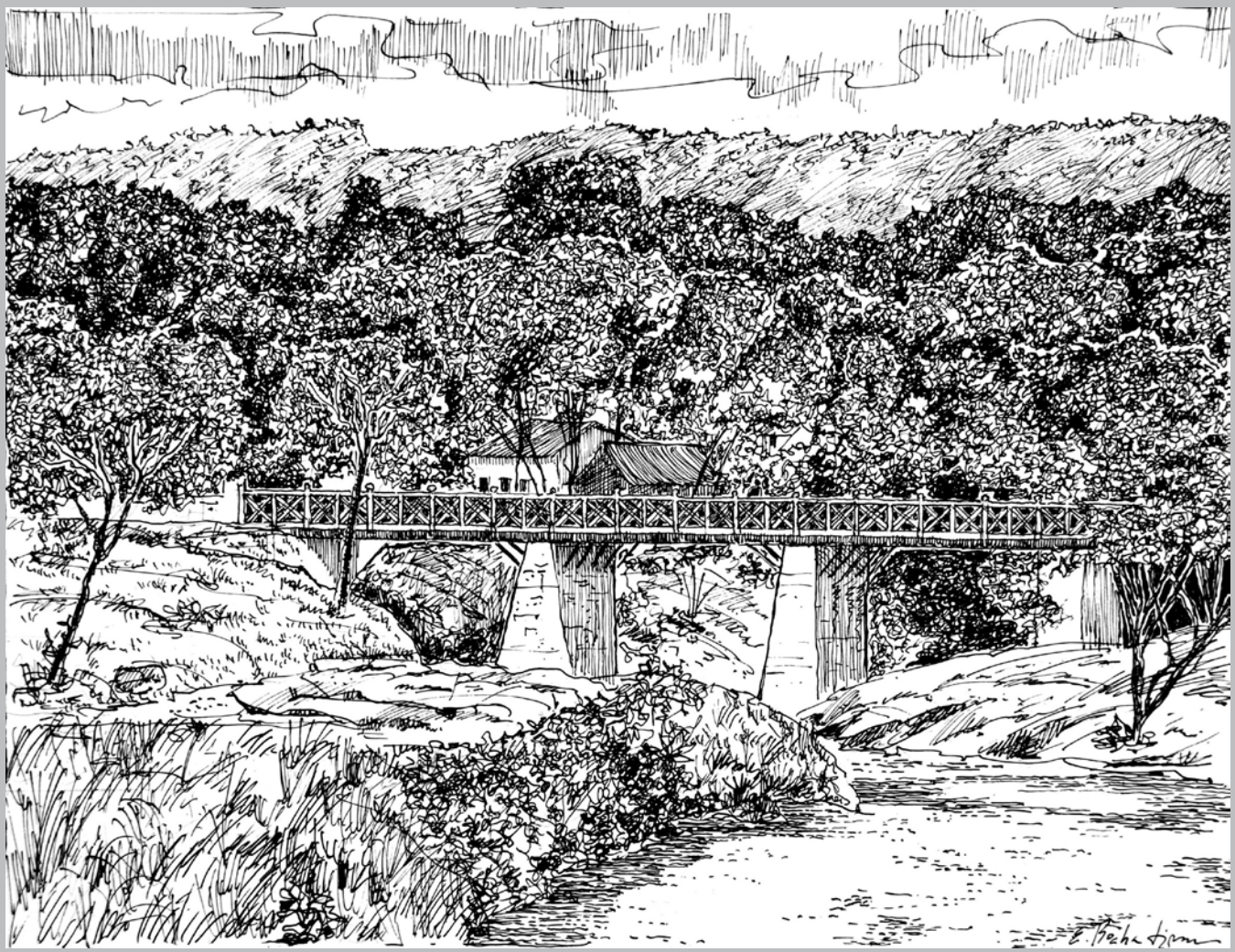
Digno de comentários é a hidrografia da região – tanto o Rio das Almas quantos outros nos oferecem recantos de extrema beleza, principalmente pelas suas cachoeiras apropriadas a um bom banho lúdico. Com referência ao Rio das Almas, seria conveniente alongar mais o assunto, afinal, este rio, antes de ser um acidente geográfico, é um acidente histórico e também sentimental para o meiapontense/pirenopolino. Nasce no município de Pirenóplolis, especificamente no Parque Estadual da Serra dos Pireneus.

Qual a razão desse nome, um pouco estranho? O historiador Jarbas Jaime assim o justifica: ***Cheio de fé em sua estrela e de esperança no futuro, prometera Tomar*** (descobridor do ouro na região da, hoje, Pirenópolis) ***que, das primeiras bateadas, o respectivo produto destinaria ao pagamento de missas, em sufrágio das almas do purgatório...*** Esse gesto era um pedido prévio de perdão por tudo aquilo que representa o garimpo – ambição desenfreada, cruel trabalho escravo, violência e sofrimento.

O arraial de Meia-ponte originou-se, então, do garimpo do Rio das Almas, como a Vila Boa nasceu do ouro do Rio Vermelho. Centenas de escravos mourejavam sobre suas grupiaras, bateando dentro d'água, curvados e com sol inclemente castigando suas costas, seu suor, suas lágrimas e seu sangue misturaram-se com suas águas barrentas. Esses pobres homens eram dirigidos e orientados pelos chicotes dos feitores que, inclementes, não permitiam uma parada para descanso. Grande parte deles, exaustos, judiados e mal alimentados, entregavam suas almas ali mesmo no Rio – nome apropriado, por esse viés!

O ouro em pó ou pepitas acumulava-se nos fundos dos vértices das bateias, sob a feroz vigilância do representante de sua graciosa majestade que, em Lisboa, aguardava o quinto do ouro ali sofridamente extraído, para alimentar a nobreza ociosa, para pagar suas dívidas com a sugadora Inglaterra e reconstruir Lisboa.

Mas, justiça seja feita, o rio não entregou só o precioso e vil metal, dava também de beber aos homens e animais, o sustento das lavadeiras, e era, ainda, o local dos banhos lúdicos (os homens pelados







Lavadeira no
Rio das Almas

em certos "poços" e as mulheres vestidas de camisola em outros), costume herdado dos índios, já que os reinois não eram muito chegados a essa prática, exceto em certas ocasiões da vida – casamento ou funeral, por exemplo.

Nós, principalmente brasileiros do interior, herdamos esse hábito de banhos diários dos indígenas que adoram os banhos de rio e os transformam em cotidiana atividade lúdica. Saint-Hilaire quando cá esteve viu no rio bons predicados:

> Como disse o clima de Meiaponte parece bastante sadio. Na época de grande calor, todos os habitantes, de ambos os sexos, se banham no Rio das Almas, o que contribui a mantê-los em bom estado de saúde.

Não se sabe se essa prática também seduziu o francês que, a fiar no que se conhece também não se trata de um povo muito chegado a esse costume...

Mas também esse rio é um rio da vida, pois, como já dissemos, saciou a sede de homens e animais, foi meio de vida para pessoas humildes (os aguadeiros). Era e é o local de recreio dos pirenopolinos com seus poços de banho como a Ramalhuda que comparece em todas as suas recordações saudosas.

Em certa época do ano, abriga a maravilhosa orquestra de batráquios cujos cantos à noite ecoam pelas ruas e esquinas da Cidade num concerto magnífico, não muito diferentes dos sapos de Recife, lembrados pelo poeta Manuel Bandeira:

> Enfunando os papos,
> Saem da penumbra,
> Aos pulos, os sapos.
> A luz os deslumbra.
>
> Em ronco que aterra,
> Berra o sapo-boi:
> Meu pai foi à guerra!
> Não foi! – Foi! – Não foi!
> (...)
> Outros, sapos-pipas,
> (Um mal em si cabe)
> Falam pelas tripas:
> Sei! – Não sabe! – Sabe!

Recorramos também ao poeta Fernando Pessoa, por analogia poética:

> O Tejo é o mais belo rio que corre pela minha aldeia,
> Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
> Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.

Com o tempo e a incúria as margens e as águas do rio encontram-se degradadas, mas felizmente, um projeto em andamento recuperará a natureza e definirá suas margens como o grande local de recreio da Cidade, atendendo sua vocação secular e restabelecendo a dignidade do rio da alma do pirenopolino.

Parque Estadual da Serra dos Pireneus

Este Parque merece uma referência especial. Está localizado entre os municípios de Pirenópolis, Cocalzinho de Goiás e Corumbá de Goiás. Situa-se acima de 1.200 metros de altitude.

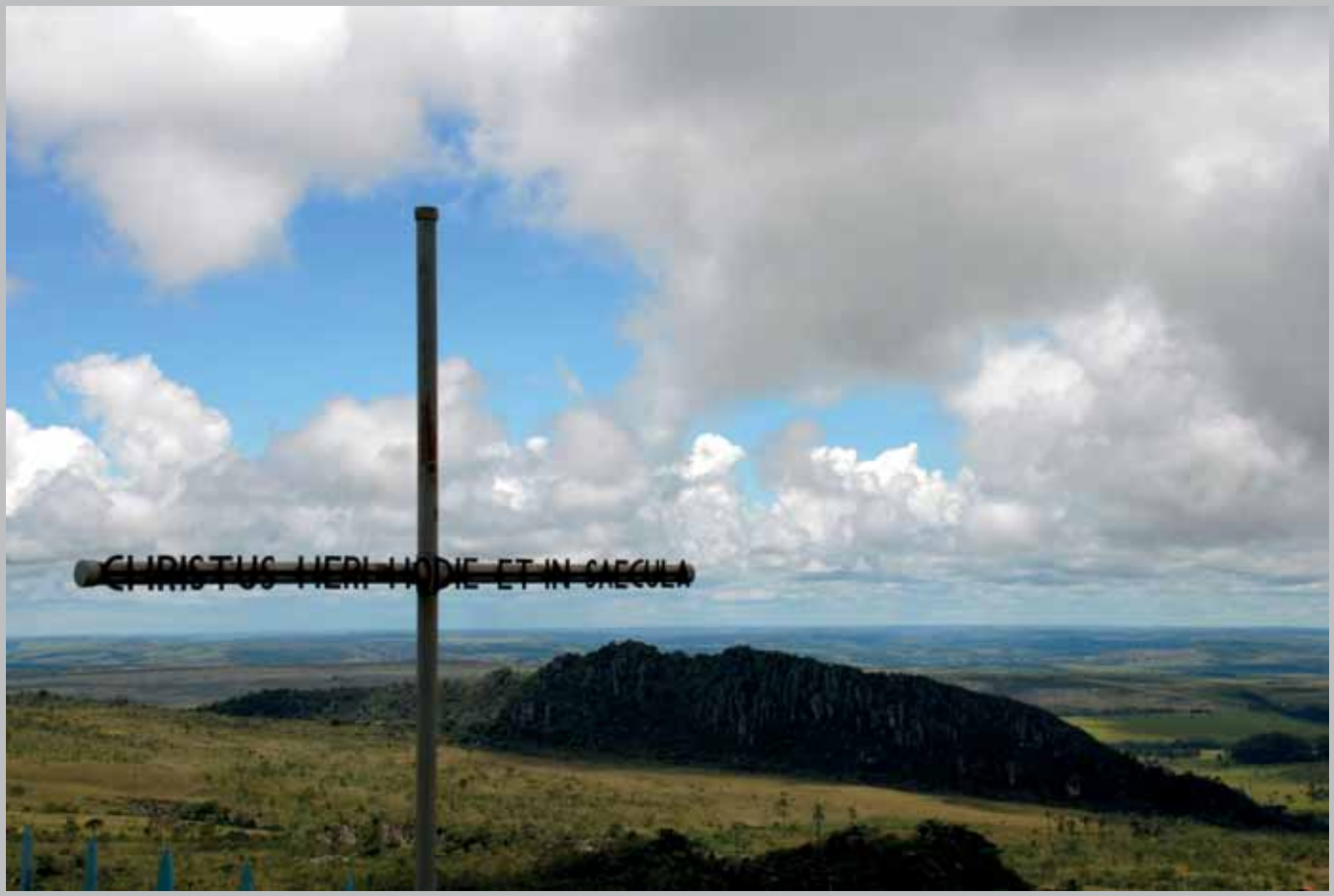
O Parque foi criado em 1987 para resguardar um recanto geográfico-paisagístico do mais alto significado. Lá se encontra uma natureza bem preservada. Por sorte, a má qualidade para agricultura e pecuária de suas terras possibilitou isso. Ele é administrado (mal administrado, diga-se, de passagem) pelo Estado de Goiás e nem sequer conta com uma fiscalização, e muito menos com um centro de estudos, como seria de desejar.

Paisagiticamente a natureza ali se engalanou de formações rochosas de formas surpreendentes, devidamente revestidas de liquens onde predominam as cores verde, laranja e amarelo. Não se sabe,








CHRISTUS HIERI HODIE ET IN SAECULA



mas talvez algum duende tenha feito ali suas pinturas em seus momentos de inspiração – seriam do Curupira, protetor de nossas campos, cerrados, matas e dos animais, seus habitantes?

Encontramos nesse local todas as belezas das formas, desenhos e cores que o cerrado assume. Nesse sentido ele é uma amostra do que é esse ecossistema. Inclusive, com suas águas – lindos regatos gorgulejantes fornecendo água cujo paladar é inesquecível. Justifica-se aqui o título do cerrado – "mãe das águas". Nos desvãos dessas rochas e nas margens desses regatos desenvolve-se uma flora que qualquer jardim zen japonês se curva e pede passagem. A harmonia formal dos conjuntos vegetais é algo que exige uma contemplação serena e um reconhecimento evidente que andou por ali o dedo de Deus. Essa vegetação típica do cerrado de altitude se orna de flores de desenhos e cores inéditos para os olhos do espectador, e que se revezam, durante o ano, como moça vaidosa que se enfeita a toda hora do dia. Além dessa escala de jardim japonês, podemos enxergar morros que se alteiam como o Morro Cabeludo, com seus paredões de rochas de formas talvez vulcânicas, mas suavizadas pelo trabalho dos ventos seculares que arredondaram suas arestas.

Neste Parque, acontece um franco diálogo entre o micro e o macro paisagismo.

Sugerimos a todos, devidamente acompanhados por um guia credenciado, a passar uma manhã nesse Jardim do Éden. Se isso ocorrer numa manhã do mês de abril, essa experiência, garantimos, será inesquecível.

Ao lado do visual temos como complemento o auditivo – a orquestra dos pássaros e insetos que por ali fizeram seu palco iluminado. Isto e mais: em contraponto com as cores, formas e sons têm-se os perfumes silvestres – e assim temos envolvimento completo dos sentidos.

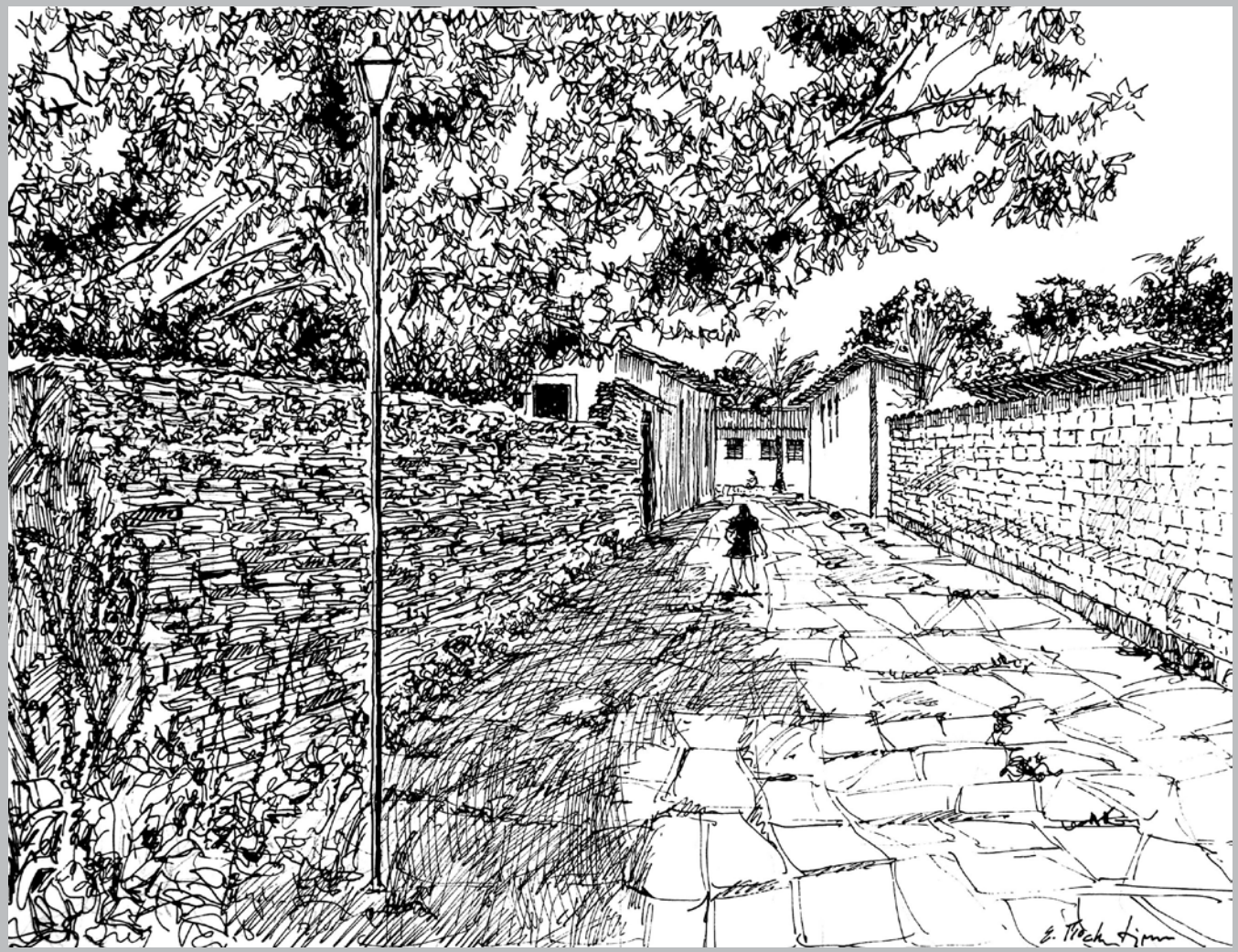
E, sobretudo, não nos esqueçamos: a paisagem pertence a quem sabe a olhar.

Espaço urbano

Ao primeiro contacto com a disposição urbana do centro histórico de Pirenópolis, como da Cidade de Goiás ou de outra qualquer Cidade do período colonial, percebemos certa desordem que afasta a idéia de um desenho prévio, de uma diretriz no seu traçado: um traçado em xadrez, por exemplo, tão comum nas Cidades de hoje, grandes ou pequenas. As ruas da Cidade não são retas, mesmo a chamada, antigamente, de Rua Direita (na realidade, o nome significava rua principal) é ligeiramente torta. Os ângulos de encontro de duas ruas nem sempre são retos e as praças, ou Largos, como se dizia antigamente, nem sempre são retangulares. Tudo isso resulta, no que se costuma chamar, em urbanismo, de desenho orgânico, ao invés do geométrico.

Com certa contradição, nas Cidades da América Espanhola, a Coroa de Castela adotou um sistema de rigorosas e minuciosas normas que resultaram em abstratas concepções geométricas, através das instruções contidas nas chamadas Leis das Índias. Essa legislação regia, com detalhes, o desenho urbano, atendendo, inclusive, a questões referentes a clima, ventilação, insolação etc. Aqui no Brasil as únicas exceções ao aparente desmazelo português da era colonial foram as Cidades da região missioneira no Rio Grande do Sul, onde os padres jesuítas, no afã de montar uma utopia cristã, elaboraram desenhos urbanos rigorosos para as reduções indígenas, em que predominavam certas normas, inclusive repetidas em todas as Cidades que eles, os padres e os índios, fundaram. Essas Cidades eram previamente projetadas, ao contrário das urbes coloniais, que iam acontecendo um pouco de maneira um tanto desordenada, ao longo dos tempos.







Assim, ao contrário de qualquer intento ordenador do tipo plano diretor, as definições do desenho dos aglomerados urbanos brasileiros foram se desenvolvendo se não totalmente ***a la diable***, como poderia parecer inicialmente, mas submisso a impulsos de natureza subjetiva, como rebatimento físico de um modo ou sistema de vida social e política que imperava na época; o planejamento da Cidade foi, assim, resultado de uma participação coletiva, às vezes inconsciente, e não brotou de uma prancheta de desenho de autor.

Mas esse fato fez com que Paulo Santos, o grande estudioso da nossa arquitetura colonial, afirmasse que nessas Cidades ***existem uma coerência orgânica, uma correlação formal e uma unidade de espírito que lhe dão genuidade***. O resultado da informalidade da ***traça***, como se dizia antigamente, dessas urbes, é de uma riqueza estética que atrai e emociona, observada através de seus ângulos visuais insuspeitos e surpresas de perspectiva que tornam o palmilhar de suas ruas uma aventura comovente.

À propósito, lembremos que Cidades como Ouro Preto, Diamantina, Cidade de Goiás, Tiradentes e outras, foram organizadas para caminhar a pé, condição, aliás, necessária para apreciação de seu encanto e de um desfrute estético.

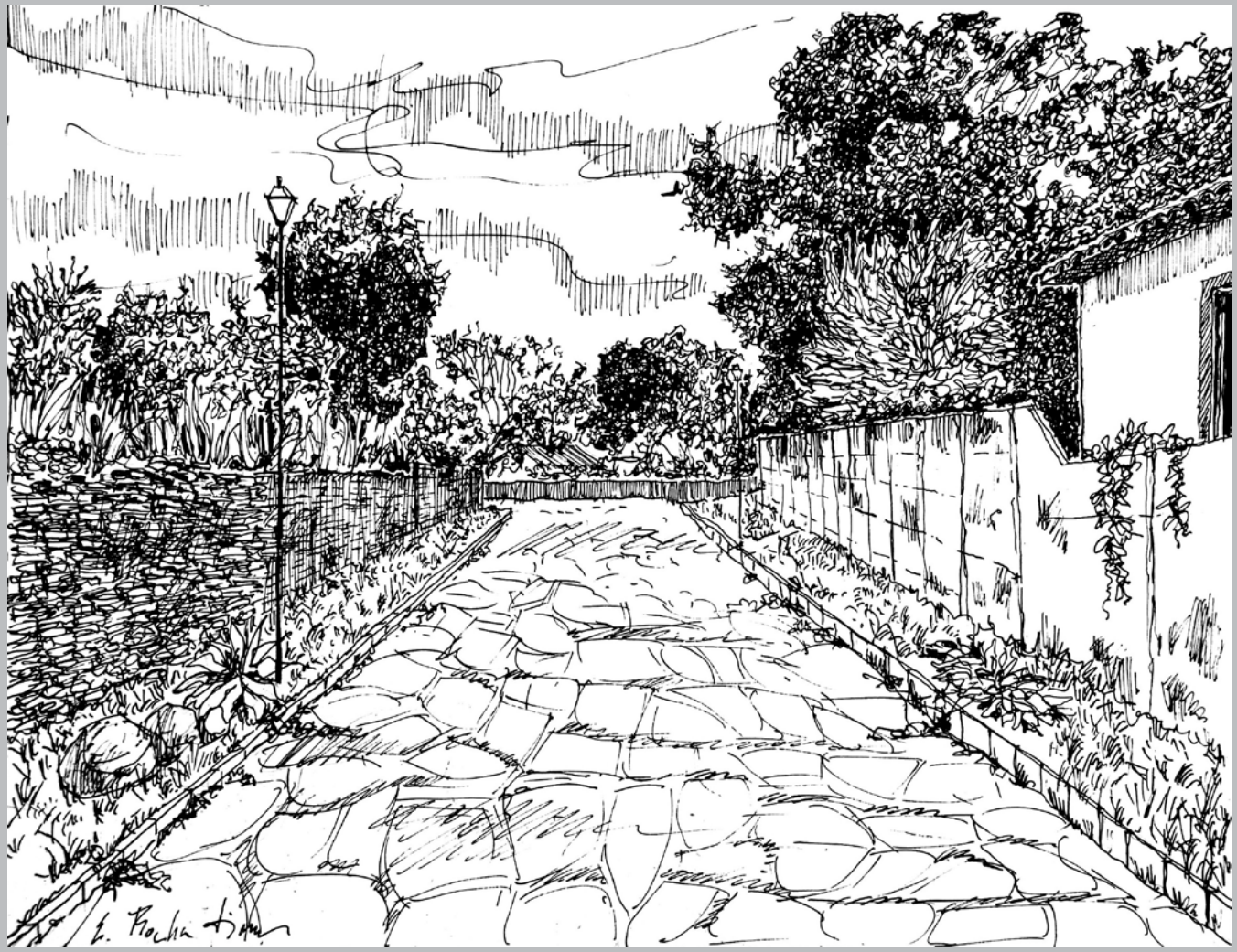
As primeiras observações que o visitante dessas Cidades faz é no sentido de que o espaço urbano é ***fechado***, ***cerrado***, em contraste, por exemplo, com os espaços ***abertos*** de Goiânia ou de qualquer outra Cidade moderna. O fato é que o espaço fechado fornece uma sensação de proteção e aconchego e, no caso de Pirenópolis ou Cidade de Goiás, mais acentuada pelas elevações que as circundam.

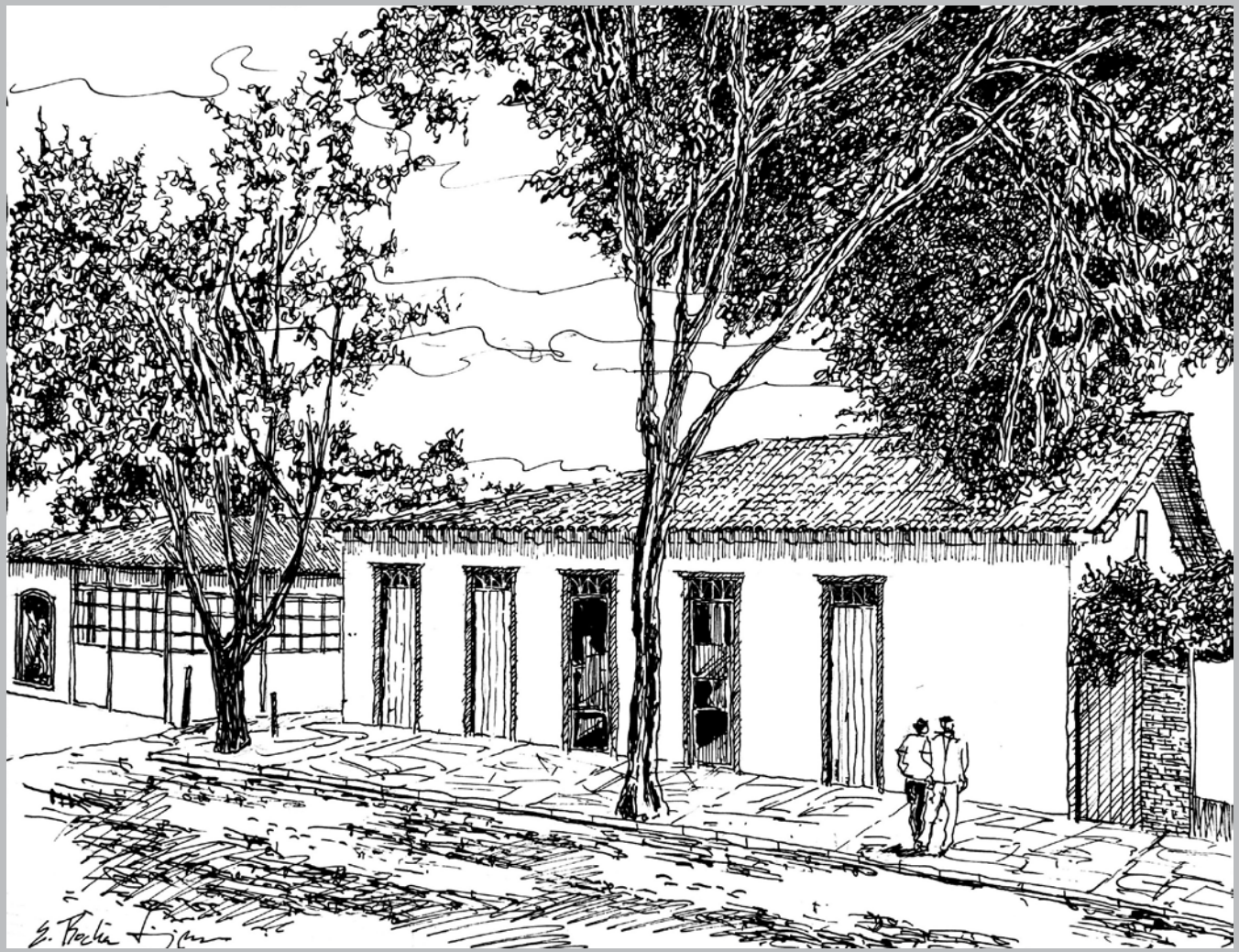
É realmente curioso que os bons resultados visuais dos traçados dessas Cidades citadas não derivam de atitudes conscientes e racionais, pois como observou o historiador Sergio Buarque de Holanda, no seu excelente ***Raízes do Brasil***:

> A cidade que os portugueses construíram na América não é produto mental, não chega a contradizer o quadro da natureza, e sua silhueta se enlaça na linha da paisagem.
>
> Nenhum rigor, nenhum método, nenhuma previdência, sempre esse significativo abandono que exprime a palavra "desleixo" – palavra que o escritor Aubrey Bell considerou tão tipicamente portuguesa como "saudade" e que, no seu entender, implica menos falta de energia do que uma íntima convicção de que "não vale a pena". Pode-se acrescentar que tal convicção, longe de constituir desapego ou desprezo por esta vida, se prende antes a um realismo fundamental, que renuncia a transfigurar a realidade por meio de imaginação delirante ou código de postura e regras formais (salvo nos casos onde estas regras já se tinham estereotipadas e dispensem, assim, qualquer esforço ou artifício). Que aceita a vida, em suma, como a vida é, sem cerimônias, sem ilusões, sem importâncias, sem malícia e muitas vezes, sem alegria.

A antiga Meia Ponte é, antes de tudo, uma Cidade portuguesa plantada nos trópicos e, mais ainda, com certo sotaque mulçumano. Esse ar mulçumano nos veio, incidentalmente, por intermédio da influência moura em Portugal, através de séculos de dominação, e que, assim, chegou aqui por vias indiretas; essa contribuição não se limita ao traçado da Cidade ou projetos de suas casas, mas transparece também em alguns hábitos e costumes, principalmente nas classes rurais, hospitalidade e tratamento recôndito dado às mulheres da casa, etc.

Na arquitetura residencial percebe-se essa influência na presença das alcovas (quartos sem abertura para o exterior) e janelas de rótulas, gelosias e venezianas móveis que permitem ver a rua, sem que se possa ver quem está no interior. Hoje, nem tanto – pode-se janelar à vontade – os tempos mudaram! Outro indício da influência árabe/moura são os beirais acachorrados, isto é, peças de madeira







salientes e com perfil recortado, sob as telhas dos beirais. Infelizmente, em varias edificações da Cidade vamos encontrar os beirais substituídos pelas platibandas, numa lamentável intenção de "modernizar" a arquitetura.

Com referência ao espaço urbano, a mútua e coincidente influência medieval e mulçumana, fez com que se criasse, nas nossas Cidades coloniais, uma informalidade de caráter orgânico com sabor de ***casbá*** e medieval, e um agradável equilíbrio entre espaços livres e construídos que supera, esteticamente falando, certo tratamento moderno, em que geralmente predominam mais os interesses da especulação imobiliária do que as boas funções urbanas. O mercantilismo dos tempos modernos tirou dessas Cidades o encanto de uma morada em escala humana e substituiu-o por um conceito de aglomerado sem caráter e sem dimensões, a Cidade tornou-se uma mercadoria.

Ressaltemos que a construção de Brasília foi a grande contribuição para a recuperação da ciência e arte urbana. Pena é que a lição não foi aprendida, conforme se esperava.

Nesse sentido, Cidades como Vila Boa (Cidade de Goiás), Meia Ponte (Pirenópolis), Ouro Preto, Tiradentes, Olinda, Diamantina e outras são laboratórios vivos de pesquisas quanto ao bom desenho urbano e cujos valores transcendem épocas:

> Se aquelas cidades agradam tanto é porque nosso instinto e o nosso bom senso, mais que nossos conhecimentos acadêmicos, nos dizem que as soluções delas são boas. E teremos muito a aprender estudando-as – não para copiá-las, é claro – mas para corrigir distorções que o exagerado tecnicismo da Idade Industrial tem gerado em nós.
> (Paulo Santos – *Formação das Cidades no Brasil Colonial*)

No plano político e econômico a localização das Cidades do ciclo do ouro do atual Estado de Goiás, contrariava aquilo que o império lusitano insistia: uma colonização litorânea, cujos resquícios ideológicos ainda persistem em dias de hoje, haja vista a indisfarçada resistência a Brasília.

> As cidades são o produto do tempo.São os moldes dentro dos quais a existência dos homens se resfria e condensa, dando forma duradoura, por via da arte, a momentos que, de outra forma, findariam com os vivos e não deixariam atrás de si meios de renovação e de participação mais ampla. Na cidade, o tempo torna-se visível: os edifícios, os monumentos, as vias públicas, mais claramente que o testemunho escrito, mais sujeito ao olhar de muitos homens do que os artefatos dispersos do campo, deixam uma impressão nas mentes até mesmo dos ignorantes ou dos indiferentes.
> (Lewis Munford – *A Cultura das Cidades*)

A organização do desenho urbano da Cidade de Pirenópolis não a diferencia, em linhas gerais, das demais Cidades coloniais, particularmente daquelas do ciclo do ouro. Nelas não se sente a disciplina, geralmente cartesiana, dos traçados urbanos elaborados na prancheta, por pessoas preparadas para esse ofício. Os traçados atuais obedecem ao modismo, às teorias, aos princípios predominantes na nossa época e consagrados pelas instituições acadêmicas.

Não se quer dizer com isso que Cidades como Ouro Preto, Diamantina, Tiradentes, Cidade de Goiás, caminharam alopradamente, fazendo-se ***tabula rasa*** de qualquer princípio de ordenamento. Comandou-se o desenho dessas Cidades sob certas determinantes, os caminhos criados no tempo, inclusive os caminhos dos burros, segundo o arquiteto e urbanista francês Le Corbusier, os acidentes naturais, isto é, a topografia, os ditames econômicos ou geológicos, a natureza do solo onde se pretende construir e outros acontecimentos fortuitos ou não. Ao lado disso tudo, geralmente, comparecia a vontade política reguladora da administração, seguida







em parte e pretendendo criar, em muitos casos, uma estética urbana, segundo critérios deles, políticos/ administradores, imbuídos, às vezes, de teorias acadêmicas européias. Mas, o relaxo luso...

Na América espanhola, como já se disse, o governo imperial foi rigoroso e minucioso nas suas determinações: através das chamadas ***Leis das Índias*** que impunham normas de desenho, zoneamento, traçado de vias, praças e largos, orientação em relação à rosa dos ventos, etc. Disso tudo resultou em concepções de desenho de caráter abstrato, tipo "tabuleiro de xadrez" onde não se evita certo sabor monótono e artificial.

Em Pirenópolis não se percebe com tanta clareza, como na Cidade de Goiás, em virtude da extensão menor da malha urbana, essa característica de traçado orgânico em oposição ao geométrico.

A associação da política de valorizar o litoral e dar-lhe características de centro de decisões da administração colonial obrigou Cidades como Vila Boa e Meia Ponte a andar com suas próprias pernas e isso, em parte, foi bom, pois criamos aqui uma cultura própria que ainda se reflete nos dias de hoje.

No caso das Cidades do ciclo do ouro, vemos que a política lusa para a edificação e consolidação da Cidade, embora transcorressem mais de duzentos anos após a "descoberta" do Brasil, permaneceu a mesma do início da colonização. Nada mudara quanto ao comportamento dos portugueses ou seus descendentes diretos em relação ao novo território, a terra dos goiases. Reeditou-se tão somente a postura daqueles que se estabeleceram no litoral no primeiro século do domínio lusitano.

Para aqui não vieram trabalhadores no sentido comum da palavra, mas aventureiros que aportaram nessas bandas com a finalidade de enriquecer rapidamente e depois regressar à "santa terrinha". Segundo Gustavo Neiva Coelho,

> *sua ocupação foi profundamente marcada pela presença portuguesa que aqui esteve desde os primeiros momentos, como exploradores, e, posteriormente, nas figuras dos comerciantes, funcionários e militares*.

A psicologia desses homens era no sentido da ousadia, da coragem e do espírito de aventura. Não eram homens afeitos ao trabalho rotineiro, lento e paciente de um colono. Só o tempo, a exaustão das minas e conseqüente pobreza conseguiram mudar esse quadro, surgindo assim o autêntico cidadão pirenopolino. Esse homem foi obrigado, em parte, a ganhar a vida com o suor de seu rosto e não unicamente com o suor e sangue do escravo negro.

Esse comportamento nos diferencia bastante dos colonos ingleses nos Estados Unidos da América, pois eles para ali foram para fundar um novo país, com novos conceitos de prosperidade e liberdade, cívica e religiosa. Foram para ficar, e, em função disso, levaram a capacidade de trabalho, a perícia e os instrumentos para exercitar e executar suas tarefas e, sobretudo, queriam construir uma nação, metaforicamente queimaram os navios que os conduziram à nova pátria. Isso acrescido de que o desenvolvimento tecnológico da Inglaterra era imensamente superior aos dos portugueses, os seus trabalhadores eram competentes em seus ofícios e não desprezavam o trabalho manual, como ocorria na cultura portuguesa. E mais: os novos colonos americanos avançaram para o interior do país com afoiteza e determinação, nem sempre em busca do ouro, mas do cultivo da terra e, tristemente, também exterminaram os povos indígenas, com um ímpeto sanguinolento. Primeiro foi de verdade, depois, de mentira, com os filmes de faroeste, a tentativa de justificar o genocídio!

Os portugueses, de uma forma ou de outra, foram corajosos e intimoratos no seu afã de descor-







tinar o mundo. O poeta maior de nossa língua, Fernando Pessoa, nos falou:

Mar Português

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

De qualquer maneira, um irreverente diria que o romantismo português foi mais divertido que a sisudez e chatura britânicas! E isso, talvez, tenha moldado o temperamento brasileiro, digamos, mais folgazão!

Detenhamo-nos um pouco mais no acontecimento da estética urbana. Uma Cidade não é, pura e simplesmente, constituída de espaços livres, praças, ruas e edifícios dispostos aleatoriamente, ou mesmo obedecendo a meros relacionamentos funcionais. Não é simplesmente um todo formado de espaços livres ou construído, o todo urbano tem que ser maior que a soma das partes!

Ficando apenas nos aspectos visuais, na chamada estética urbana, o chão deve estar casado com os espaços construídos e é necessário que se estabeleçam relações de harmonia entre um e outro. Isso ocorre em Cidades como Brasília, Florença, Ouro Preto, Vila Boa ou Pirenópolis, não importando seus tamanhos, significados ou importâncias. Quando se caminha pelas ruas e praças de nossas Cidades barrocas ocorre um aventura emotiva e sentimos uma sensação íntima que pode se chamar de sensação estética e que se manifesta calma e discretamente.

Um dos componentes desse fenômeno da estética dos espaços urbanos se traduz pela limitação de perspectiva. Nela os nossos olhos não desvendam uma paisagem em sua inteireza – há um obstáculo visual à frente que conduz a uma surpresa. O caminhar (não se esquecendo, insistamos, que as nossas Cidades coloniais são para ser percorridas a pé) torna-se uma sucessão de novas situações visuais e esse caminhar assume um comportamento dinâmico, ao contrário de um divisar completo e inteiro que é estático, como, por exemplo, quando vemos uma rua larga e reta, sem fim definido e que não apela à nossa sensibilidade . Várias sensações podem nos acometer com relação aos espaços físicos, inclusive claustrofobia ou agorafobia. Em qualquer paisagem urbana em que nos situemos podemos nos envolver em sutis impressões de acolhida ou expulsão. Podemos ser tentados a ***fugir*** ou ***permanecer***.

Embora a Cidade seja um fenômeno geográfico total, do ponto de vista ótico ela se subdivide em uma cadeia de acontecimentos fortuitos que a fragmentam. Em Cidades como Pirenópolis, em qualquer ponto que estejamos não há sentimento de rejeição, porque ela foi edificada na nossa escala, na escala humana. As ruas, principalmente, são caminhos, eixos de comunicação e não ameaçadoras vias de transporte motorizado. As praças foram organizadas para deambulação vagabunda ou local para se reunir e não para estacionamento de carros.

Até agora elogiamos e comentamos a Cidade em preto-e-branco. E com relação a cores, como ela se comporta?

> Uma atmosfera tranqüila dentro e fora de casa era dominante dessa arquitetura, feita de silêncios, a que a coloração das janelas e portas (verde, azul, ocre e vinho) destacada contra o fundo branco da









parede caiada, pelo contraste, discreta vibração que não chegava a perturbar aquela atmosfera...
(Paulo Santos – *Quatro Séculos de Arquitetura*).

A Cidade está imiscuída num festival de verdes: verdes das matas ciliares que acompanham o Rio das Almas, verdes das árvores frutíferas que compõem os quintais, verdes das árvores que sombreiam as ruas, inclusive a copas das palmeiras que se erguem para o céu sempre azul, azul cerúleo. Diria Clarice Lispector: ***Verde e verde, e depois o mesmo verde, que, de repente, por vibração de verde, se torna verde***.

Além dessas cores, os passarinhos que se abrigam nas árvores, fornecem diariamente um fundo sonoro – pontificando o sabiá, secundado pelo passo-preto e pela algazarra dos periquitos na sua alegria permanente. Mas também a rolinha fogo-pagou, à tarde, nos coloca na alma uma saudadezinha do não-sei-o-quê. E por falar em verde, Pirenópolis é, talvez, a única Cidade do período colonial que tem ruas com tratamento paisagístico em que se utilizou arvores e plantas ornamentais – Rua Aurora e Rua do Bonfim, ambas bastante bonitas.



3 Arquitetura

Inicialmente as construções que serviam aos primeiros povoadores do novo local de mineração, às margens do Rio das Almas, eram mais próximas do rancho precário e transitório do que a uma habitação digna de quem veio para ficar. Os que arribaram aqui primeiro, portugueses, paulistas ou mineiros, não enfrentavam as agruras de uma estafante e perigosa viajem em busca de uma nova morada, um novo lar, nova vida e, portanto, movidos por sentimentos de pioneiro, à maneira de ingleses na América do Norte. O que os movia era a embriaguez do ouro ou diamantes, a sedução do enriquecimento rápido, da elevação no plano social pela bateia bamboleada por escravos e do bamburrio, comemorado com orgias extravagantes.

Assim, as primeiras edificações eram pouco mais que ranchos em que se empregavam o sapé, a folha de buriti, o pau roliço e a taquara. As paredes, exigindo mais conforto e segurança, eram de pau-a-pique: estrutura de madeira não aparelhada, armação de taquaras amarradas com embira ou tiras de couro cru e, por fim, o barro, às vezes misturados com bosta de vaca, jogado nesse entramado, técnica construtiva, aliás, que se mostrou eficiente e durável. Provada sua eficiência, esta técnica foi eleita como método construtivo adequado a edificações definitivas e de maior porte. A maior parte dos prédios de Pirenópolis, ainda existentes e oriundos do passado, foram construídos com pau-a-pique, aliados com o adobe, taipa de pilão e tijolos queimados – isso que costumamos chamar ***arquitetura de terra***. Não é privilégio aqui do Brasil, pois é encontrado em todo o mundo e em épocas variadas – talvez tenha nascido no Oriente, e de origem árabe. No nosso caso o método é singelo e lógico:

1 – Edifica-se uma estrutura de madeira (retiradas em boa lua) com baldrames, esteios, vergas etc., aparelhadas a enxó sobre alicerces de pedras (aqui, com as lajes locais);

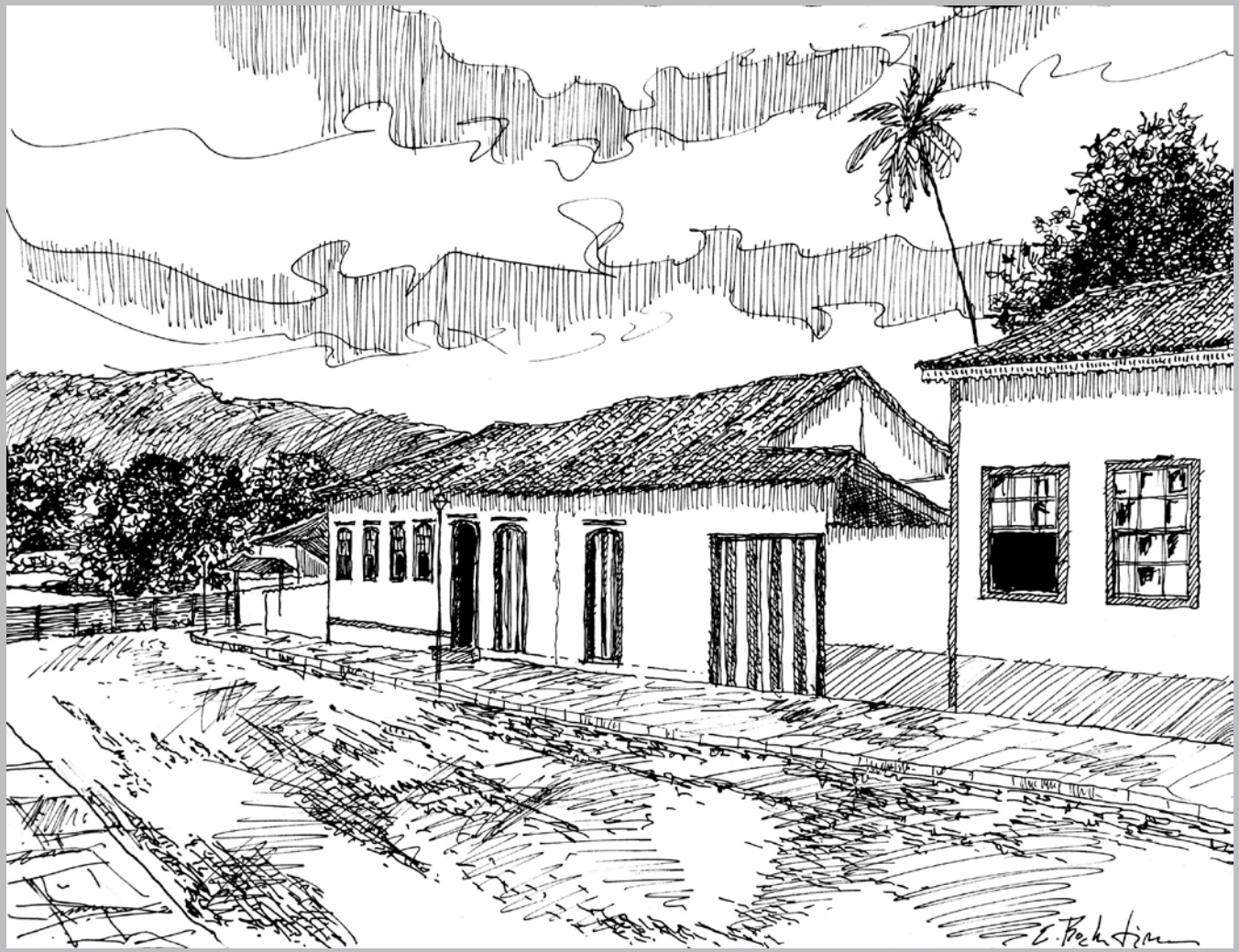
2 – Cobre-se esse conjunto com telhado composto de madeira, em parte com paus roliços, e telhas cerâmicas "coloniais";

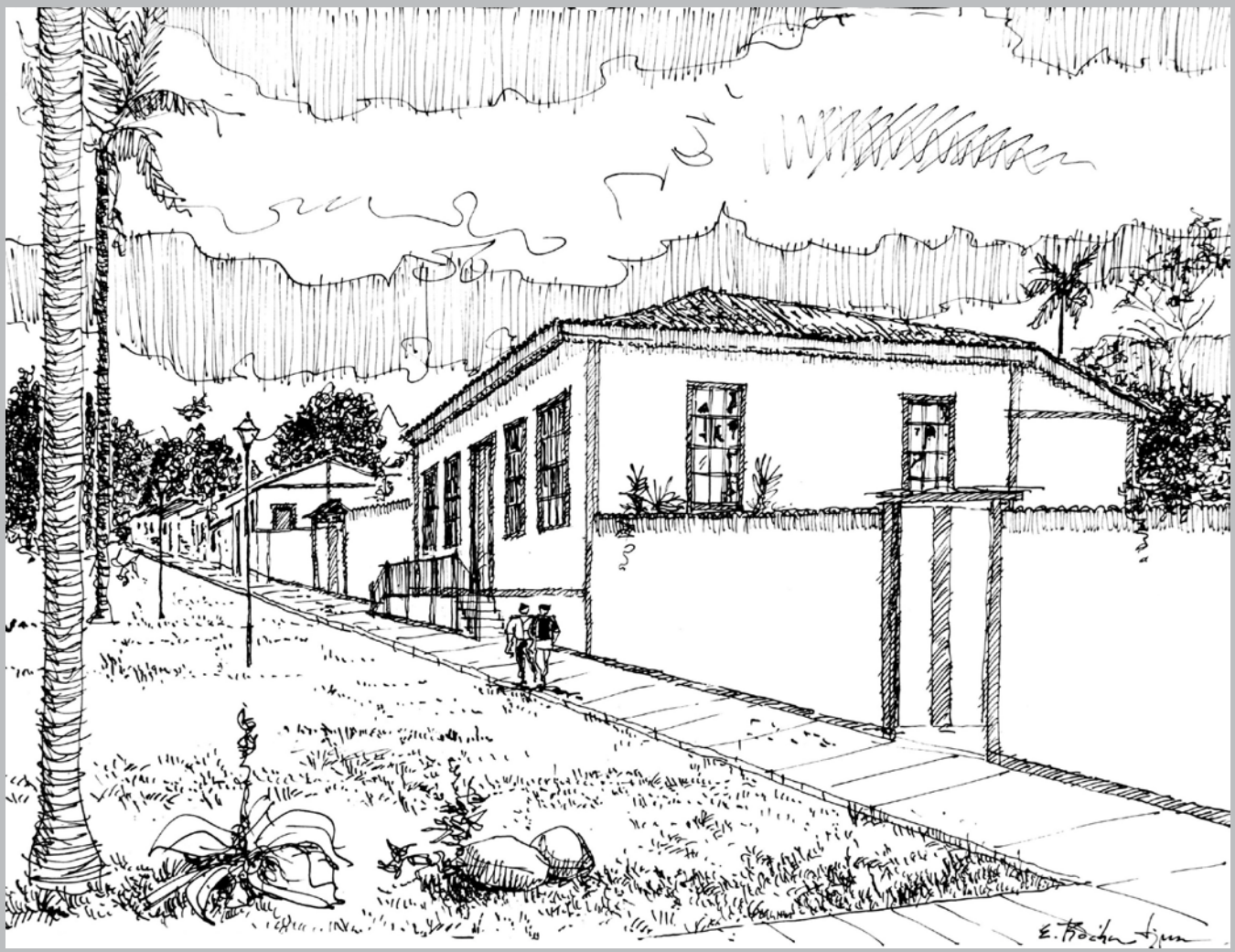
3 – As vedações externas ou internas são executadas em três variações que podem conviver entre si: pau-a-pique, adobes (tijolos feitos com barro crú) ou taipa de pilão (barro socado entre formas de madeira, constituindo paredes monolíticas e utilizado geralmente para grandes obras, de paredes espessas).

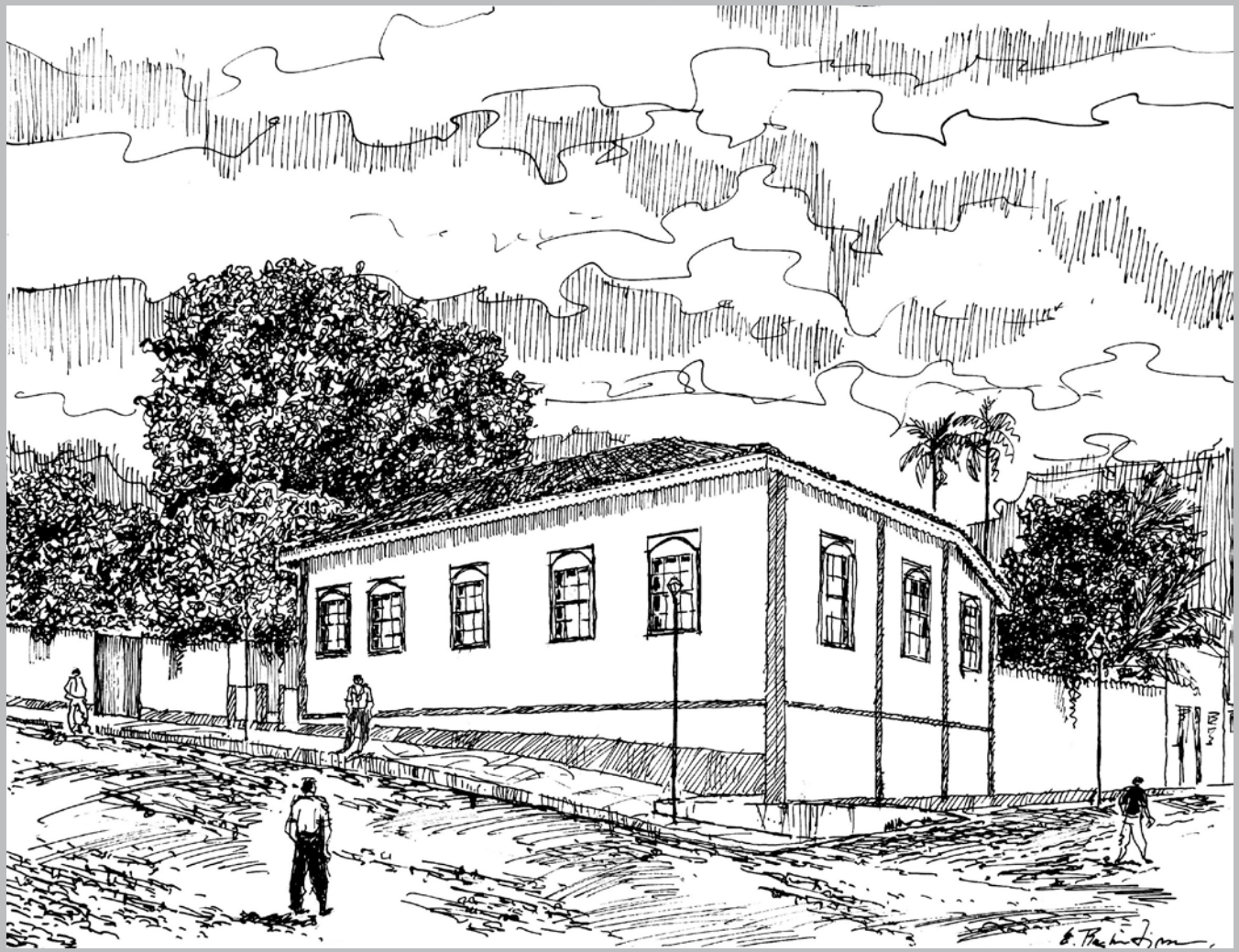
Essa técnica construtiva ecológica, singela e lógica, é de extraordinária duração, pois a maioria das construções dos centros históricos de Pirenópolis e outras Cidades do período colonial, estão em bom estado, suportam reparos e algumas delas têm mais de duzentos anos de idade. Isto contrasta bastante com a arquitetura de hoje que lida com o obsoletismo.

Por outro lado essa padronização construtiva colaborou para certa uniformidade das fachadas, dando à Cidade uma agradável unidade formal. A propósito do assunto cabe aqui um comentário do mestre Lúcio Costa, esclarecendo, inclusive, as origens de nossa arquitetura:

> Ora, a arquitetura popular apresenta em Portugal, a nosso ver, interesse maior que a "erudita" – servindo-nos da expressão usada, na falta de outra, por Mario de Andrade, para distinguir da arte do povo a "sabida". É nas suas aldeias, no aspecto viril









> de suas construções rurais a um tempo rudes e acolhedoras, que as qualidades da raça se mostram melhor. Sem o ar afetado e por vezes pedante de quando se apura, aí, à vontade ela se desenvolve naturalmente, adivinhando-se na justeza das proporções e na ausência de "make up", sua saúde plástica perfeita – se é que podemos dizer assim. Tais características, transferidas na pessoa dos antigos mestres e pedreiros incultos – para nossa terra –, longe de significarem um mau começo, conferiram, logo, pelo contrário, à arquitetura portuguesa na colônia, esse ar despretensioso puro que ela soube manter, apesar das vicissitudes porque passou, até meados do século XIX.

Vejamos como era, por dentro, essa casa dos goianos meiapontenses. Aqui juntei observações minhas com as do historiador Jarbas Jayme e também da arquiteta Adriana Mara Vaz de Oliveira que esgotou o assunto num belo livro (***Um Estudo da Casa Meia-pontense***).

Desenhamos aqui uma casa típica, que pode se adaptar a várias situações programáticas e as exceções de praxe, mas sem perder o partido predominante. Sobre ela pode-se fazer algumas observações:

1 – A porta de entrada que dá acesso a um corredor comunica-se com uma varanda, aberta para um jardim, e que era a sala de estar da família;

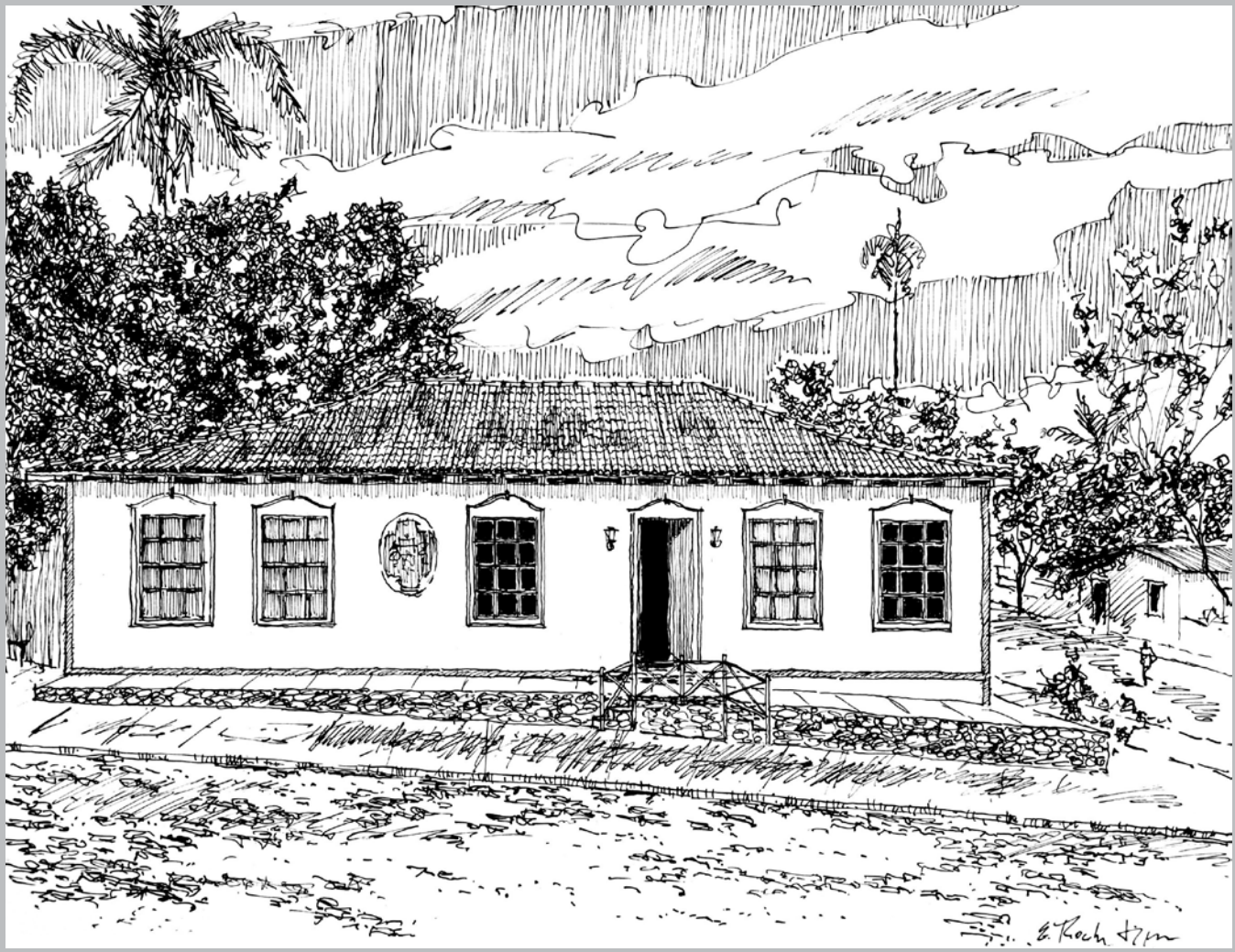
2 – A certa altura do corredor encontramos a ***porta do meio***, geralmente com sua folha dividida ao meio com relação à altura, facilitando a ventilação que se faz, em continuidade, com a varanda. Essa ventilação que varria a casa, mais os pés-direitos altos, atendia, inclusive, os quartos-alcovas da herança moura. Essa sábia disposição garantia o conforto ambiental nos dias quentes do ano.

Essa planta imaginária apresentada já correspondia à segunda etapa da ocupação das margens do Rio das Almas, quando vencidos os ímpetos de riqueza rápida e pretendido retorno imediato para a grande maioria dos pioneiros, as edificações abandonaram seus aspectos provisórios e se sofisticaram: as estruturas de madeira passaram a ter uma robusteza compatível com o volume da construção, as paredes eram revestidas com argamassa de cal e areia, pintadas com leite de cal ou tabatinga e os telhados foram equipados com telhas de cerâmica, tipo canal. As esquadrias, toscas no início, simples tampos de madeira mal enjambrados, requintaram-se com venezianas e guilhotinas guarnecidas com malacachetas oriundas da antiga Cidade de São José do Tocantins, fazendo vezes de vidraças. Os antigos carapinas transformaram-se em marceneiros hábeis (Pirenópolis contava com grande número deles e eram, geralmente, pessoas letradas – até sacerdotes exerciam o ofício, inclusive como entalhadores, como atestam os retábulos de altares das igrejas da Cidade).

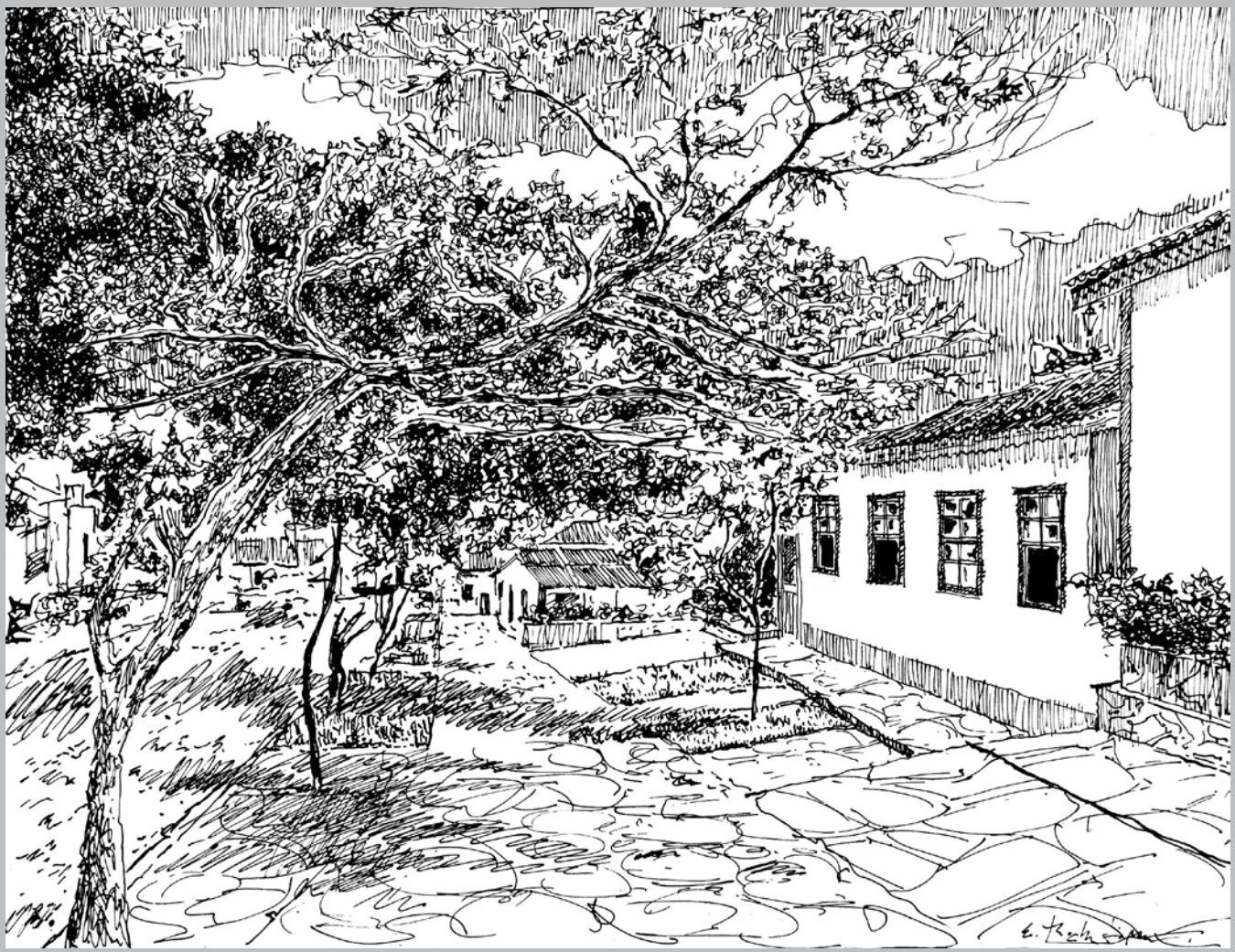
Com essa evolução foi possível transformar os jiraus em camas, os singelos tamboretes em cadeiras e os cavaletes com tábuas mal aparelhadas em mesas. Os pisos de terra batida passaram a ser revestidos com as lajes de arenito locais ou mezanelas.

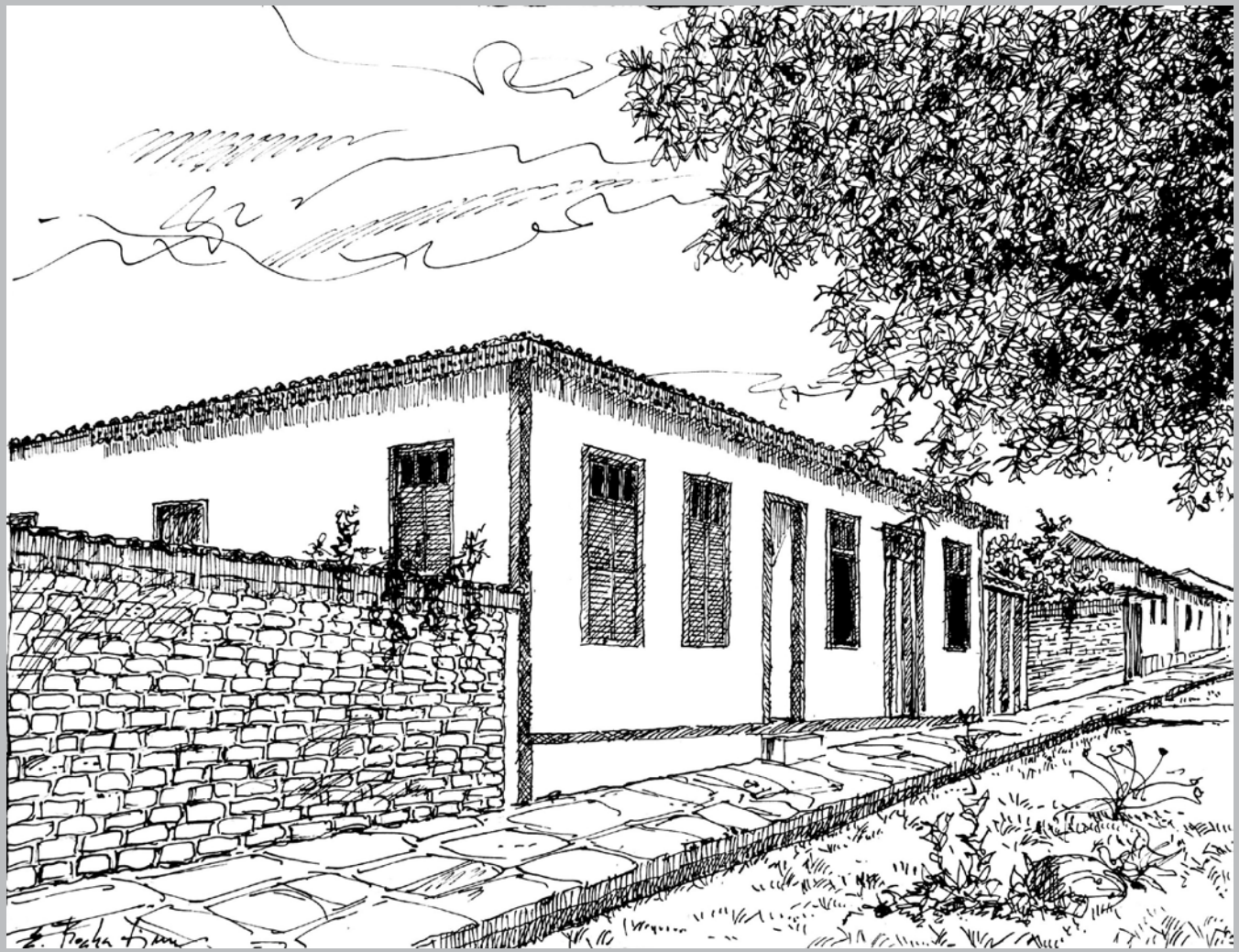
Como Pirenópolis não era capital do estado, não ocorreram edificações de vulto destinadas às funções públicas, com as pompas e circunstâncias necessárias, indispensáveis na Cidade de Goiás que era a capital da Província. Nesse sentido, as edificações de Meia-ponte são mais singelas, sem alardes arquitetônicos e decorativos que a administração do império lusitano exigia nas capitais para melhor expressar seu poder. Chegou-se ao cúmulo, no caso da Vila Boa, de se enviar da Corte lusitana projetos de arquitetura, como o caso da Casa de Câmara e Cadeia, hoje Museu das Bandeiras, e outros, como provavelmente o belo barroco-rococó Chafariz que é um ícone arquitetônico da Cidade.

Em compensação, em Pirenópolis, edificaram-se algumas residências apalacetadas, como as do Sargento-mor Antonio Rodrigues Frota ou a do











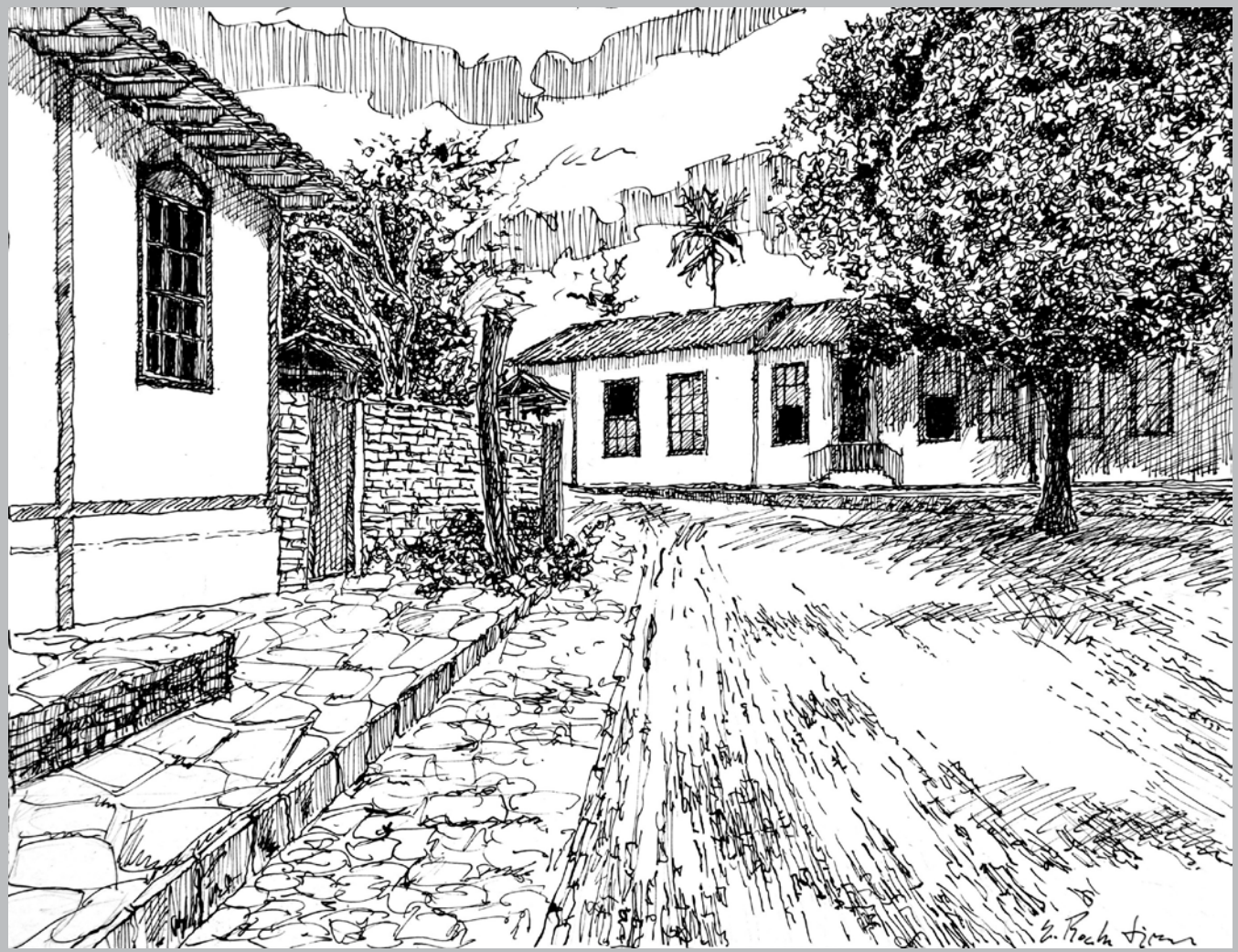
Comendador Joaquim Alves de Oliveira que, inexplicavelmente, desapareceram sem deixar vestígios, somente poucas referências iconográficas. Uma constatação se impõe ao examinar a arquitetura das residências meiapontenses: as técnicas de edificação eram de cunho popular, sem interferência de sabidos e diplomados. Quanto aos seus aspectos funcionais:

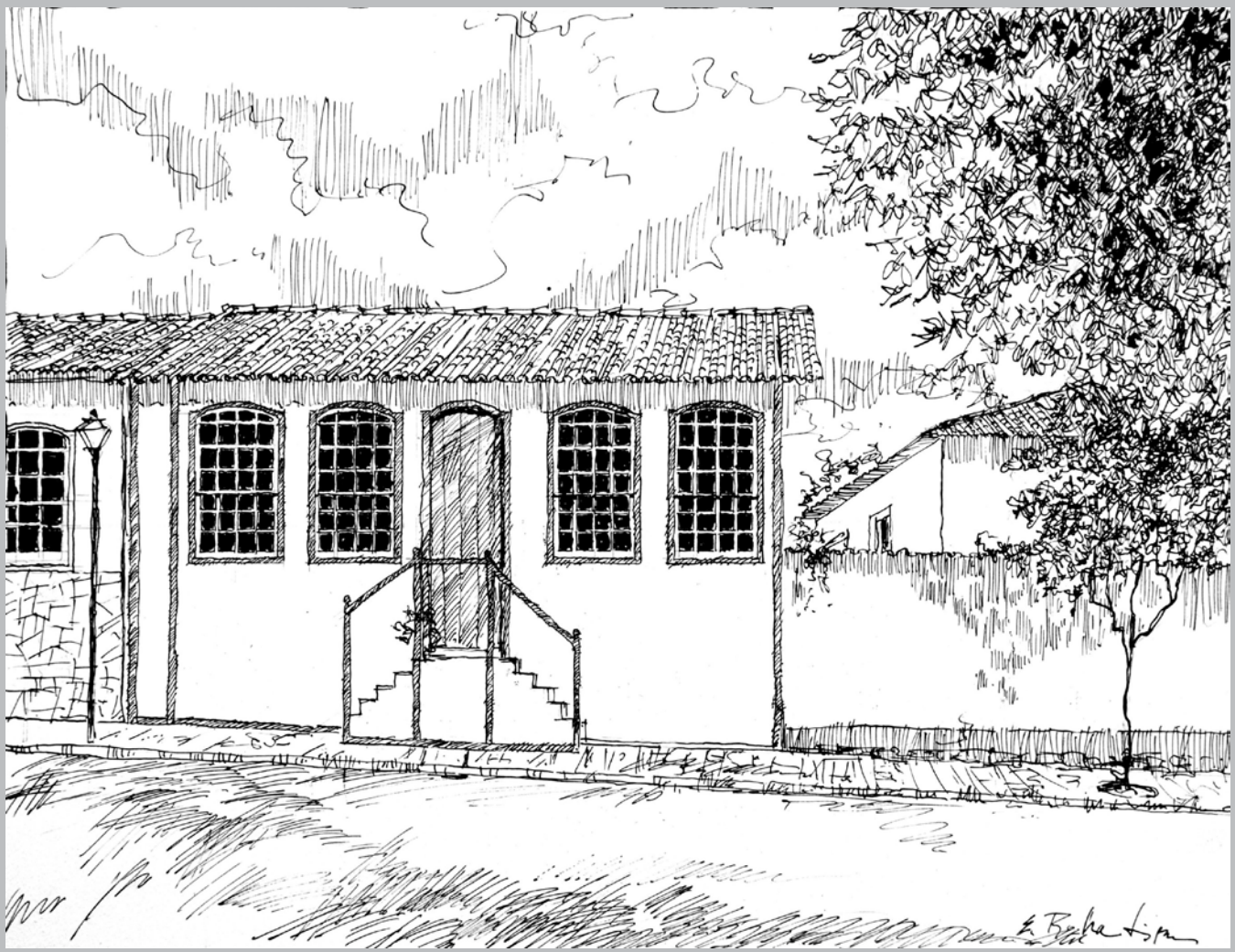
> A continuidade do agenciamento dos ambientes da casa conduz à permanência de sua disposição. A distribuição dos ambientes era realizada por faixas, sendo a social voltada para a rua, a íntima no centro do terreno e de serviços no fundo. Essa disposição indicava a permanência do resguardo da mulher e o controle paterno sobre os filhos. Em contrapartida, a maquiagem efetuada nos ambientes sociais indicava a introdução da mulher ao convívio social, retirando-a da reclusão e transportando-a a novo papel social. Esses ambientes decorados com esmero eram preservados os momentos extraordinários, indicando que a mulher assumia um papel eventual, que era o de saber receber. No dia-a-dia, a lida feminina ainda era muito árdua, e o seu papel ainda era o de controle da casa, prejudicado pela ausência de aspectos domésticos que facilitassem o seu trabalho. Nesse sentido, a assessoria de escravos ou de agregados era sempre necessária, assim como diversos ambientes de serviço, capazes de abrigar várias atividades.
>
> (Adriana Mara Vaz de Oliveira – *Um Estudo da Casa Meia-pontense*)

Este trecho acima confirma observações feitas, por outro viés, quanto ao aspecto geral das construções históricas de Pirenópolis, suas plantas e tratamento de interiores, e mais, confirma o entendimento de que a arquitetura, erudita ou popular, é um produto cultural, ou melhor, é o reflexo da infraestrutura sócio-econômica como um todo. Assim, para se entender a disposição funcional em planta de uma edificação residencial, em qualquer latitude, longitude ou época, é indispensável que se tenha em mente a organização interna da família e como ela se insere na estrutura social, com sua escala de poderes, usos, costumes, etc. Sem essa compreensão, o exame de uma planta residencial apresenta-se como meramente aleatória. Assim, por exemplo, as alcovas (quartos sem abertura para o exterior) correspondem à posição da mulher dentro do sistema familiar, em certo período histórico – recôndita e discreta e sempre sob o domínio e vigilância paterna/materna (herança cultural lusitana e mourisca).

Particularmente, a arquitetura residencial de Pirenópolis apresenta uma interessante contribuição decorativa com os lambrequins (peças recortadas de madeira fixadas nas pontas dos caibros dos beirais) e sob forma de bandeirolas na arte superior das portas, em bonitos rendilhados. Essa ornamentação é típica da Cidade e mais uma vez comprova o atavismo artístico do pirenopolino.













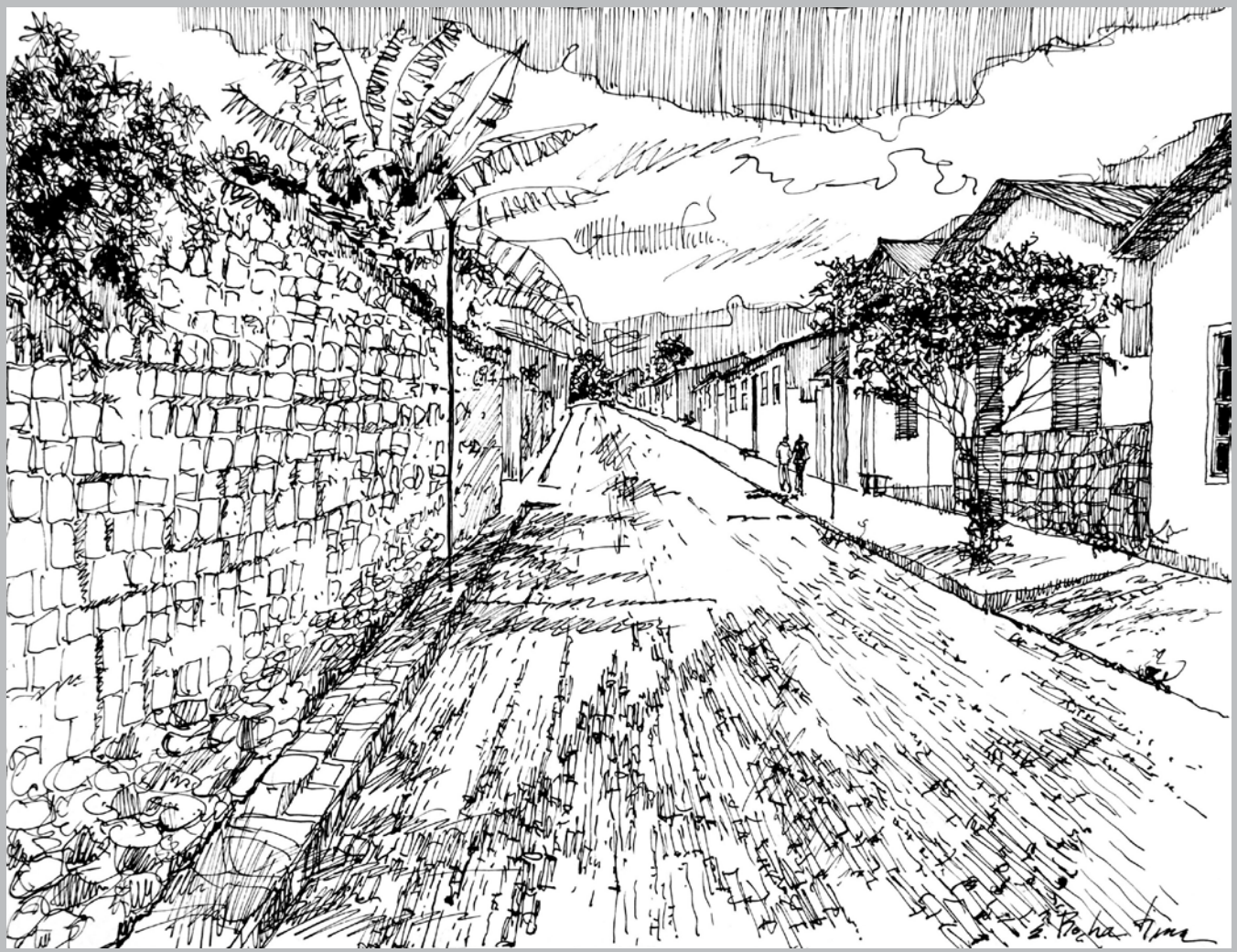






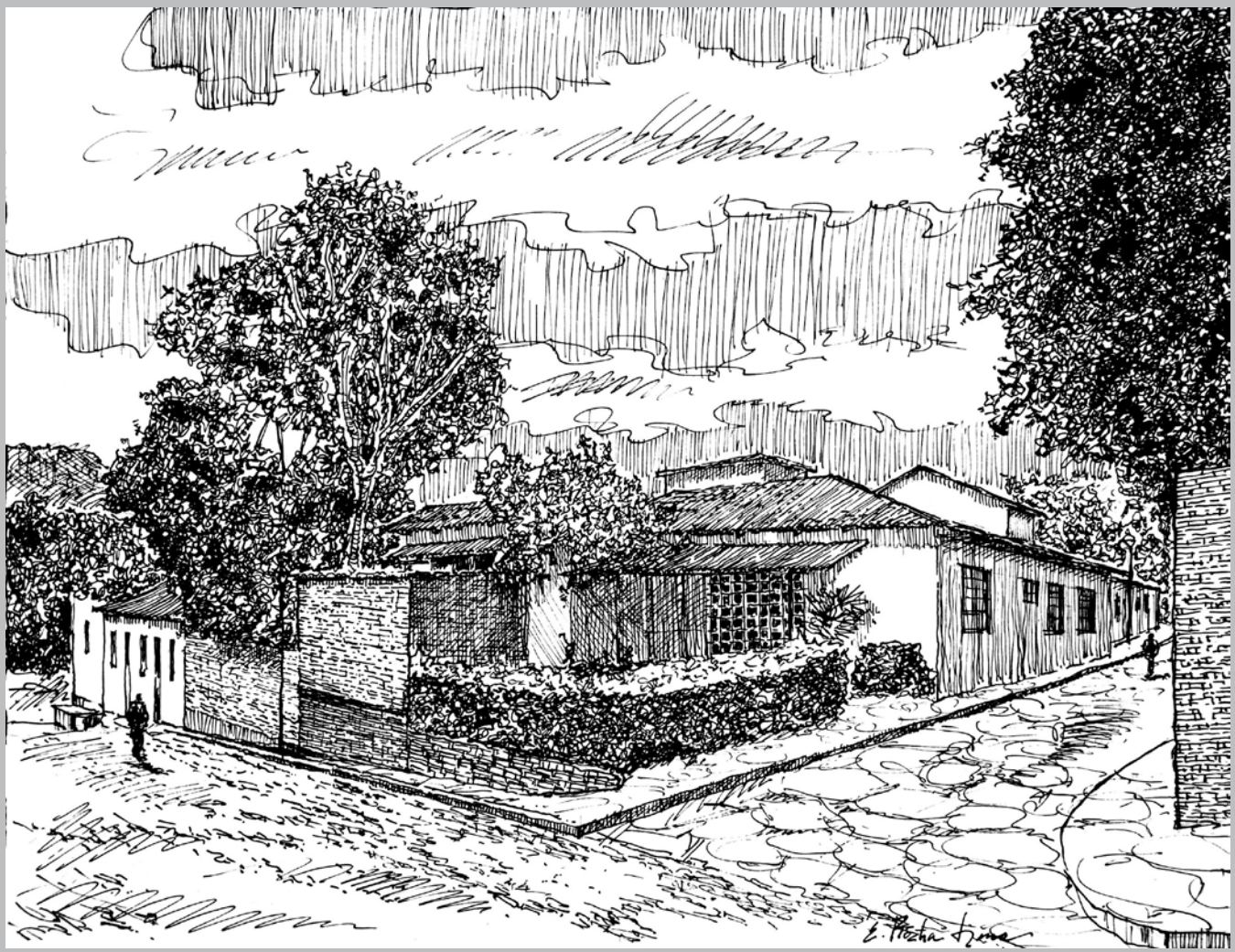




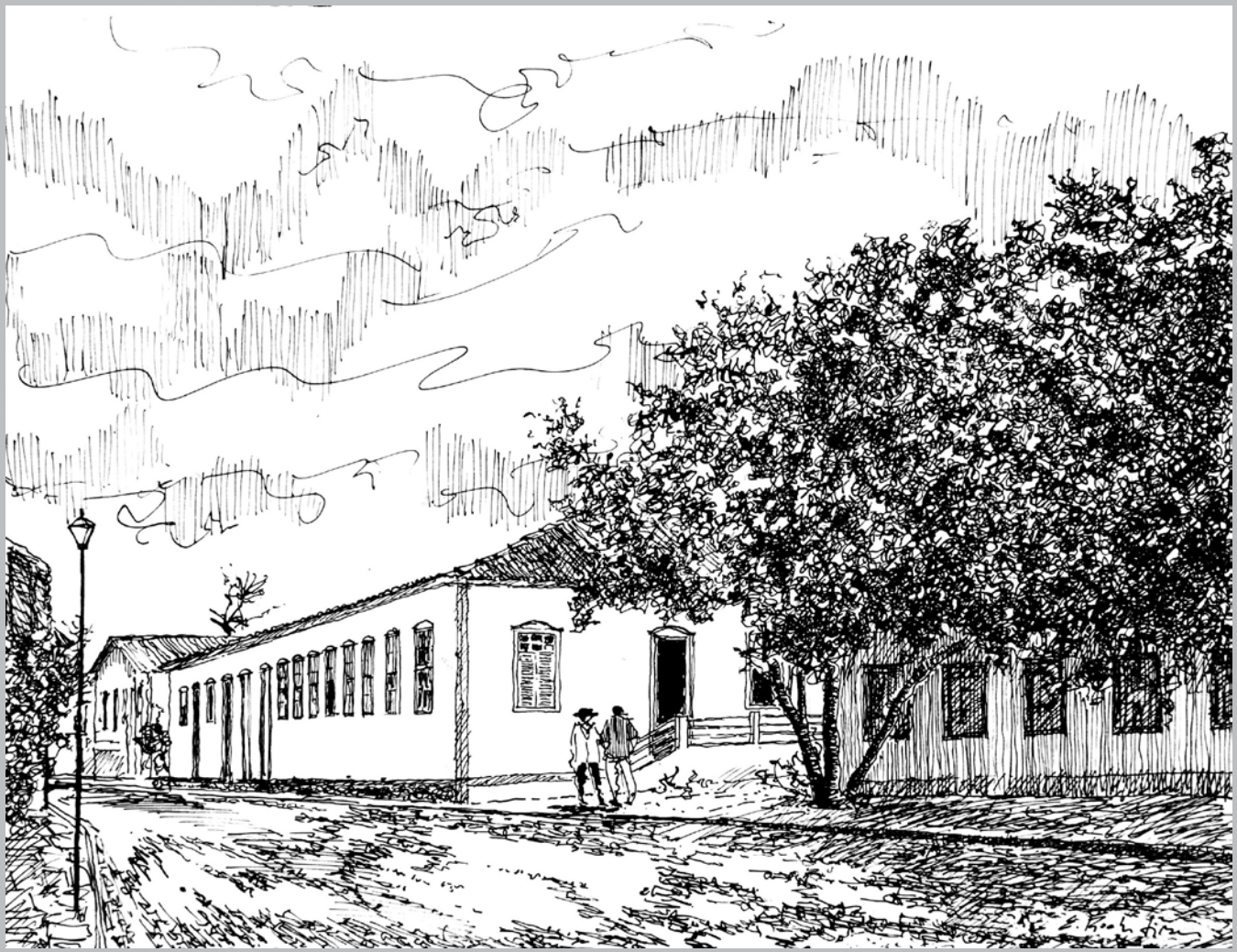














4 Arquitetura religiosa

Igreja de Nossa Senhora do Rosário

Majestoso edifício religioso é um dos ícones da Cidade. O início de sua construção remonta a data de 1728. Sua construção foi um ato de extrema coragem, pois seu porte exigiu uma técnica construtiva que não era usual na época e muito menos nestas lonjuras do Planalto Central.

Além de sua função religiosa, os meiapontenses a erigiram também como representação orgulhosa de uma Cidade, de uma comunidade, de uma região - era um monumento emblemático de uma ***urbes*** que pretendia ser uma sociedade civilizada e organizada. O historiador Jarbas Jaime, pirenopolino extremado dizia, com um pouco de exagero:

> Há na suntuosa e vetusta Matriz, verdadeira harmonia, maravilhosa no conjunto, e os olhos mais exigentes não se chocam, ao percorrer as arcadas e os magníficos altares do majestoso templo, autêntico relicário das glórias e tradições meiapontense. (Jarbas Jaime – ***Pirenóplolis: Casas de Deus e Casa dos Mortos***)

Não resta a menor dúvida que a matriz foi testemunha e participante dos acontecimentos históricos da Cidade e, mais ainda, foi um museu vivo onde se exprimia a expressão artística dos habitantes, principalmente através das artes plásticas e da música. O naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire, no seu clássico ***Viajem à Província de Goiás***, arguto e observador, assim se expressou sobre o templo:

> A igreja paroquial dedicada a Nossa Senhora do Rosário é bastante grande e ergue-se numa praça quadrada; suas paredes feitas de taipa, têm 12 palmos (nove pés) de grossura e assentam sobre alicerces de pedra; no interior ela é suficientemente ornada, mas não tem forro.

Em sua primeira fase ela foi terminada em 1732. Só teve o aspecto externo que tem hoje em 1736, quando foram construídas as duas torres. Ela ostenta uma volumetria clara, prismática e sem ornamentação. Nesse sentido ela é bastante diferente das igrejas do período barroco de nossa arquitetura, especialmente o mineiro, com suas paredes, em muitos casos, onduladas, e com presença de um tratamento decorativo.

Os trabalhos internos em talhas de madeira eram fruto do talento artístico dos artífices da Cidade, assim como toda sua policromia. Sempre nos espantou a qualidade desses trabalhos produzidos por pessoas que não receberam ensino formal, mas se desempenharam com uma competência fora do comum – eram maravilhosos autodidatas. Em 1863 os pintores locais Ignácio Pereira Leal, Antonio da Costa Nascimento (Tonico do Padre) e Francisco Herculano de Pina (Chiquinho Chichi) pintaram o teto da capela-mor da Matriz, capela-mor e altar principal - perfeitamente enquadrados dentro dos princípios estéticos do nosso barroco. Mais do que isso, denunciando talentos de criação e domínio técnico invulgar. Curiosamente, o pintor Ignácio Pereira Leal, que ganhava sua vida como fazendeiro, deixou registrada sua passagem, como artista, na Matriz, através de uma inscrição: ***Principiei esta pintura a 1º de novembro de 1863 e acabei a 31 de outubro de 1864, pela qtia. De 200$. Ignácio Pêra. Leal***.

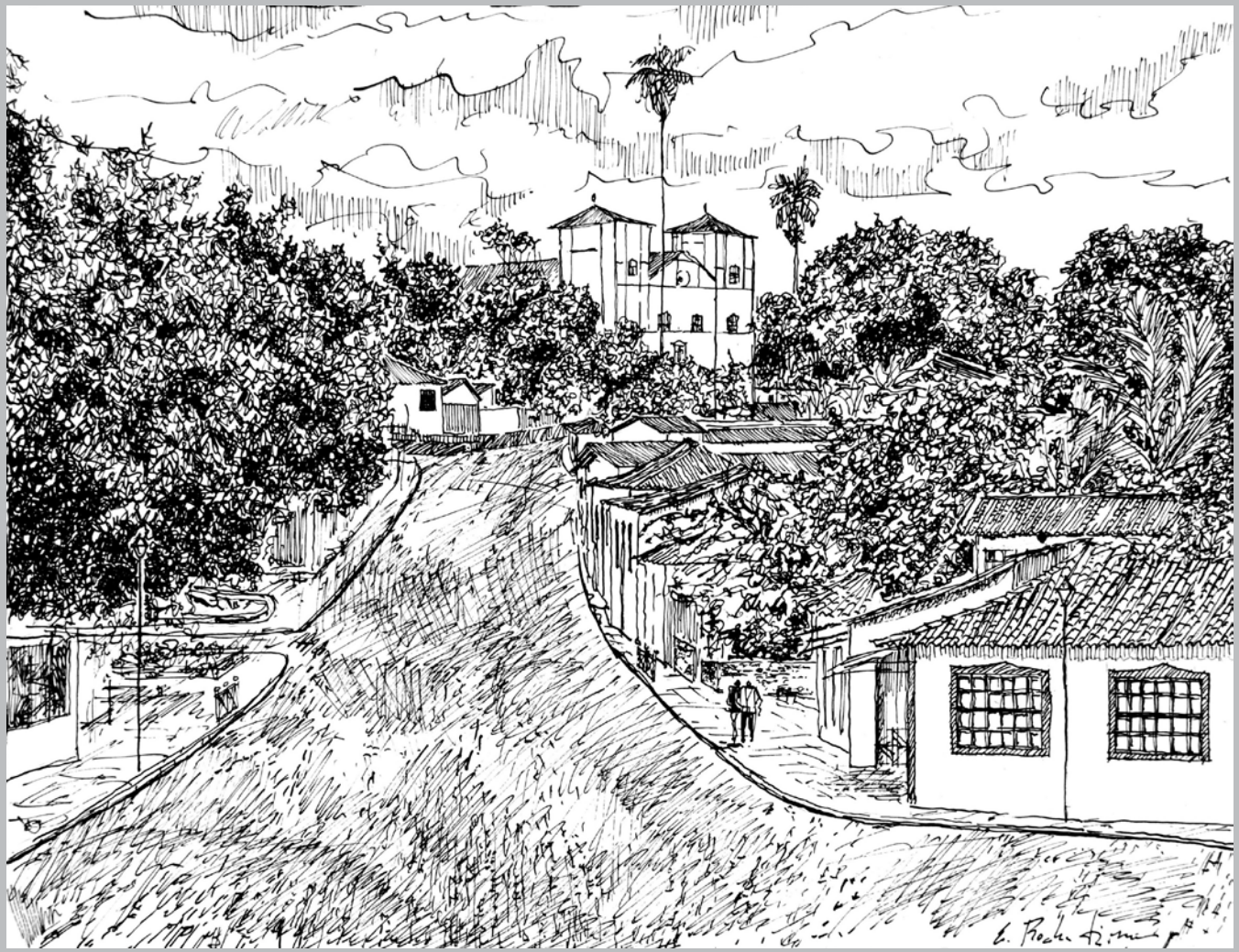
No ano de 1999, este magnífico exemplo de arquitetura religiosa comemorou o término da sua











restauração devidamente capitaneada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Mas, desgraçadamente, na madrugada de e 5 de setembro de 2002, ocorreu um incêndio que quase destruiu por inteiro a Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário.

É impossível descrever o impacto que essa tragédia teve sobre a Cidade, foi como Meiaponte tivesse perdido sua alma.

Infelizmente, grande parte das perdas foi irremediável – as pinturas, parte da imaginária, os objetos litúrgicos, documentos, etc.

Ignorando os riscos e com destemor, membros da comunidade conseguiram salvar vinte imagens do templo, inclusive da padroeira. Os responsáveis pela restauração houveram por bem transportar altar e retábulos da Igreja de Nossa Senhora dos Pretos, demolida e que estavam guardados na Igreja do Carmo para a Igreja Matriz. Estas relíquias tinham sido preservadas por pessoas de boa vontade da Cidade, felizmente, e acabaram encontrando seu lugar na Igreja incendiada. Depois de inúmeras discussões em que a população da Cidade participou, chegou-se a bom termo na restauração. Foi feito o que se pôde, e de maneira correta e, ainda mais, os procedimentos de restauro constituem, hoje, exemplo de como se deve agir num caso similar.

Está lá de novo, para alegria de olhos de todos e satisfação de nossos sentimentos, a bela Matriz, elegante e imponente, sóbria e majestosa.

Capela do Senhor do Bonfim

Em situação urbana e espacial adequada, numa parte mais elevada da Cidade, o Sargento-mor Antônio José de Campos, de origem lusitana, e morador de Meiaponte, se propôs a construir esta capela e, ainda, fornecer os respectivos paramentos e a imagem do padroeiro. Fez isto entre os anos de 1750 e 1754.

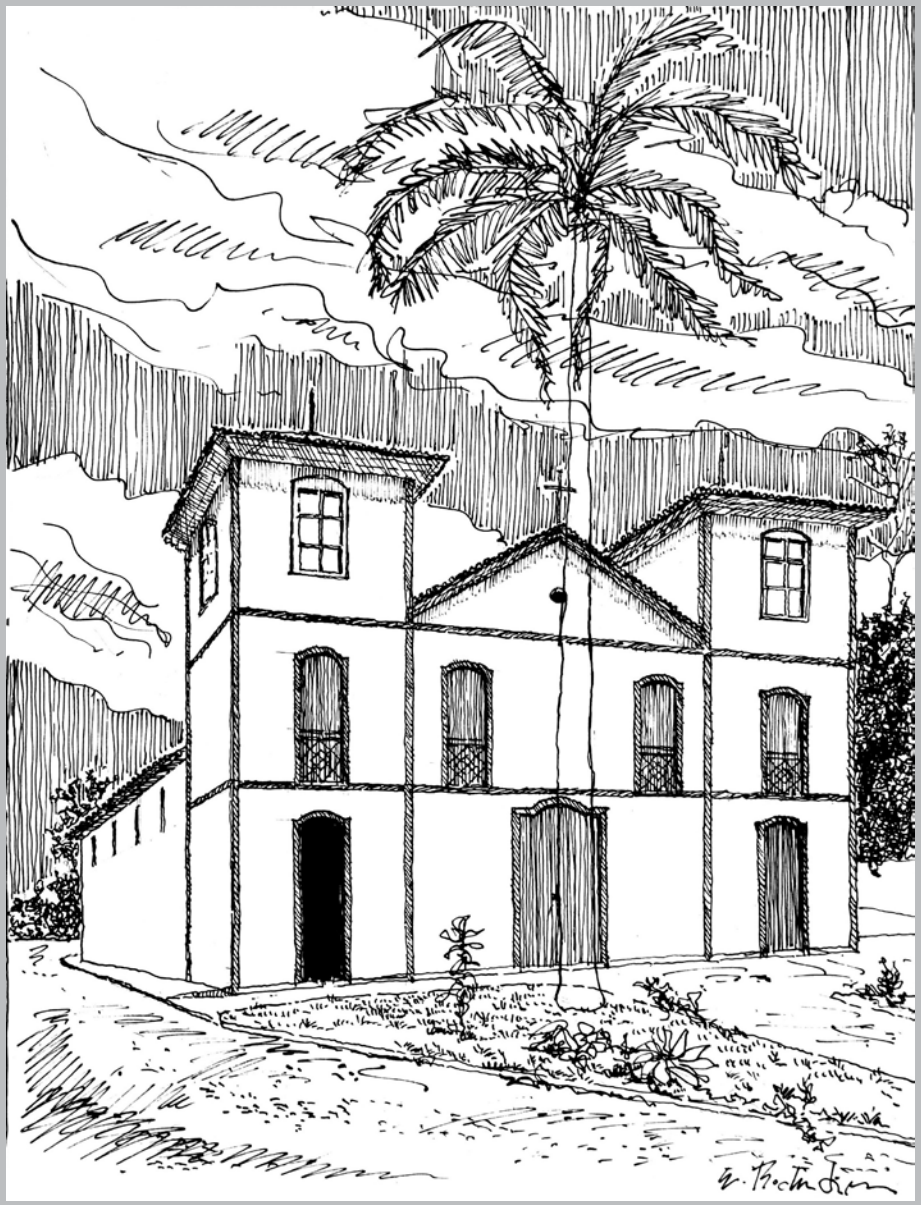
Este templo ostenta um exterior modesto, mas dentro dos princípios estilísticos de um barroco comedido, que foi uma marca do centro-oeste, como se vê na Cidade de Goiás, Pirenópolis e outras Cidades do ciclo do ouro que apresentam, externamente, uma arquitetura sóbria com volumetria bem equilibrada.

O Sargento-mor fez mais que construir a capela – trouxe de Salvador, capital da Bahia, a imagem do senhor do Bonfim, transportando-a, segunda a lenda, nos ombros de 260 escravos, "mercadoria" que tinha adquirido no mercado de escravos de lá. Deixando de lado a brutal contradição do fato histórico em que chicoteava-se o lombo de pobres negros para transportar a imagem do doce e também chicoteado libertador, prossigamos: trata-se de uma imagem de regular altura, esculpida em madeira, obedecendo, de maneira competente, aos cânones da estatuária religiosa barroca. A imagem foi entronizada no altar-mor, com um retábulo em madeira esculpida por artesãos meiapontenses de século XVIII. Este conjunto, na sua singeleza, representa um belo exemplar da arte brasileira do nosso passado barroco.

Este templo já sofreu inúmeras interferências na sua arquitetura, inclusive cometida pelo nosso famoso Tonico do Padre que introduziu na torre certo sabor gótico, mas em 1907 voltou ao aspecto inicial. As pinturas do teto e restauração de outras ficou sob o cargo do talentoso Ignácio Pereira Leal e isso ocorreu em 1887.

Esta capela abriga outra preciosidade: a imagem do Senhor dos Passos, em tamanho natural e que é carregada na Procissão do Encontro durante a Semana Santa. Dentro dessa Ermida encontram-se alguns túmulos – lembremo-nos que era tradição, em tempos passados, o enterro de pessoas importantes no interior, e de seus escravos no adro.

Hoje, a igreja encontra-se em bom estado, devidamente restaurada pelo Iphan.







Altar da Capela do Senhor do Bonfim

Capela de Nossa Senhora do Monte do Carmo (atual Museu de Arte Sacra)

A capela situa-se na margem direita do Rio das Almas e foi construída por ricos mineradores portugueses: Luciano Nunes Teixeira e seu genro Antonio Rodrigues Frota. A data das obras é imprecisa, mas foi a terceira igreja católica construída na Cidade.

Modesta e pequenina, possui três altares com retábulos de madeira entalhada. Os dois altares laterais, em tempos recentes, vieram da demolida igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.

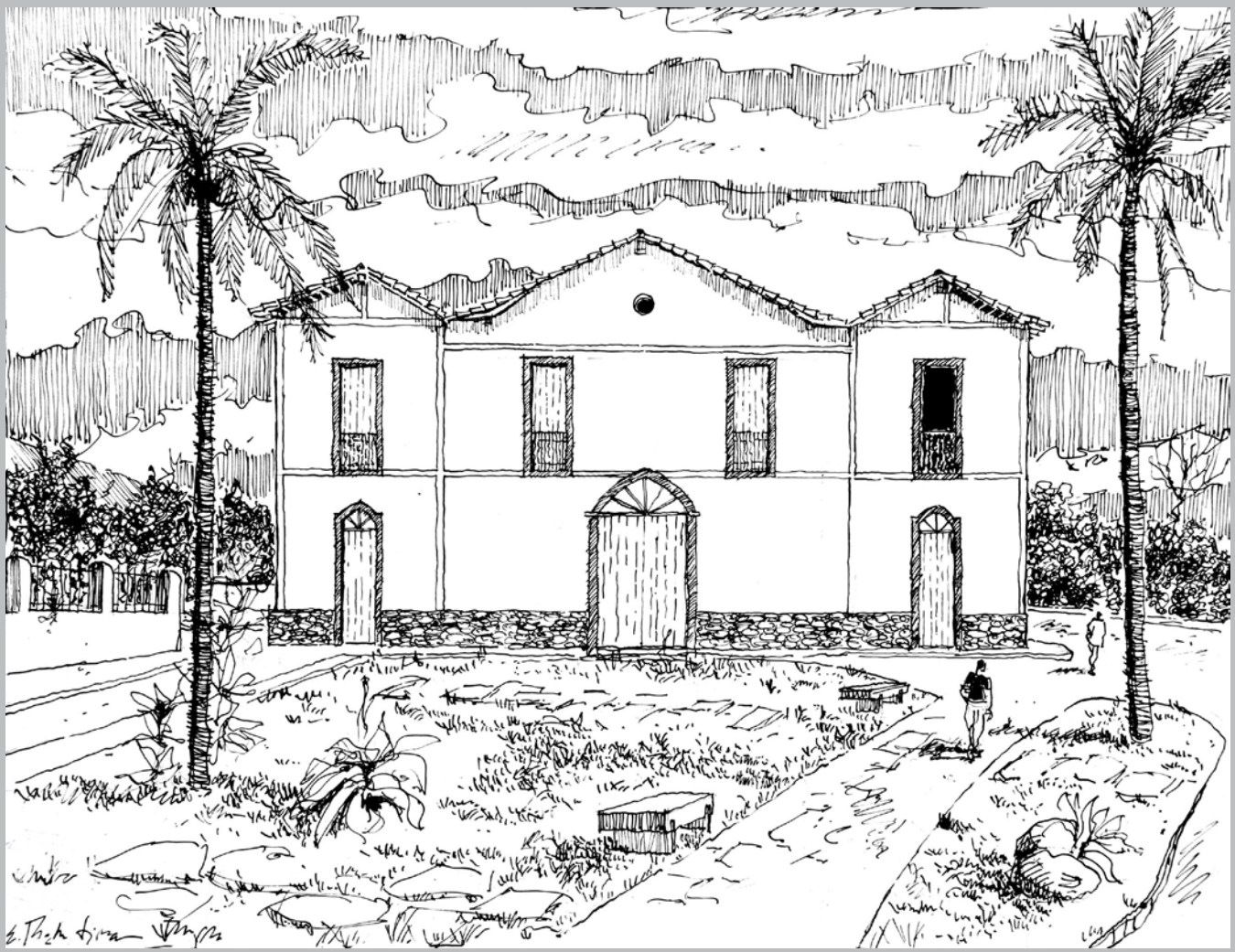
A imagem do altar-mor veio de Portugal e ali está entronizada há mais de 250 anos.

Os construtores dessa igreja e seus familiares estão sepultados em uma de suas sacristias e seus escravos foram sepultados no adro e no seu derredor.

Em 1827 o botânico e artista inglês William John Burchell andou por cá e fez, com a maestria de grande desenhista, uma panorâmica da Cidade, em que figuram a Igreja e o famoso sobrado dos Frotas (desse sobrado só nos restou o nome do morro – Morro dos Frota). A solução volumétrica externa que o artista inglês documentou é bastante diferente da atual e, sem sombras de dúvidas, mais elegante, de uma cadência mais ordenada (a capela, nessa época, estava ameaçada de ruir e estava escorada, como o minucioso Burchell documenta).

Ao longo do tempo, como costuma acontecer, sua arquitetura sofreu varias intervenções, mas, hoje, devidamente restaurada, abriga o novo Museu de Arte Sacra que está sob os cuidados do Instituto Brasileiro dos Museus, do Ministério da Cultura, abrigando imagens e objetos sacros que estavam dispersos pela Cidade.

A solução arquitetônica externa da igreja é estranha ao estilo barroco e está longe de um bom arranjo estético.






CRISTO CRUCIFICADO



5 Edifícios institucionais

Diferentemente da Cidade de Goiás que sempre foi sede de governo, Pirenópolis não foi aquinhoada com edifícios que abrigassem um aparato administrativo e político mais complexo. Na realidade os poderes se limitavam à Prefeitura, ao Quartel, ao Fórum e a Casa de Câmara e Cadeia. Desses o que resta é o ultimo, hoje ocupado pelo Museu do Divino, abrigando peças artísticas de viés popular e que foram e são produzidas para suplementar as festividades religiosas da Cidade. Este museu é administrado pelo Ibram (Instituto Brasileiro dos Museus – Ministério da Cultura). As peças expostas abrangem a expressão espontânea e artística popular da Cidade que, sem sombras de dúvidas, representam um rico patrimônio que tem caráter de certo ineditismo nas manifestações de arte popular no Brasil.

O edifício em si é inexpressivo – uma volumetria cúbica despojada e/ou pobre. Já seus interiores sofreram um processo de restauração criativo e bastante saboroso, compensando a singeleza exterior.

Lembremos que as Casas de Câmara e Cadeia eram uma instituição da administração colonial portuguesa. O andar térreo era destinado aos criminosos e o segundo abrigava os vereadores, cujas funções eram diversas das que hoje têm os eleitos sob este nome. Os de ontem dividiam com o governador as responsabilidades da administração municipal e também julgavam os indiciados por faltas graves.

Segundo o Mestre Lúcio Costa, em ***Registro de uma vivência***:

> As Casas de Câmara e Cadeia obedeciam ao odioso costume lusitano de assentar sem rodeios o poder sobre a cadeia – embaixo, no térreo, com vãos fortemente gradeados e paredes, pisos e forros reforçados, os presos, em cima, no andar, os senhores conselheiros. Mas como toda a medalha tem seu reverso, o sistema oferecia certas vantagens como a contínua ciência das autoridades pelo que ocorresse, e a acessibilidade aos presos, através das grades, da família e de quem passasse: um bilhete, um doce, um olhar – uma flor.

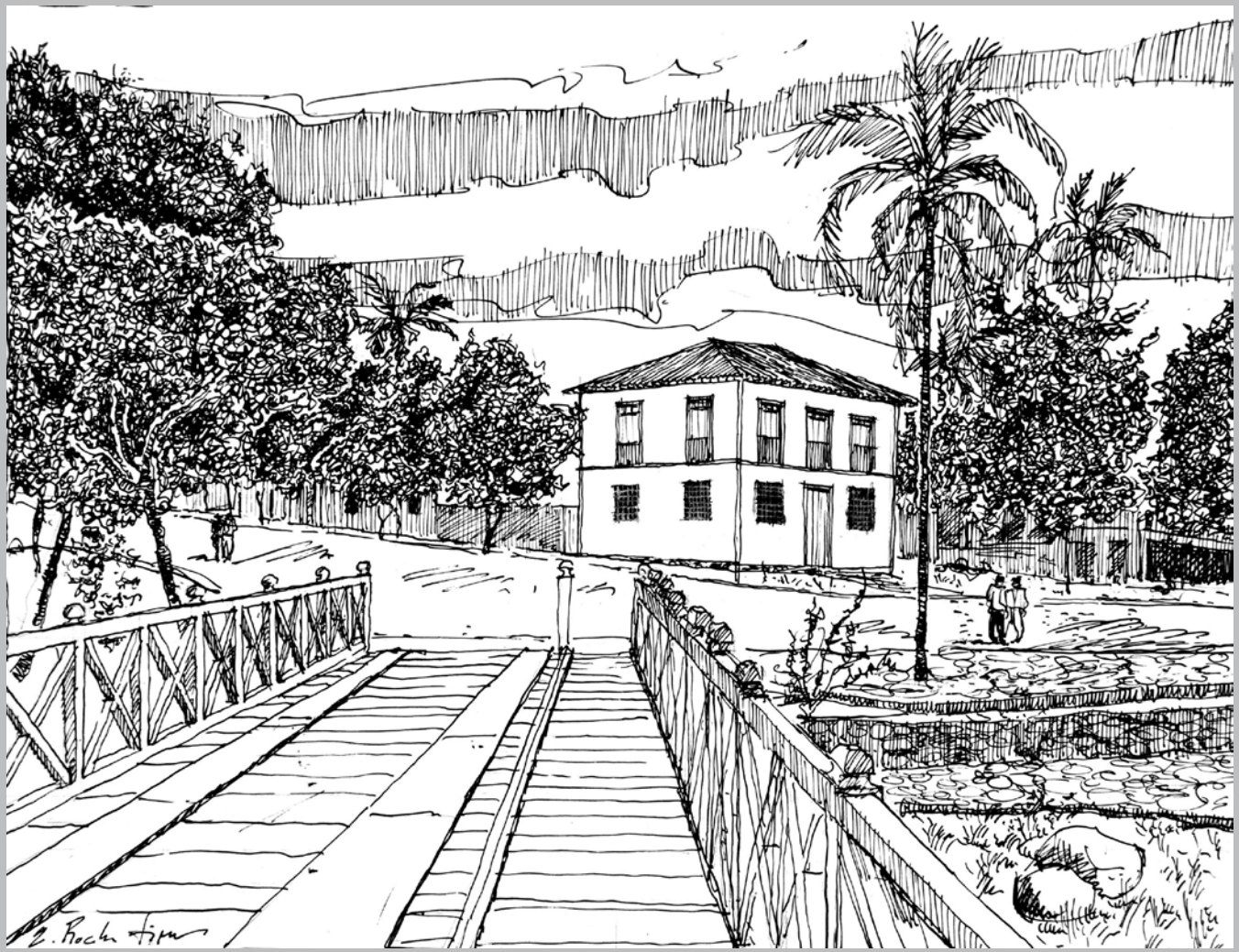
Teatro de Pirenópolis

Situado ao lado da Matriz encontramos um edifício que dificilmente poderemos classificar como barroco, parece mais uma construção inspirada nos enxameies europeus, mas, de qualquer maneira singelo e de agradáveis proporções. Foi construído por particulares com a finalidade de ser teatro. Depois de muitas vicissitudes, encontra-se, hoje, restaurado e adaptado às exigências modernas. Preservou-se sua fachada e detalhes arquitetônicos de época. Tem 467 metros quadrados, com bons camarins e 186 poltronas. É bastante utilizado nos dias de hoje e participa intensamente da vida cultural da Cidade.

Cine Pireneus

Este edifício foi construído em 1930 como teatro em pretenso estilo neo-clássico. Mais tarde, em 1936, foi transformado em teatro com sua fachada alterada para um desenho com sabor ***art-déco***.

Ficou abandonado, quase em ruínas, por uns tempos. Em 1998 foi restaurado e adaptado às funções de cinema e teatro.





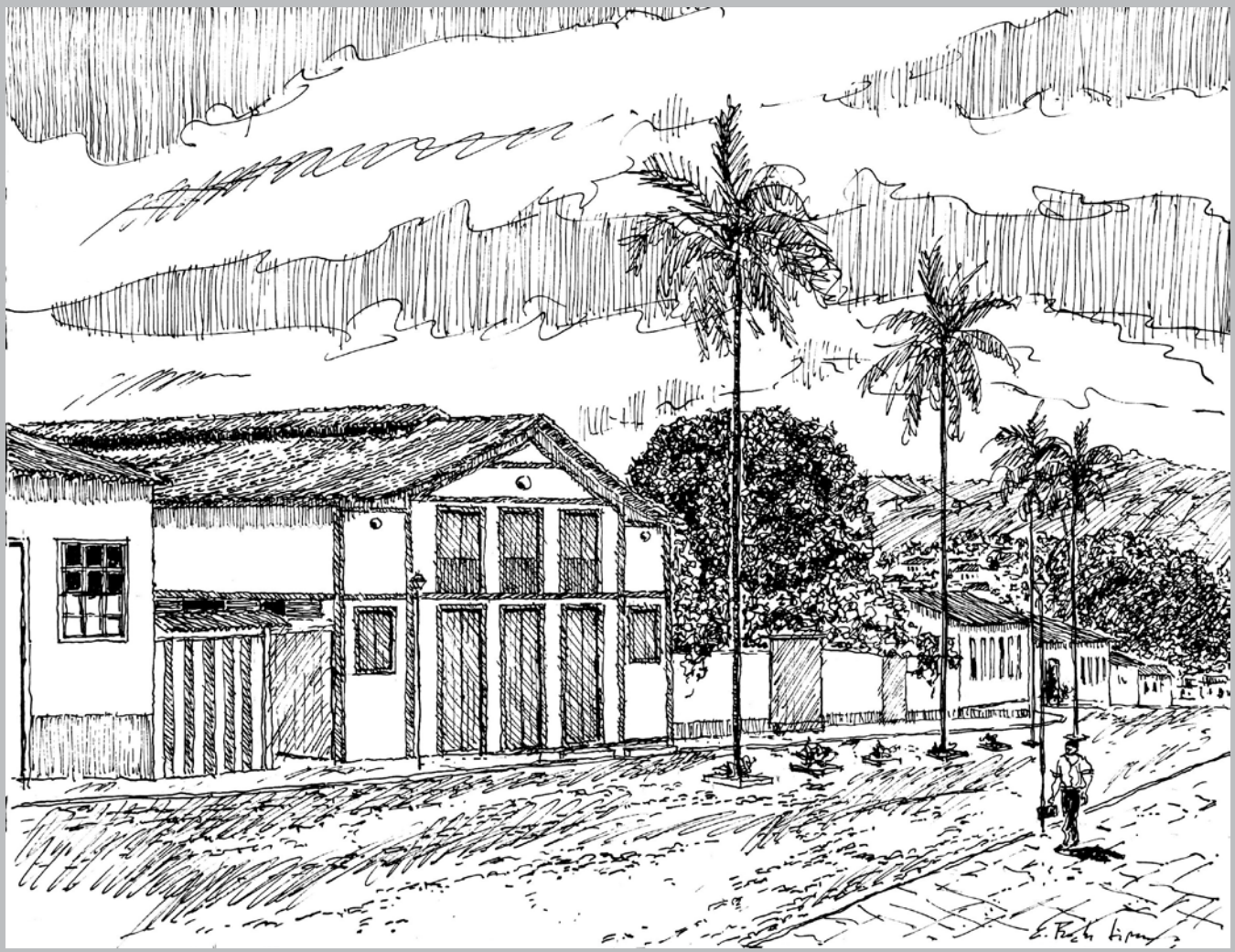














6 Expressão intelectual e artística

Uma convivência, mesmo que não demorada, com Pirenópolis leva um indivíduo, com um mínimo de espírito de observação, a constatar, em primeiro lugar, que perpassa pela Cidade certo sopro artístico que acontece desde priscas eras, constatável principalmente se o indivíduo a que aludimos tiver a curiosidade de mergulhar um pouco no passado. Essa presença de vocação artística é compreensível, pois, sempre, o que passou deixa um resíduo, nos marca e aponta rumos e, ainda, determina um caminho, quer queiramos ou não. E aqui já comentamos como atividades artísticas e culturais da Cidade tiveram, no passado, presença cotidiana e vários artistas aqui viveram e exerceram seus ofícios.

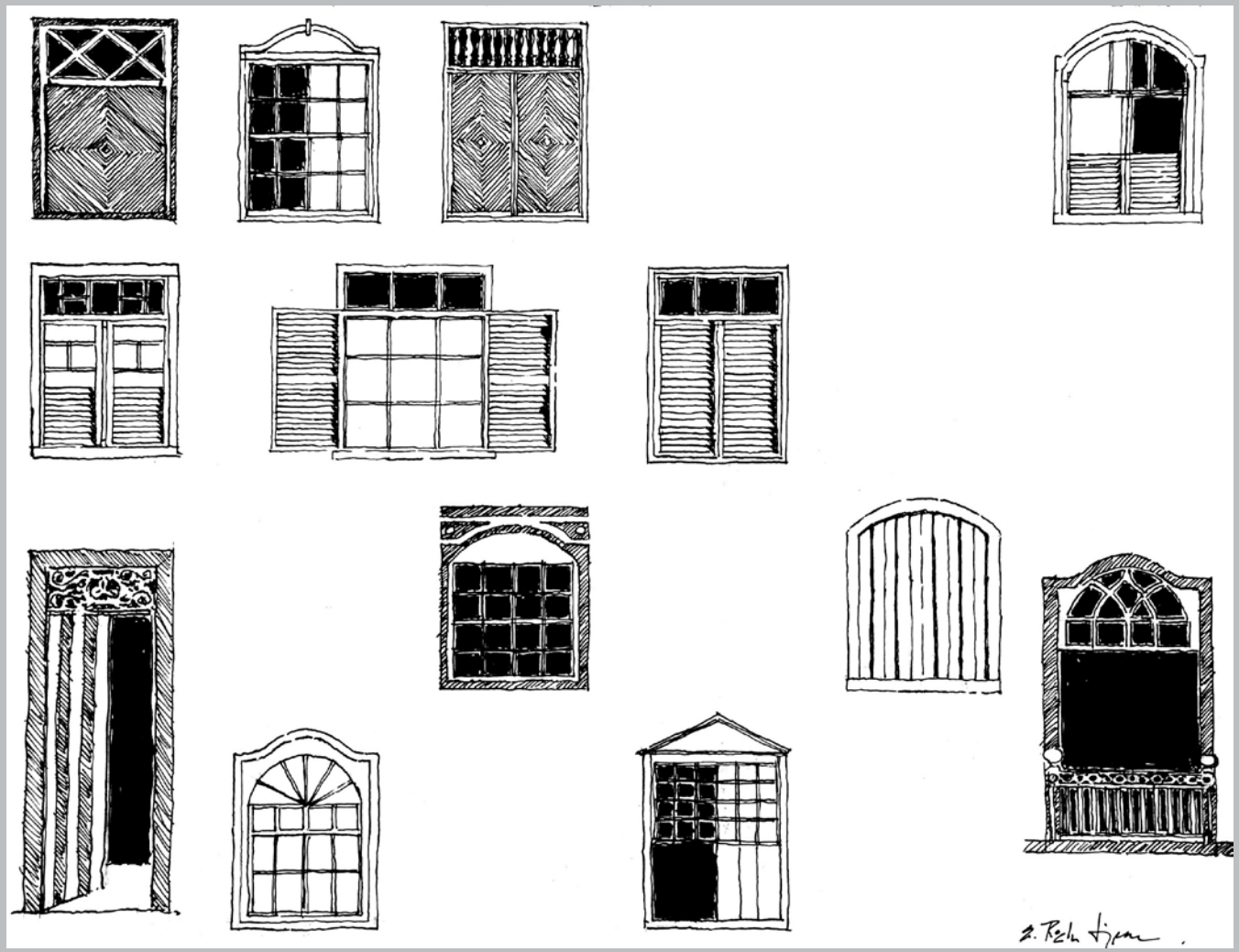
Se esse hipotético indivíduo andar pela Cidade, não com o ânimo de turista formal – aquele que não vê o que viu, perceberá num canto ou num recanto de sua arquitetura, uma manifestação de certo gosto, um apuro num determinado acabamento, um arranjo mais cuidado num detalhe, enfim, uma clara e singela intenção estética, sem alarde ou sem intenções secundárias – obedecendo somente o prazer de fazer uma coisa bem feita. O vagabundo amigo verá o desenho de uma janela, um beiral acachorrado, um lambrequim bem recortado, uma padieira guarnecida com recortes, uma pintura de esquadrias tratada com boas soluções nas cores e, se for suficientemente curioso, olhará o interior das casas e perceberá sobre a mesa um "centro" bem bordado, uma máscara de cavalhada em papel machê pendurada na parede, um retrato de família, um quadro representando uma paisagem, um oratório que acompanha a família séculos etc. Mas se sua impressão sai dos olhos e encaminha-se para os ouvidos, ouvirá alguém dedilhando um piano ou executando um violino, ensaiando uma flauta, ou mesmo ouvirá um ensaio de uma das bandas da Cidade.

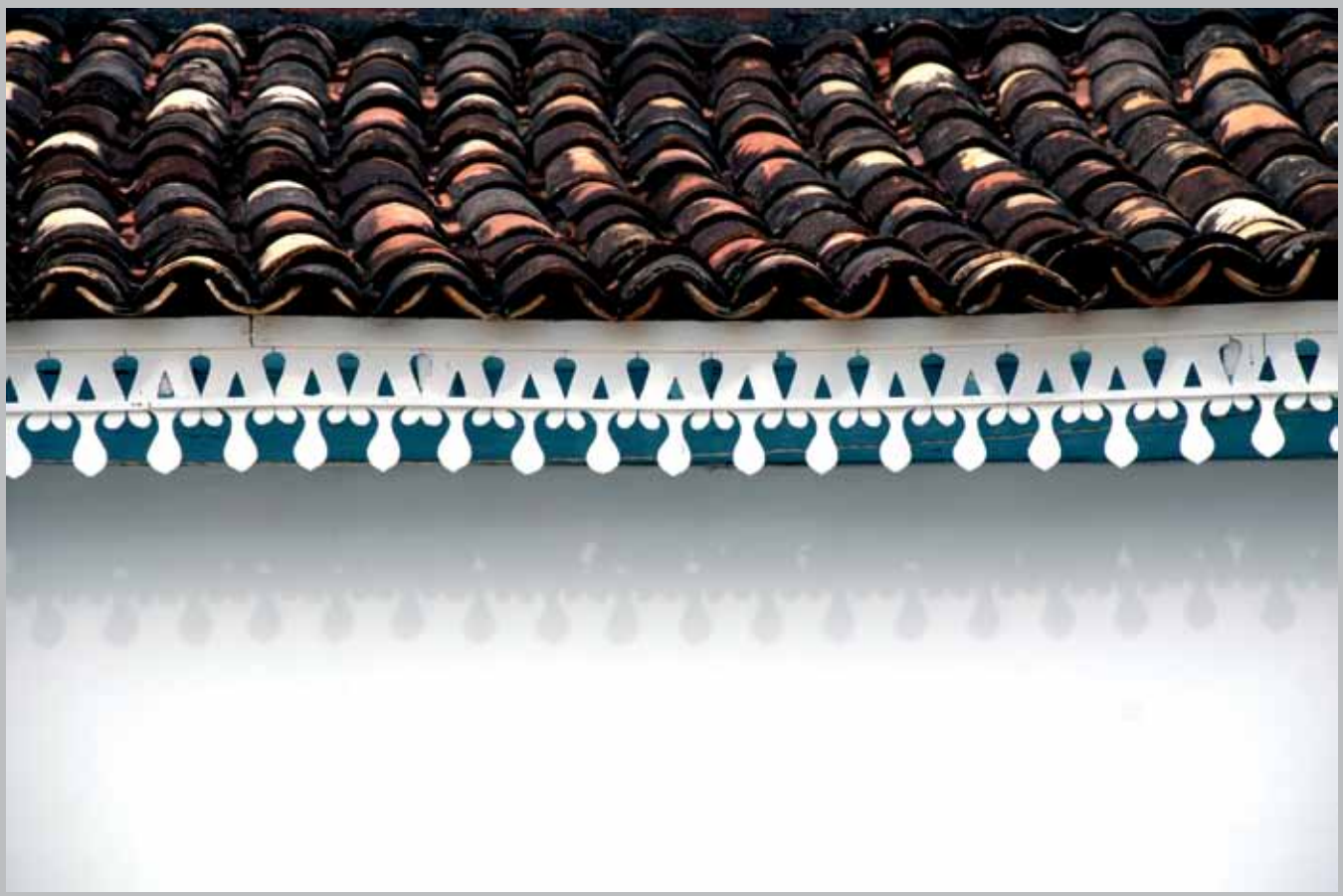
Se o nosso personagem conviver mais com a população perceberá algo não muito comum em outras comunidades: sempre alguém está fazendo algo artístico, mesmo que, em muitos casos, não seja totalmente em termos profissionais , fazendo máscaras de capetas ou de bichos-bois para as cavalhadas, pintando, geralmente com tratamento ***naïf***, as festas da Cidade, esculpindo coisas em casca de cajazeiras, tecendo em teares rudimentares panos com variados tissumes, executando móveis com sobras de madeiras, produzindo cerâmicas artesanais, etc.

Uma pergunta pode ser levantada: por que essa dedicação às manifestações artísticas, principalmente à música e artes plásticas? Por que desse ímpeto artístico que domina essa gente meiapontense?

Procuremos no tempo, caminhemos para trás e se contemplemos o início da formação dessa comunidade que se alojou nas margens do Rio das Almas e nas faldas da Serra dos Pireneus, por razões um pouco acidentais. O início aqui da civilização se deu sobre os alicerces da concupiscência coletiva. O ouro ofereceu função magnética e seus pioneiros não hesitaram em cometer torpezas de 14 quilates para chegar ao brilho cegante do metal ouro. De resto, não foi diferente do que acontecia ou aconteceu em outras regiões do país. O suor e o sangue dos negros tingiram as águas límpidas do Rio das Almas!

Para purgar esses pecados, para conjurar as indecências, exorcizar os demônios que dominavam





Lambrequins

todos, apelava-se para o perdão dos céus e recorria-se à Igreja para acalmar suas consciências. Levantavam-se templos, decoravam-no com obras de arte, musicavam as cerimônias, entalhavam-se altares, esculpiam-se imagens, pintavam-se paredes e tetos. À época, principalmente, a igreja era exigente quanto à solenidade do culto e o ambiente físico deveria obedecer aos luxuosos cânones barrocos.

Nesse caso, a Igreja passou a ser a grande indutora do desenvolvimento artístico da comunidade e ela oferecia parâmetros, regras e normas a serem seguidos. Mas as cerimônias e as festas religiosas também exerceram o papel de elemento associativo para um conglomerado que nascia de maneira anárquica. Influenciados pelos padres, apareceram outras formas de comunicação social festiva: o teatro e a encenação das lutas entre o bem e o mal, os mouros e os cristãos, a música profana, etc.

Essa purga coletiva ensinou aos meiapontenses os nobres prazeres da expressão artística e quando o ouro minguou e os demônios da sovinice e da ambição desenfreada recolheram-se aos covis infernais, continuaram a ***práxis*** da manifestação artística para deleite próprio e adequado a uma expressão cultural coletiva - já se tornara uma tradição, mais do que isso, tornou-se componente de uma hereditariedade.

Ora, isso tudo, esse ímpeto pra produção artística de hoje tem então uma razão, tem um motivo, tem uma origem, tem uma herança e exemplos. Essa herança é forte e queremos aqui destacá-la. Na área musical e literária, mais do que qualquer outra, Pirenópolis é pródiga de valores. Tanto é assim que justifica-se a criação da Academia Pirenopolina de Letras, Artes e Música.

Aqui neste trabalho foram escolhidos alguns nomes de produtores artísticos, foi uma escolha pessoal que não implica em julgamento de valores, mas constituem, a meu ver, figuras emblemáticas que marcaram e cunharam essa vocação artística e intelectual da Cidade. Dividimos esse grupo em três segmentos, abrangendo passado e presente: escritores, musicistas e artistas plásticos. Alguns nasceram por cá, outros adotaram a Cidade como se fossem naturais dela.

Literatura

Jarbas Jayme

O grande historiador de Pirenópolis nasceu em 1895 na Fazenda Água Limpa. Fez o primário na Cidade natal e o secundário no Seminário Santa Cruz, situado no Arraial de Ouro Fino, Cidade de Goiás. Esse Seminário era um estabelecimento de ensino famoso por sua eficiência e responsável pela formação humanista de inúmeros ilustres cidadãos goianos. Lá o futuro homem de letras aprendeu, inclusive, o latim e o francês. Já com quarenta anos dedicou-se ao jornalismo colaborando com jornais de Goiás e Minas. Foi membro do Instituto Genealógico Brasileiro. Acreditava, como outros historiadores, na importância da pesquisa genealógica como suporte da história. Era um cidadão profundamente ligado à sua Cidade e a sua gente.

Seu estilo literário era simples, escorreito e sem afetação. Seus textos são de leitura agradável e tratados com a elegância de quem domina o vernáculo.

Obras publicadas: ***Cinco Vultos Meiapontenses, Do Passado ao Presente Vale Seis!, Anedotário Meiapontense, Esboço Histórico de Pirenópolis e Famílias Pirenopolinas***, em quatro volumes e publicado postumamente e, ainda, ***Os Sumos Pontífices (história dos Papas, a partir de São Pedro)***.

Deixou uma obra póstuma, devidamente complementada pelo Professor José Sisenando Jayme, seu filho, chamada ***Pirenópolis, Casa dos Homens e Pirenópolis Casa de Deus/Casa dos Mortos***.

Se pretendermos classificar essa última obra, teremos que apelidá-la de incrível, inédita e extraordinária. Nela os autores contam a história de 341 casas que remontam ao Brasil Colonial, por quem foi construída e quantos moradores tiveram. Os comentários sobre elas são saborosos. É uma autêntica história da Cidade e as notas de pé de página contam fatos históricos, casos pitorescos, tragédias, escândalos, anedotas, mexericos etc., com muita vivacidade.

Os livros (a obra foi editada em dois volumes) são enriquecidos com ilustrações a cores (pinturas) realizadas pelo pintor pirenopolino Pérsio Forzani que consegue um feito inédito: juntou um certo tratamento ***naïf*** com fidelidade na documentação arquitetônica.

Jarbas Jayme faleceu em 1968 e está sepultado no Cemitério de São Miguel na sua sempre amada Pirenópolis.

Isócrates de Oliveira

Nasceu em 1922 em Pirenópolis. Ainda na infância saiu de sua terra e ingressou no Seminário Menor Santa Cruz, na Cidade de Bonfim, em Goiás, e completou sua formação sacerdotal na Cidade de São Paulo, nessa oportunidade, estudou filosofia e teologia.

Ordenado sacerdote exerceu o ministério religioso por uns tempos, mas abandonou a vida eclesiástica e encaminhou-se para a carreira diplomática. Nessa carreira ocupou vários postos e viveu em vários países na Europa, na Ásia e na América do Norte e América Latina. Fez curso de pós-graduação no Departamento de filosofia da Rice University e obteve o grau de Mestre em Filosofia. Publicou vários livros, tanto na área de filosofia, como na ficção. Tanto num caso como no outro, sempre manifestou inclinação para as especulações teológicas e filosóficas.

Como ficcionista sua obra demonstra uma completa inserção na sua Cidade natal, principalmente o ambiente da Pirenópolis de sua infância que o marcou indelevelmente. Sua linguagem é contemporânea, ágil e bastante livre e criativa, sem ranços de academicismo, mesmo denunciando, claramente, sua vasta cultura no ramo da filosofia.

Após sua aposentadoria no serviço diplomático, voltou para sua Cidade natal, dedicando-se ao estudo e produção literária e aqui faleceu.

Aqui, neste pequeno livro, não hesitamos em colocá-lo na lista dos grandes escritores brasileiros e desejando que sua obra tenha maior divulgação. Seu conto Dom Silogildo é uma obra-prima do conto brasileiro, onde se mistura, de uma maneira inédita, filosofia, cultura popular e humor.

Publicou, entre outros, os seguintes livros: ***Drama de Um Padre*** (livro de cunho pessoal, onde relata seus problemas vivenciais com relação ao sacerdócio), ***Intruduction du Sens Cosmique en Philosophie*** (obra estritamente filosófica e escrita em francês), ***A Hora do Anticristo, Dom Silogildo e Outros Contos***, e ***Frederico e o Mundo Real*** (ficção com fortes componentes poéticos).

Eliane Lage

Sob este nome existe uma personalidade encantadora, inclusive no convívio pessoal. Sua história de vida é uma sucessão de encantos, vivências maravilhosas e convivência com pessoas inteligentes e sedutoras.

Nasceu em Paris, de origem, digamos, aristocrática. Aristocracia burguesa paulista, pontuada pelo dinheiro, mas dinheiro casado com a cultura e o bom gosto. Teve educação exemplar, inclusive convivendo com gente, às vezes bizarras, mas que se envolvia, cotidianamente, com artes e erudição.

Por uma série de circunstâncias, ainda muito moça, tornou-se uma das principais atrizes do cinema brasileiro na época da Vera Cruz. Esta companhia foi criada, com as mais nobres intenções, para

solidificar a produção, ainda incipiente, do cinema brasileiro. Foi a principal atriz de inúmeros filmes antológicos, inclusive o ***Sinhá Moça*** que foi grande sucesso na época, contracenando com Anselmo Duarte. A Vera Cruz, infelizmente, durou pouco tempo, mas serviu para formar uma idéia de cinema, com implicações artísticas e industriais, entre nós.

Em 1977 Eliane Lage mudou-se para Pirenópolis, por pura opção sua e tornou-se fazendeira. Eliane adotou a Cidade como sua, logo de início, mas, realidade, ela é que foi adotada pela Cidade como uma das suas mais queridas cidadãs meiapontenses.

Em 2000 Eliane imaginou escrever sua autobiografia e em 2005 a Editora Brasiliense lançou ***Ilhas, veredas e buritis***. Pirenópolis já comparece no título – Veredas e Buritis!

Como texto autobiográfico é um dos melhores que já se escreveu no Brasil, pois além dos componentes naturais de um trabalho no gênero, inclusive com um pano de fundo histórico sobre a Vera Cruz e incríveis peripécias pessoais, é estilo e poesia, poesia em prosa que encanta, deslumbra e comove.

Artes plásticas

Veiga Vale

José Joaquim da Veiga Vale nasceu em Pirenópolis em 1806 e morreu na Cidade de Goiás em 1974. Sua origem familiar é de gente antiga por cá.

O nome desse artista já deixou de ser unicamente goiano e atualmente qualquer trabalho sério e completo que se faça sobre história da arte no Brasil não pode ignorá-lo, pois é um legítimo representante da melhor arte sacra barroca que se praticou no Brasil. Aqui na Cidade fez seu aprendizado de pintura e escultura. Sua pintura, aliás, voltou-se quase unicamente para participar da sua escultura na encarnação e colorido das vestes de suas peças. Esse aprendizado de Veiga Vale foi sempre uma incógnita histórica. Certos estudiosos de sua obra reagem quanto ao seu autodidatismo, pois seus conhecimentos técnicos eram de tal ordem que seria praticamente impossível obtê-los sem um ensino metódico, acadêmico ou oficinal. Mas, seja como for, ignora-se o nome ou nomes de seus mestres, e mais, nunca houve por estas bandas escultores que deixassem obras de cunho erudito como as de nosso escultor e que pudessem servir de modelo para o artista, a não ser, é claro, a arte sacra importada de Portugal.

O escultor, já com 34 anos, e consagrado, muda-se para a Cidade de Goiás, a convite do governador do Estado. Mais tarde casou-se com a filha desse Governador. Exerceu vários cargos públicos, pertencendo assim à elite social, embora praticasse, igualmente, um ofício não muito comum nessas elites sociais. O escultor era perfeitamente identificado com o barroco brasileiro e também tratava suas peças com particular cuidado na volumetria, e extremo zelo na pintura e encarnação. Aliás, o profissionalismo desse artista iniciava-se na escolha e preparação de sua matéria-prima, a madeira, inclusive na secagem. Após essa primeira fase, o escultor, com suas goivas, formões e macetes fazia surgir suas figuras que se apresentavam com extrema elegância de postura, proporções anatômicas perfeitas e gesticulação bem resolvida, resultando em expressividade, leveza e ritmo que fornecem à sua obra a marca do classicismo renascentista, com componentes barrocos.

Seus panejamentos eram bem trabalhados nas curvas, contracurvas, anfractuosidades e dobras lineares em feixes, traduzindo pleno domínio da visão espacial.

Nosso artista produziu uma obra apolínea, isto é, tranquila, suave, serena e equilibrada, diferente do genial e dionisíaco Aleijadinho, tumultuado, deformador, vigoroso e dramático.

Ignácio Pereira Leal

O pintor e fazendeiro sob este nome nasceu em Meia-Ponte em 1832 e faleceu na Cidade de Goiás, para onde se mudara.

Foi o autor da pintura do teto da Capela-mor da Matriz de Pirenópolis. Trabalhou na execução desse teto entre os anos de 1863 a 1864, e foi auxiliado no seu trabalho por Antonio da Costa Nascimento (Tonico do Padre) e Francisco Herculano de Pina (Chiquinho Chichi). No forro do trono da Capela deixou atestada a sua autoria. Infelizmente a citada pintura foi devorada pelo incêndio da Matriz em 2002, mas existe uma boa documentação fotográfica dessa obra que permite avaliar a competência do artista.

Não se sabe quais foram os professores desse talentoso pintor, embora achemos impossível um autodidatismo – sua técnica e as implicações culturais que a obra ostenta, demonstram, se dúvida, um aprendizado eficiente. Sob ponto de vista estilístico, a pintura em foco acusa uma obediência ao que era usual na época, isto é, a concepção plástica barroca.

Artes populares

A Cidade sempre foi pródiga de artistas não-eruditos que produziram e produzem uma série de objetos artísticos que vão dar apoio às festas religiosas – festas do Divino e as cavalhadas. No último caso, isto é, na representação das lutas de mouros e cristãos, comparecem os "mascarados" que são cidadãos que saem às ruas, em bando ou sozinhos, vestidos com roupas coloridas e com máscaras em forma de cabeças de bois com enormes chifres enfeitados com flores de papel, onças, capetas, caveiras e monstros. Esses mascarados são chamados de cucurucus. As belas máscaras de bois se tornaram um dos ícones da Cidade e modelados em uma espécie de papier maché. Na época das festividades as praças da Cidade são adornadas com cabeças de bois de grandes dimensões. Os artesãos se esmeram na forma e cores e essa forma de arte popular é inédita, não conhecemos outras Cidades que tenham a Cavalhada entre seus folguedos e que produzam peças iguais e com o mesmo sabor artístico.

A Festa do Divino que caminha paralelamente com as cavalhadas e com datas próximas, também exige uma série de objetos artísticos para instrumentá-la.

Predominam as representações, sobre vários suportes, da pomba que simboliza o Espírito Santo.

Artistas primitivos

Selecionamos, aqui neste trabalho, três artistas primitivos de Pirenópolis, ou, como se diz em livros especializados, artistas ***naïfs***. Utilizamos do mesmo critério do adotado aqui para os escritores, isto é, não se trata de um juízo de valores, mas dadas as características do presente trabalho, essa escolha é pessoal e indicativa de um conjunto de artistas de Pirenópolis que adotam esta abordagem estilística.

Uma coisa é constatável na arte ingênua – não sofre rejeição por parte de ninguém – o sopro poético que anima essas obras é muito evidente e comove a todos, grego ou goiano.

O que caracteriza o estilo desses artistas é uma forma de expressão que prescinde do aprendizado acadêmico, isto é, eles não usam recursos eruditos de composição, desenho, perspectiva, tratamento de cores etc. Geralmente são artistas instintivos e suas obras deixam transparecer inocência e simplicidade, e, ainda, geralmente, toques poéticos quase infantis, tanto na temática como na fatura. Pode mesmo ocorrer o caso que esse artista se enquadre como pessoa culta, mas no manejo dos pincéis costuma se comportar como ***naïf***, comandado pelas suas qualidades morais de seres angelicais, como Van Gogh, por exemplo.

O Brasil é um país extremamente pródigo em artistas ***naïfs*** e alguns deles entraram na história da arte como representantes da melhor arte brasileira, como é o caso do Cardosinho, Heitor dos Prazeres, Manezinho de Araújo, Antônio Poteiro etc. Ainda mais, existem uma série de pintores eruditos que se deixaram influenciar pelos primitivos, como o brasileiro Guinhard ou o vilaboense Octo Marques, por exemplo. O Brasil tem também um dos melhores museus do gênero arte primitiva, é o Museu Internacional de Arte Naïf do Brasil, no Rio de janeiro (Rua Cosme Velho, 561).

Queremos aqui deixar claro que a obra desses artistas merece de nossa parte, isto é, dos que são aficionados dessa expressão artística, o mesmo respeito que merecem os trabalhos de quaisquer outros artistas eruditos e encontramos neles a mesma qualidade estética que se exige numa obra de arte produzida por artistas de formação culta. A linguagem é a mesma, existem tão somente variações de gramática. Enfim, no caso, o que interessa é se são bons artistas ou não, pouco influindo os caminhos expressivos trilhados. Não se pode, pura e simplesmente, inquiná-los de ***folclóricos*** – reducionismo incorreto.

Acreditamos, igualmente, que a presença de tantos artistas no gênero, existentes em Pirenópolis, dão à Cidade uma característica impar no cenário artístico de Goiás, fato cultural que não pode ser deixado de lado. Quem sabe se amanhã ter-se-á o Museu de Arte Naïf de Pirenópolis?

Pérsio Forzani

Descendente de tradicional família meiapontense, nasceu esse artista em 1933. Nasceu com um defeito físico nas pernas, o que o obrigou a ter uma vida sedentária. Essa quase imobilidade e sua clara vocação pelas artes plásticas permitiu que produzisse muito. Autodidata começou a pintar com oito anos e pintou, até hoje, cerca de 3.500 quadros em sua vida laboriosa. Sua temática era e é exclusiva das coisas de sua Cidade: casario, igrejas, paisagens, procissões e festas religiosas da Cidade e temas similares. Seus estudos regulares se limitaram ao primário – o resto foi a universidade da vida que o ensinou.

Sua personalidade? Simplicidade, alegria de viver e humildade franciscana que comove e explica a doce poesia que trespassa pela sua obra, sua vida sofrida de garoto da roça e "aleijado" não sombreou seu viver pleno e ele, como artista e como pessoa, soube sublimar suas deficiências.

Ilustrou, saborosamente, a obra de Jarbas Jaime sobre o casario da Cidade. Sua fidelidade ao tema foi impressionante, não excluindo sua concepção geral, idêntica aos primitivos que estão sempre próximos uns aos outros no seu ***modus faciendi***.

Em certos casos Forzani toca as fronteiras da pintura erudita, tal a complexidade espacial de algumas de suas telas, enfrentando até desenhos perspectivos complexos. O que causa espanto é o seu autoditatismo que superou o isolamento de fontes culturais a que esteve submetido, durante sua vida no interior de Goiás. Somente uma vocação fora dos limites normais, exacerbada mesmo, pode justificar seu comportamento como artista.

Pérsio Forzani é, sem sombras de dúvida, um dos grandes artistas de Goiás e uma glória para Pirenópolis.

Zé Inácio Santeiro

José Inácio Nascimento, conhecido como Inácio Santeiro nasceu em uma fazenda em 1949. Desde menino participava ativamente das festas populares/religiosas que são freqüentes no interior de Goiás. Começou a desenhar, pintar e modelar o barro desde criança, obedecendo ao impulso íntimo que é o apanágio dos artistas, populares ou eruditos. Sua temá-



Pintura a óleo - Pércio Forzani



Pintor Pércio Forzani

tica foi sempre voltada para a vida que se desenrolava em seu entorno, e, especialmente, os momentos de alegria de nossa gente do sertão. Produz peças modeladas em argila de mascarados e cavaleiros da cavalhada, além de uma pintura a óleo, também com a temática de inspiração popular.

Claudimar Pereira

Este jovem artista, também oriundo de tradicional família pirenopolina, iniciou-se na pintura em 1996. Também tem sua história artística definida pelo autoditatismo. Seus assuntos pictóricos igualmente são as festas do Divino, a Cavalhada etc. Sua pintura é bastante decorativa e tem acentos infantis bastante agradáveis, mesclada com certa dose de um amável grotesco, à maneira do Antonio Poteiro.

Circuito de criação

Sob esse nome encontramos hoje seis artistas/artífices extremamente competentes produzindo objetos cujas características se definem pela soma da alta qualidade artesanal e rico conteúdo plástico. Esse grupo, com suas propostas, coloca a Cidade no circuito da produção artística erudita absolutamente contemporânea e com potenciais multiplicadores.

Vera Michels

Utiliza como suporte para suas criações, tela, cerâmica, papel e madeira em que seus desenhos e pinturas transformam objetos simples em artigos de arte, design e decoração.

Roque Pereira

Desenvolve uma nova carpintaria: toda a madeira utilizada já estava caída ao ser encontrada e, na criação, é aproveitada por inteiro, inclusive no seu desenho natural.

Rosana Regis

Esta artista busca equilíbrio e versatilidade em suas jóias feitas a mão em prata e gemas, preferencialmente brasileiras.

Mercedes Monteiro

Há quase duas décadas em Pirenópolis, resgatando e inovando sua tradição têxtil.

Claudia Azeredo

Esta arquiteta voltou-se para um trabalho na área de artedesign em que utiliza, sabiamente, tecidos coloridos. Apresenta peças com uma composição de formas abstrato-decorativas combinadas com uma excepcional harmonização de cores.

Cristina Galeão

Formada em artes plásticas na UnB esta artista criou uma oficina-loja Adobe em que desenvolve um excelente trabalho de pesquisa e produção na área de cerâmica artística.

Música

Talvez seja a música uma das formas de produção artística que mais se destaca em Pirenópolis. Fica-se admirado quanto ao número de pessoas da Cidade que executam algum instrumento ou que têm certa familiaridade com as práticas musicais, e isso vem de épocas remotas. A Cidade é um celeiro de músicos, inclusive de músicos eruditos - executantes, professores, maestros, etc.

Tudo começou com a música sacra, em épocas passadas a Igreja era exigente na sua liturgia, especialmente das missas musicadas. A forte religiosidade de sua população facilitou a formação de músicos, bandas e conjuntos

Uma curiosidade é traduzida pela polivalência artística da gente meiapontense. Vemos isso, espe-

cialmente, com relação aos primeiros músicos notáveis daqui:

Padre Francisco Ignácio da Luz

Além de sacerdote era marceneiro, mecânico e pintor. Sua habilidade era tal que chegou a construir um realejo. Nasceu em 1821 e ordenou-se padre em 1844. Ficou conhecido como exímio musicista e dotado de ouvido excepcional, capaz de reproduzir uma peça musical ouvida uma única vez.

Em 1858 este padre criou um conjunto instrumental, sendo um dos componentes seu irmão, o Tonico do Padre que será comentado adiante.

Joaquim Propício de Pina

Foi aluno de Tonico do Padre que, por sinal, formou um grande número de músicos talentosos.

Fundou e dirigiu, em 1892, a ***Escola e Banda de Música Fênix***, e esta banda existe até hoje. Ministrava aulas gratuitamente e ainda socorria com dinheiro do próprio bolso seus alunos. Ocupou vários cargos públicos, inclusive Intendente Municipal (Prefeito), abrindo mão, generosamente, de seu salário.

Tonico do Padre

Sob esse apelido encontramos o desenhista, escultor, pintor e músico Antônio da Costa Nascimento. Dona Belkiss S. Carneiro de Mendonça em seu livro ***A Música em Goiás***, assim se referiu a ele: *(...)**foi o músico meiapontense que mais nos impressionou. Seu legado musical é extenso. Escreveu grande número de missas e outras peças sacras, além de Quadrilha de Dança e muitas obras profanas*.

Nosso músico compôs uma intrigante peça para orquestra chamada ***Concerto dos Sapos***, inspirada no coaxar dos sapos da beira do Rio das Almas. Quando de sua primeira execução, houve espanto e provocou alguns risos nos músicos e assistentes. Foi o suficiente para o compositor, irritado, suspender o ensaio e recolher a pauta, ocultando-a de todos. É uma composição interessantíssima e, diríamos, absolutamente revolucionária. Executada hoje não provoca os espantos que provocou à sua época.

Tonico do Padre esteve à frente da Banda Euterpe, durante 35 anos – até sua sofrida morte. Deixou um número muito grande de peças compostas, sacras e profanas, todas com um estilo muito pessoal, inconfundível mesmo. Não será exagero alinhar esse compositor no rol de artistas geniais, principalmente devido às circunstâncias de sua vida isolada dos, digamos, centros culturais do país.

Dotado de um gênio difícil, extremamente irritadiço, adquiriu inimigos e alguns deles atacaram-no violentamente e os espancamentos que sofreu provocaram sua morte.

Poderíamos citar e comentar outros músicos talentosos que povoaram nossa Cidade, mas isto seria fugir ao escopo do presente trabalho.

Por outro lado, podemos acrescentar que essa tradição cultural possibilitou a presença, hoje, de inúmeros valores de Renome nacional, tanto na música erudita como na popular, originários daqui e, nesse caso, ***quem herda não furta***!

7



Pirenópolis turístico

Em virtude de sua localização geográfica e sua proximidade de centros urbanos como Anápolis, Goiânia e, principalmente, Brasília e, é claro, sua clara vocação turística, a Cidade é hoje uma atração nacional. Essa população flutuante implicou uma enorme adaptação na sua oferta comercial, principalmente em termos de hospedagem, gastronomia e comércio, de maneira geral. Se isso trouxe, evidentemente, uma série de vantagens econômicas, está exigindo da administração pública uma série de onerosas providências para adaptá-la à sua, digamos, nova vocação.

De qualquer maneira, hoje, a Cidade conta com uma rede hoteleira capaz de suportar os picos de ocupação turísticas – desde simples pousadas até hotéis de certo luxo.

No terreno da gastronomia houve, nos últimos anos, um enorme incremento e desenvolveu-se um leque de ofertas que vão da cozinha regional aos cardápios sofisticados de restaurantes.

Também o comércio se adaptou ao novo consumidor. Surgiram, inclusive, à exemplo de outras Cidades históricas, ateliês de jóias de prata e ouro de boa qualidade e alguns produzindo peças com alguma originalidade no seu desenho.

Pode-se, também, encontrar na Cidade alguns exemplares de arte popular tendo como tema seu rico folclore. Uma das contribuições da Cidade são as belas máscaras das cavalhadas que já se tornaram um ícone artístico da Cidade. Essas peças são produzidas artesanalmente com uma espécie de ***papier maché*** e com inventivas policromia e desenho.

Intramuros, a Cidade conta com inúmeras atrações, com seus museus, igrejas, as próprias ruas que foram feitas para a deambulação. Extramuros, os parques e cachoeiras são imperdíveis. Tanto as edificações como alguns acidentes naturais estão mencionadas ou ilustradas em outro local do livro.

Não insistiremos mais no assunto, pois o objetivo deste livro não é o sentido turístico. Existe, na Cidade, uma quantidade razoável de ***folders***, prospectos, postos de informações, etc. que podem orientar o interessado, além de guias de turismo bem treinados.

No caso do Parque Estadual da Serra dos Pireneus e das já famosas cachoeiras achamos que as fotografias que contém o presente livro são melhores, para encantar o visitante, que os discursos.

Além dos museus oficiais já comentados, a Cidade conta com dois particulares e que merecem uma visita, pois contém um bom acervo:

Museu da família Pompeu

Administrado e organizado, generosamente, por uma das mais antigas famílias da Cidade, está situado na Rua Nova, num belo casarão que foi sede do jornal Matutina Meyapontense. Pode-se dizer que ali está documentada boa parte da história da Cidade – documentos, objetos, fotos, utensílios etc.

Museu das Cavalhadas

Esse museu abriga fotos, peças e trajes que se referem à festa das Cavalhadas. Foi uma atitude inteligente e útil para preservação dos implementos utilizados nesse acontecimento, agora, classificado como patrimônio imaterial do Brasil, pelo Iphan.







8 Festas populares

Festa do Divino

A festa do Divino (Divino Espírito Santo) e a Cavalhada acontecem em vários rincões do Brasil e em especial no Estado de Goiás. Inúmeras Cidades do interior goiano e mineiro mantêm essa tradição, apesar da cultura globalizada que ameaça as culturas regionais e nacionais. Em Pirenópolis estas festanças de caráter profano-religioso assumiram uma dimensão surpreendente, de âmbito nacional.

A Festa do Divino tem duração de doze dias e seu ápice é o domingo do Divino, cinqüenta dias após a Páscoa. Ela se constitui de vários eventos – missas, novenas, alvoradas, queima de fogos, "folias" na roça, encenação da Pastorinhas etc. A liderança desta festa é exercida pelo Imperador do Divino que é coroado na igreja, com muito respeito. Geralmente este Imperador é uma pessoa querida na Cidade e de posses para que, inclusive, possa oferecer aos participantes um banquete com abundância de comida e bebida. Sua escolha passa pelo sorteio entre vários candidatos. Até hoje foram registrados 190 imperadores.

A liturgia da desta festa é muito complicada, não cabendo aqui descrevê-la, existindo vários livros que tratam do assunto. Um dos momentos mais solenes é a coroação do novo Imperador – é realizada uma procissão: um grupo constituído de virgens, vestidas de branco, vai à frente do Imperador e em seguida vai a banda de música, acompanhada pela multidão, respeitosamente. Após a missa o padre oficiante retira da cabeça do Imperador a coroa de prata do antigo imperador, beija-a e a coloca sobre a cabeça do novo imperador. A coroa e o cetro do imperador foram criados em 1826 e são de prata pura. Quinze dias antes do Domingo do Divino ocorre na zona rural a Folia do Divino em que centenas de cavaleiros, ataviados, levando as bandeiras e as bênçãos do Divino Espírito Santo pedindo pouso nas fazendas, onde se desenrolam os bailes com a catira (dança só de homens, com palmas e sapateados), cantorias, queima de fogos e banquetes.

Cavalhadas

É difícil dissociar o nome de Pirenópolis ao de cavalhadas. Este espetáculo acontece em vários locais do Estado e mesmo do país, mas nesta antiga Meia Ponte ele adquiriu um brilho e uma competência invulgar e tornou-se espetáculo-ícone da Cidade.

Sabe-se que foi encenado pela primeira vez em 1826. As raízes desse evento estão mergulhadas no passado lusitano e tempos medievais – quase se pode dizer que é algo pertencente ao inconsciente coletivo dos povos de origem portuguesa. Trata-se de uma representação simbólica da luta entre cristãos e mouros, com a derrota dos mouros e sua conversão ao cristianismo.

Uma das coisas empolgantes nesse espetáculo são seus valores plásticos representados pelo figurino luxuoso e a movimentação excepcional de seus cavaleiros. Os animais usados, belos e imponentes cavalos, são treinados desde poldros para o mister, inclusive para não se assustarem com tiros de pistola que faz parte da encenação. As roupagens com que se vestem os participantes são invenção própria das figurinistas da Cidade e se apresentam com luxo invulgar – cetins, veludos, plumas, ornamentos metálicos e espelhos, além de símbolos cristãos como a

pomba branca do Divino. São vários quilos de fantasia que exigem muita habilidade e resistência física dos cavaleiros. Também as os arreios são decorados, principalmente com peças de prata. Os mouros são vestidos de vermelho e os cristãos adotam a cor azul.

Os litigantes são representados por 12 cavaleiros de cada lado.

O drama se expressa através de carreiras, simbolizando lutas e igualmente de diálogos entre mouros e cristãos, que são recitados durante o espetáculo, obedecendo a antigas tradições. A festa dura três dias e é encenada no Campo das Cavalhadas e se compõe de etapas:

1. Inicio: descoberta de um espião;
2. Diálogos entre embaixadores de mouros e cristãos;
3. Encontro dos reis;
4. Batalhas;
5. Embaixadas de trégua;
6. Batismo dos mouros;
7. Final: competição festiva (tira-cabeças e argolinhas) entre mouros e cristãos.

As penúltima e última etapas contam com a colaboração do padre local que batiza, simbolicamente, os mouros.

Os diálogos têm uma construção bastante saborosa. Damos adiante uma amostra, quando o embaixador dos mouros fala com o rei cristão:

> Oh! Monarca esclarecido, o poderoso Sultão, que tal raio, qual trovão, neste mundo tão temido, te comete por partido, que deixeis a lei de Cristo e abraces a de Mafoma; que se fizeres isto terás paz, honra e, sobretudo, a sua amizade em quanto é visto, mas, se este partido não quiseres abraçar, verás, oh Rei atrevido, a terra tremer, os clarins romperem os ares, o bronze gemer, o sangue correr aos mares e o meu Mafoma vencer.

Responde o Rei Cristão:

> Atrevidas e arrogantes foram as palavras que acabastes de pronunciar perante minha alta soberania e fidedignos vassalos de minha corte. Não fossem as leis do meu império, consagrados às três pessoas da Santíssimas Trindade, aplicar-vos-ia o merecido castigo. Entretanto, voltai e dizei ao vosso Rei que não me assustam inimigas tropas, nem as terríveis ameaças com que pretende intimidar os fiéis e destemidos soldados do meu esquadrão que em campo estou e em campo espero.

Paralelamente ao espetáculo sério das cavalhadas, temos os mascarados também conhecidos como ***curucucus*** que usam roupas bizarras e máscaras coloridas imitando bois, onças e gente. A máscara de boi é quase um símbolo dessa brincadeira e ela hoje, em grandes dimensões, ornamenta as ruas da Cidade na época das festas.

Os ***cucurucus***, geralmente montados a cavalo, saem pelas ruas dançando, cantando, anarquicamente. E que ninguém se zangue com as irreverências!

O espetáculo das cavalhadas e sua aceitação por todos, de mamando a caducando, já foi objeto de sérios estudos acadêmicos pretendendo destrinchar o seu simbolismo histórico e antropológico.

Mas de qualquer ângulo que encaremos o espetáculo podemos perceber os componentes da alegria e da estética popular, à semelhança do Carnaval e seu desfile das Escolas de Samba e Bumba-meu-boi, que, pela graça de Deus, caracterizam nosso povo.

Observações finais

O ânimo que comanda a Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis e que se desdobra no espetáculo das Cavalhadas, embora tenha raízes européias, ancorou-se no gosto popular e tornou-se, sem sombra de dúvidas, um componente da cultura local de inestimável valor. Mais ainda: houve uma irradiação, via atividade turística, desse evento em todo o






MARCONI

território nacional, em termos de aceitação e admiração pela grandiosidade e excelência do espetáculo.

Não nos cabe aqui uma análise dessa empatia pelo acontecimento, projetando-o no inconsciente coletivo, mas algumas de suas peculiaridades mais superficiais podem ser percebidas pela simples observação: é um teatro em que se mesclam figurino, comportamento de atores, exibição de habilidades cênicas, desempenho físico de protagonistas, argumento, e, como no teatro clássico, começo, meio e fim. Os figurinos luxuosos, criados ao longo do tempo, oferecem um componente de atração visual que vem se valorizando de ano para ano. E mais ainda: é exemplo de ***happening*** de participação coletiva, sem nenhuma implicação profissionalizante, o que lhe garante certa pureza de coisa espontânea e original.

O reconhecimento do valor como espetáculo cultural dessa exibição necessitaria, cremos nós, para sua consagração, de duas etapas – uma no âmbito nacional que deveria ser traduzida na sua qualificação como Patrimônio Cultural Brasileiro por manifestação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, com a devida inscrição no Livro das Celebrações, à semelhança do que foi feito com o Círio de Nossa Senhora de Nazaré de Belém do Pará. Isso se fez no dia 15 de abril de 2010. Este fato auspicioso, é claro, implica em um maior cuidado no sentido de que As Festas do Divino e as Cavalhadas de Pirenópolis não se transformem em mero "show" turístico, evitando desvirtuamentos na sua qualidade de autêntica manifestação cultural. Manter essa integridade, reconheçamos, é coisa extremamente difícil.

Outra etapa a ser atingida seria no sentido de verificar como essa exibição seria recebida fora de nossas fronteiras. Isto é, como gente de outra cultura perceberia o espetáculo, e se essa gente compreenderia o seu valor artístico, mesmo que oriundo de uma cultura diferente.

Curiosamente, a aceitação, ainda que parcial (parcial porque se limitou às Cavalhadas), das qualidades desse fenômeno cultural, fora de nosso país, aconteceu em 2005, na França, antecedendo assim, ainda que informalmente, a um reconhecimento oficial nacional.

Essa apresentação na França ocorreu no hipódromo de Chantilly, com o patrocínio da grife Hermes, com a presença de 40.000 pessoas.

A nossa comitiva estava composta de 31 pessoas, dentre elas os 24 cavaleiros.

O convite para esse evento foi do embaixador Sergio Amaral e a viajem foi viabilizada pelo então governador de Goiás, Marconi Perillo.

As testemunhas do evento impressionaram-se pela acolhida do público que aplaudiu de pé os cavaleiros que estavam montados em magníficos cavalos árabes, colocados à disposição dos mouros e dos cristãos.

O lado curioso do espetáculo corre por conta de certas dificuldades dos cavalos em obedecer as ordens dos nossos cavaleiros, dadas inclusive em português ou mesmo através de gestos convencionais, aos quais nossos cavalos daqui, devidamente treinados, estavam acostumados. Outro aspecto correu por conta do "enredo" do espetáculo, era conveniente não explicitar muito a derrotas dos mouros, já que entre os assistentes encontravam-se muitos milionários árabes...

Mas a aceitação foi tamanha que na ocasião nossa Cidade foi declarada Cidade-irmã de Chantillly.









9 Costumes alimentares

Este capítulo refere-se a alguns costumes alimentares do meiapontense, principalmente naquilo que se ajusta à sua paisagem cultural. Lembre-se que a gastronomia, antes de atender uma necessidade de ordem biológica, é um ato que se insere no modo de vida social e tem profundas ressonâncias culturais. Aliás, antes de prosseguir, seria conveniente citar o Mestre Câmara Cascudo que na sua ***História da Alimentação no Brasil*** escreveu:

> Inútil pensar que o alimento contenha apenas os elementos indispensáveis à nutrição. Contém substâncias imponderáveis e decisivas para o espírito,alegria, disposição criadora, bom humor. Como temos o argumento "científico" de comparar o homem aos modelos zoológicos, olhai como os animais se alimentam! Com lentidão e majestade, os tipos mais altos da escala. Pachorra, vagar deliciado, prazer ruminativo, olhos vagos, focinho ao léu. Nenhum come velozmente senão os inferiores, desarmados para a luta competidora, ratos, lebres, antílopes. Leões, búfalos, elefantes, gorilas sabem comer! A urgência é inversamente proporcional à consciência da força possuída. Melhor é não comer que comer apressado, a menos que se esteja num self-service, tendo a companhia de um robot.

A culinária goiana, de maneira geral, está ligada a três fatores: a sociabilidade, aproveitamento da matéria-prima regional e a própria situação social da dona-de-casa.

Certos pratos, por exemplo, a pamonha (***pamuna*** na linguagem indígena), requisitam muitas pessoas, ou melhor, requisitavam no passado, e assumiam ar de festa. Ainda hoje, um convite para uma pamonhada é um gesto amável, mais do que uma simples cortesia. Significa que o convidado pode se considerar bem aceito na comunidade. Esta cozinha, como é óbvio, originou-se das cozinhas portuguesa, africana e indígena. Do índio herdamos, principalmente, o aproveitamento dos produtos naturais, mas sabe-se que esses nossos antepassados nunca foram bons cozinheiros, usavam as raízes, caça e pesca mal cozidos e pouco temperados, e frutos comidos ***in natura***. Dos escravos recebemos a habilidade no aproveitamento dos restos das mesas dos brancos e o sábio uso dos temperos, principalmente das pimentas. Dos portugueses ganhamos, principalmente, as receitas dos doces e quitandas.

Mas pertencemos, sem dúvida, à civilização do milho, ao invés da do trigo. O milho, especialmente o verde, é empregado fartamente nas nossas cozinhas de Pirenópolis. Certos estudiosos já constataram cerca de 150 maneiras de se trabalhar o milho como comida, em Goiás. A principal e mais importante forma é a pamonha cozida. Composta unicamente de pasta de milho verde ralado e cozido em cartuchos de sua palha ou em folhas de bananeira, com pedaços de queijo-de–minas ou lingüiça é, geralmente, ingerida acompanhada por goles de café. Além da clássica pamonha cozida, que hoje é comida nacional, temos a pamonha frita, a assada (doce) e o curau (a canjiquinha nordestina) também doce. O goiano não dispensa a pamonha durante todo o ano e, assim, o milho verde é produzido com lavouras irrigadas. O angu de milho verde é utilizado para acompanhar a galinha de cabidela ou o ***carirú*** goiano – um cozido com vários vegetais e carne, especialmente de frango. Sabe-se que nossos índios cultiva-

vam inúmeras qualidades de milho e eram grandes consumidores do produto, mesmo sem cozimento.

Por falar em índios, sobre o assunto culinária brasileira, Gilberto Freyre diz em *Casa grande e senzala*:

> A cilinária nacional – seja dito de passagem - ficaria empobrecida, e sua individualidade profundamente afetada, se se acabasse com os quitutes de origem indígena: eles dão gosto à alimentação brasileira que nem os pratos de origem lusitana nem os manjares africanos jamais substituíram.

O milho seco desdobra-se em três ingredientes que são matéria-prima de inúmeros pratos: farinha de milho, fubá e a canjica. O fubá, além do angu (comida dos escravos) é componente importante pra biscoitos e bolos.

> Em tempos de antigamente a filha do chefe indígena engravidou, sem contacto com homem. O pai, inicialmente furioso, acalmou-se devido a um sonho. Nasceu uma menina muito bonita que recebeu o nome de Mani, mas que morreu depois de um ano de existência, sem doenças, sofrimento ou dor. Sobre seu túmulo surgiu um arbusto novo e a terra fendeu-se como mostrando o corpo da morta. Encontraram raízes muito fortificantes e chamaranas de Mandioca – casa de Mani.
>
> (Lenda indígena, transcrita por Câmara Cascudo)

Nosso relacionamento com a mandioca, "rainha do Brasil", como fala Câmara Cascudo, é de absoluta intimidade. Relacionar todos os usos que se faz da mandioca é quase impossível e o principal deles é a farinha de mandioca, diferente, aliás, da nordestina, a daqui é queimada, macia, amarelada e com pequenos bijús. A ***paçoca de pilão*** era, em tempos idos (na verdade, muito apreciada até hoje), o prato predileto dos viajantes, principalmente dos tropeiros, em vista de sua durabilidade – semanas. Hoje é apreciada devido a seu inigualável sabor. É obtida pela socagem da mistura, no pilão apropriado e de madeira, da carne frita (de preferência carne-seca), com a farinha de mandioca e temperos. Nas refeições comuns é servida com arroz e bananas. Aqui em Pirenópolis costuma ser encontrada em restaurantes. Quem mora em apartamentos e não pode ter seu pilão pode substitui-lo pelo processador, isso representa certa heresia, mas...

Diga-se, de passagem, que a carne-seca daqui é diferente do charque e da carne-de-sol nordestina. Ela é demoradamente exposta ao sol e ao sereno e é mais desidratada. O sereno é importante, pois impregna a carne com certa dose de poesia gustativa, e recebendo, em noites com luar, sua luz, nem se fala...

Merece um destaque especial, verdadeira entronização no altar gastronômico do goiano, de maneira geral, o pequi, que tem o nome técnico elegante e significativo – ***Cariocar brasiliense***. O pequi, palavra de origem tupi, é um dos legados da cozinha indígena. Muito já foi escrito, em prosa e verso, sobre essa fruta mágica. O pequizeiro é uma bela árvore do cerrado, exclusivamente do cerrado, e, quando velho, ostenta um aspecto frondoso, mesmo em plena seca. Sua sombra é acolhedora para bichos e homens cansados. A região em que se situa Pirenópolis é rica em pequizeiros, embora, criminosamente, encontram-se ameaçados pelo agronegócio mal conduzido, principalmente pela técnica de irrigação de pivô central que obriga o corte das árvores. O pequizeiro, antes de nos entregar seus frutos, ornamenta-se com uma bela floração de belo desenho e lindas cores – é, inclusive, alimento para muitos animais silvestres, habitantes dos gerais, principalmente veados campeiros, cutias e pacas. Seus frutos podem ser colhidos ente fins de outubro e meados de dezembro. Estes frutos guardam, no seu interior, de um a quatro grãos amarelos, amarelos, amarelos!

Embora haja uma preferência inconteste do simples pequi com arroz, pode-se compô-lo também com farofa, na galinhada, e até sob a forma de licor. Aos não iniciados na arte de degustação do pequi é necessário algum cuidado – deve-se roê-lo superficialmente, como é o costume, pois, debaixo de uma fina camada de polpa, existe uma bola de finos espinhos que grudam, dolorosa e incomodamente, na língua e nas gengivas.

A temporada de colheita do pequi, do cajuzinho e da mangaba é encarada como prática esportiva e os proprietários das terras onde eles se encontravam, pelo menos antigamente, não reclamavam da invasão. Hoje..., sei não!

Dizem as más-línguas que a mudança da capital da Cidade de Goiás para Goiânia só ocorreu quando o então Governador Pedro Ludovico anunciou que nas terras da nova Cidade, o pequizeiro dava duas vezes por ano!...

De qualquer maneira, diz-se por cá: ***Em região de pequizeiro não há homem frouxo nem mulher que nunca pariu!***

Hoje, com a técnica das conservas e uso dos "freezers", pode-se desfrutar do pequi o ano todo – notável desenvolvimento tecnológico!

Finalmente, em homenagem ao pequi, transcrevemos adiante a ***Canção do Pequi*** do escritor mineiro/goiano Anatole Ramos:

Ninguém tinha me ensinado
Como se come o pequi.
Fui comê-lo sem cuidado,
Com seus espinhos sofri.
Goianinha, goianinha,
O que foi me acontecer?
Fui beijar-te sem cuidado,
E o meu coração coitado,
Não pode mais te esquecer.
Ninguém tinha me avisado
Que é perigoso o pequi.
Goiana, como é que faço,
Para esquecer de ti´?
Goianinha, goianinha,
O que foi me acontecer?
Fui beijar-te sem cuidado
E o meu coração, coitado
Não pode mais te esquecer.

Outra paixão culinária destas bandas, em especial de Pirenópolis, é a guariroba, a ***gueroba***, para os íntimos. Trata-se de um palmito amargo extraído de uma palmeira de aspecto adusto. É comido de várias maneiras, refogado com molho de tomate ou misturado com arroz. Hoje, o produto se encontra industrializado em conservas e é retirado de palmeiras cultivadas. Existe, em Pirenópolis, uma variação e uma preferência – um palmito mais amargo e menor, chamado ***catulé***.

Da quitandas, a mais apreciada é o biscoito de queijo que guarda certa semelhança com o pão de queijo

A relação de sobremesas é vastíssima, principalmente dos doces de frutas em caldas – mangada, cajuzinho, mamão verde, etc.

O mais delicado doce é obtido com a polpa do coco do buriti.Tem uma acidez e um sabor silvestre inigualável.

Também as rapaduras e as ***moças de engenho*** são bastante produzidas aqui, e os doces em que entra melado de rapadura são sem similares no seu sabor caipira.

A famosa Pensão Padre Rosa do folclórico Joanito Jaime se gabava de oferecer habitualmente, em média, 35 qualidades de doces. Herdamos esse hábito dos portugueses, devotos de doces e bolos e que costumam dizer que ***o doce nunca amargou***. Atualmente, existe, administrado pelo filho de Joanito, o Restaurante Pensão Padre Rosa, tentando reeditar a fartura dos tempos do Velho.

Outro restaurante que guarda essa tradição de abundância é o Restaurante das Flor, com sua enorme variedade de pratos goianos.

Achamos que seria conveniente terminar este texto abordando o paladar. Se reunirmos a ele outros sentidos como o olhar, o tato e a audição percebemos que todos eles podem ser satisfeitos se soubermos apreciar a Cidade em toda a sua inteireza. Para isso basta que tenhamos um espírito aberto e queiramos um desfrute amplo e não um simples turismo redutor.